

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Instituto de Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

Daniela Barbosa de Oliveira

**Entre o Cão e o Cordeiro: A *Guerra do Fim do Mundo* Carnavaliza os Fanatismos de Canudos.**

Juiz de Fora

2012

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Instituto de Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

Daniela Barbosa de Oliveira

**Entre o Cão e o Cordeiro: *A Guerra do Fim do Mundo* Carnavaliza os Fanatismos de Canudos.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Helena Domingues

Juiz de Fora

2012

Oliveira, Daniela Barbosa de.

Entre o Cão e o Cordeiro: *A Guerra do Fim do Mundo* Carnavaliza os Fanatismos de Canudos/ Daniela Barbosa de Oliveira - 2012.

118 f.

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. Vargas Llosa. 2. Crítica. 3. Interpretação. I. Título.

Daniela Barbosa de Oliveira

**Entre o cão e o cordeiro: *A guerra do fim do mundo* carnavaliza os fanatismos de Canudos.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Juiz de Fora, 11 de maio de 2012.

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Beatriz Helena Domingues – Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Profa. Dra. Marina Annie Martine Berthet – Presidente  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto – Membro Titular  
Universidade Estadual de Campinas

---

Profa. Dra. Silvina Liliana Carrizo – Membro Titular  
Universidade Federal de Juiz de Fora (FALE)

*Trabalho dedicado a minha amada irmã,  
Roberta.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus não por ter logrado finalizar esse desafio, mas por me permitir sonhá-lo, desejá-lo e compartilhá-lo com aqueles que amo. Agradeço, aliás, por me permitir amar, executar este sentimento tão verdadeiro, talvez minha maior qualidade que, para bem da verdade, não é minha, senão dom divino generosamente difundido entre os corações daqueles que aceitam e exaltam seu mistério. Meu sincero obrigada a Ele!

Aos meus pais, Maria e Roberto, que pela simplicidade de suas trajetórias me guiaram pelos caminhos da fé e da humildade. A eles que talvez não compreendam bem a dimensão e o alcance desta conquista, mas que nunca questionaram minhas escolhas, apoiando-me com seu amor, dedicação e cuidado.

Agradeço, sobretudo àquela que é minha verdadeira alma gêmea. O ser humano mais semelhante a mim, muito além das pretensas certezas da genética, já que compartilhamos do DNA dos mesmos pai e mãe. Mas, semelhante porque a cada passo, decisão ou escolha que a vida me impõe é nela que penso em primeiro lugar, minha irmã, confidente, companheira e melhor amiga, Roberta ou simplesmente *Girl*. Somente ela sabe verdadeiramente dos percalços que enfrentei. Por isso dedico a ela meu maior agradecimento e todo o amor do mundo, pois como ela bem sabe “a medida de amar é amar sem medida” e é assim que eu a amo.

Aos verdadeiros amigos: Cris, Cíntia, Alê, Bruna, Julião e Fernando que, sempre presentes, realçaram em minha vida o verdadeiro significado da palavra amizade. Tenho certeza que nossos caminhos estarão para sempre unidos.

A minha querida orientadora, Beatriz Helena Domingues, que acreditou em meu projeto e sem a qual a realização desta tarefa não seria possível. Obrigada pelas dicas, correções, pelos textos, pelas ideias, mas principalmente pelo incentivo, pelo apoio, pelo elogio, pelo sorriso e pela constante empolgação capaz de contagiar até mesmo os mais desanimados.

Aos mestres do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobretudo aos professores Alexandre Barata e Maraliz Christo, cujas disciplinas ministradas durante o mestrado foram essenciais para a realização desta dissertação. Agradeço ainda a Ana Mendes, secretária do Programa de Pós-Graduação, sempre disposta a esclarecer as dúvidas mais banais com um grande e simpático sorriso no rosto.

E finalmente, a todos aqueles que de alguma forma foram obrigados a aturar meu mau humor durante os dois últimos anos, devido às noites de sono perdidas, à privação de alguns momentos de diversão, ao afastamento dos amigos e às lágrimas de cansaço, medo e dúvida. Enfim, foi por uma boa causa!

*No merecemos el olvido. Somos la voz del pueblo,  
dice un señor sentado, con sus dos ojos  
vendados, pero que aún tiene la esperanza en sus  
manos.*

Juanes y Andrés Calamaro



## RESUMO.

Esta dissertação tem por objetivo uma análise direcionada da obra *A Guerra do Fim do Mundo* (1981) de autoria do aclamado escritor peruano Mario Vargas Llosa. Pretendo demonstrar que o autor se utilizou do humor, da paródia e do sarcasmo em consonância com as mais primitivas interpretações a respeito da Guerra de Canudos (1896- 97), um dos conflitos mais marcantes da história do Brasil e tema central de sua obra, bem como se apropriou e ressignificou alguns dos elementos da carnavalização literária, teoria proposta e desenvolvida pelo igualmente célebre crítico russo Mikhail Bakhtin. Tal teoria alcançou os meios intelectuais e acadêmicos americanos com maior força justamente no período em que a obra vargallosiana estava sendo elaborada. O trabalho é composto por uma introdução sumária, na qual se demonstra de que maneira o tema foi pensado e delineado, três capítulos, nos quais a argumentação é gradativamente construída, e uma conclusão.

**Palavras-chave:** Carnavalização. Vargas Llosa. *A Guerra do Fim do Mundo*.

**ABSTRACT.**

This dissertation aims at an analysis of the book *The War of the End of the World* (1981) authored the acclaimed Peruvian writer Mario Vargas Llosa. I intend to show that the author used humor and parody in line with the earliest interpretations of the War of Canudos (1896-97), one of the most outstanding conflicts in the history of Brazil and central theme of his work, as well as new meaning and appropriated some elements of carnivalization literary theory developed by the equally famous critic Russian Mikhail Bakhtin and reached the American academic and intellectual circles with greater strength precisely while the Vargas Llosa's work was being prepared. The work consists of a summary introduction, three chapters, in which the argument is gradually built, and a conclusion

Keywords: Carnivalization. Vargas Llosa. *The War of the End of the World*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
<b>CAPÍTULO I - VISÕES DE UMA GUERRA: Imprensa, humor e mito na Guerra de Canudos.</b>	<b>18</b>
<b>1.1 PRIMÓRDIOS DE UM CONFLITO: o território sertanejo como fonte.</b>	<b>18</b>
1.1.3 <i>Os profetas do sertão</i>	20
<b>1.2 O DESPERTAR DE UM MITO.</b>	<b>22</b>
<b>1.3 “CONVENCENDO PELO RISO”: Mídia e humor narram uma Guerra.</b>	<b>25</b>
1.3.1 <i>De andrajos e poeira emerge o inimigo.</i>	29
<b>1.4 HISTERIA COLETIVA, AMEAÇA À REPÚBLICA E IGNORÂNCIA INATA JUSTIFICAM UM MASSACRE.</b>	<b>36</b>
<b>CAPÍTULO II – UMA OBRA E SEU MESTRE: Leituras e reflexões sobre <i>A Guerra do Fim do Mundo</i>.</b>	<b>48</b>
<b>2.1 POLÍTICA E LIBERDADE CRIATIVA NA VIDA E OBRA DE VARGAS LLOSA</b>	<b>51</b>
<b>2.2 ESPELHOS DA MEMÓRIA: O autor e seus personagens.</b>	<b>58</b>
<b>2.3 UMA OBRA, MÚLTIPLAS FACES: as possibilidades de <i>A Guerra do Fim do Mundo</i>.</b>	<b>63</b>
<b>2.4 O PARADIGMA EUCLIDIANO E A REESCRITA DE CANUDOS.</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO III - ENTRE O CÃO E O CORDEIRO: O CARNAVAL.</b>	<b>78</b>
<b>3.1 FRONTEIRAS CARNAVALESCAS.</b>	<b>80</b>
<b>3.2 “AO AVESSO” SE CONSTRÓI A LÓGICA DE CANUDOS: o Carnaval em <i>A Guerra do Fim do Mundo</i>.</b>	<b>88</b>
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	113

## INTRODUÇÃO

Por muitos séculos os limites entre o saber literário e aquele designado enquanto saber oficial foram discutidos e reinventados. Aristóteles inauguraria o debate em seu clássico *Poética*, no qual postulou que cabia à história a narração dos fatos que efetivamente aconteceram e a literatura, por sua vez, estaria encarregada de, pelo ato criativo, representar os episódios de ocorrência meramente possível.<sup>1</sup> O positivismo do século XIX radicalizaria esse rigor metodológico em um esforço pela institucionalização do ofício do historiador, primando pela cientificidade e pela prerrogativa do documento, concedendo aos estudos históricos o estatuto de verdade que exaltava os “grandes feitos dos homens ilustres”.

O século XX, no entanto, trouxe consigo um apelo por renovação, ainda que não consensual<sup>2</sup>, em vários níveis, expresso, sobretudo, em uma crescente disposição em desenvolver um tipo de conhecimento interdisciplinar, ou *transdisciplinar* como preferiu Richard Morse, que beberia em outras esferas do saber, tais como a antropologia, a psicologia, filosofia e a literatura. Este trabalho se localiza justamente na esteira destas tendências que visam aproximar conhecimento histórico e crítica literária.

A literatura se constitui atualmente como material mister, imprescindível a todo pesquisador, seja ele sociólogo, antropólogo ou historiador, que se disponha a estudar a América Latina. Nesse sentido, procurarei, através da análise de uma obra literária, *A Guerra do Fim do Mundo* (1981), do prestigiado romancista peruano Mario Vargas Llosa, contribuir para o entendimento diferenciado de um episódio já largamente discutido pela historiografia brasileira, a Guerra de Canudos, que abalou o sertão baiano entre os anos de 1896 e 1897.

Devo confessar que, enquanto estudante e historiadora, a temática de Canudos nunca se mostrou muito atrativa para mim. Esteve sempre lá, pairando, juntamente a outros momentos dramáticos da história brasileira da época, sob o rótulo de "Revoltas da Primeira República", sem nunca me despertar qualquer impulso de curiosidade ou pelo menos, sem jamais me indicar um caminho novo a ser explorado para além do que já estava dito.

Quanto a Mario Vargas Llosa não há porque negar, o escritor peruano não passava de um nome, preservado pela lembrança, bastante remota de certa imagem, talvez alguma

---

<sup>1</sup> ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **História e Literatura: Questões interdisciplinares**. Universidade Federal do Paraná, Paraná, s.d.

<sup>2</sup> Sobre esta ausência de consenso basta observar as querelas inauguradas pelas teorias de Hayden White que buscou, em última instância, localizar o trabalho historiográfico enquanto narrativa semelhante àquela ficção produzida pelos literatos. Ver em: MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da História: Hayden White e seus críticos**. Dissertação de Mestrado - UNB, Brasília, 2008.

reportagem de TV, ou quem sabe por uma citação em um texto qualquer, dentre a massa de informações que os cérebros dos estudantes universitários tendem a acumular. Meu interesse por outros nomes consagrados da literatura latinoamericana, como García Marquez e Pablo Neruda, somado às intempestivas do acaso, sempre ele, me puseram frente a *A Casa Verde*, terceira grande obra da carreira vargallosiana, aclamadíssima à sua época e vencedora do Premio Rómulo Gallegos. Não obstante ter gozado de uma surpreendente e prazerosa leitura, a obra não me deslumbrou, era férias e meu objetivo ao lê-la era puramente ocasional: hobby, distração. No entanto, o contato com um clássico de Vargas Llosa, acabou por mostrar-se mais útil e duradouro do que eu poderia supor. Serviu sobretudo, para fixar o nome do autor em minha mente, de modo que, quando novamente o acaso me apontou para *A Guerra do Fim do Mundo*, não pude resistir ao impulso de me permitir conhecer a interpretação de um consagrado escritor peruano, possuidor de um estilo indiscutivelmente peculiar, acerca de um evento tão estudado de nossa história.

Dessa vez a mágica aconteceu. A exemplo do que ocorrera com o próprio Vargas Llosa ao debruçar-se sobre a obra máxima de Euclides da Cunha, a leitura de *A Guerra do Fim do Mundo* despertou em mim interesse e encantamento imediatos. O autor peruano logrou construir uma narrativa que, para além de estar profundamente assentada em uma vastíssima pesquisa histórica e, portanto, transmitir ao leitor um panorama bastante convincente dos lances e desenlaces do conflito de Canudos, adicionou novas cores ao episódio, provocando um surpreendente estranhamento aos leitores que, assim como eu, acreditavam conhecer, ainda que superficialmente, as tonalidades daquela Guerra. Ángel Rama, intelectual uruguaio que dispensa apresentações, assim descreveu suas impressões logo após a primeira leitura da já clássica obra vargallosiana:

Concluida la lectura de las 549 páginas de *La guerra del fin del mundo*, dos conclusiones se imponen: es artísticamente una obra maestra y con ella ha quedado consolidada la novela popular culta en América Latina (...) tendrá millones de lectores.

Tal éxito se deberá (...) al imperio de la fuerza creadora. A la intensidad, amplitud y coherencia del proyecto y a la soberana sapiencia narrativa, debe atribuirse que América Latina alcance su *Guerra y Paz*, aunque con cien años de retraso, haciendo de su autor nuestro mayor clásico vivo.<sup>3</sup>

De fato a força criativa vargallosiana que lhe garantiu recentemente o Premio Nobel de literatura descortinou também uma interpretação muito singular para o episódio de Canudos, bem como para o contexto republicano brasileiro do século XIX. Recorrendo a

---

<sup>3</sup> RAMA, Ángel. **La guerra del fin del mundo**: una obra maestra del fanatismo artístico. Crítica literaria y utopía en América Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, pp. 335-63.

personagens dúbios - ora delinquentes cruéis ora beatos evangelizadores, jagunços monarquistas, elites desequilibradas, militares fanáticos e uma série de outros personagens contraditórios e complexos que em suas trajetórias não se espantariam em defrontar-se ainda com uma mulher barbada, um anão contador de histórias milenares ou com um escocês anarquista em busca da revolução sertaneja.

Todavia, a versão da maior guerra brasileira elaborada pelo escritor peruano apresenta, sem dúvida, elementos inéditos que a diferencia das demais. Seus personagens, cenários, diálogos e ações, ainda que ofereçam relações com a “história oficial”, me pareceram desde a primeira leitura, porque foram muitas, aludir a um “algo mais” que eu inicialmente não soube precisar com exatidão, mas que em pouco tempo tornou-se bastante claro para mim. Enfim, foi desse “algo mais” que nasceu esta dissertação.

A ambiguidade que caracteriza a maioria dos personagens e das relações de *A Guerra do Fim do Mundo* foi o primeiro elemento que me apontou para uma possível relação entre o texto vargallosiano e as noções acerca da carnavalização literária desenvolvidas pelo ilustre crítico russo Mikhail Bakhtin em seu magistral *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, obra a qual já havia dedicado certa atenção durante a graduação. No entanto, foi apenas uma sensação muito superficial, nada que me indicasse um caminho aberto a seguir e que poderia facilmente ter ficado por isso mesmo.

Porém, para minha surpresa, constatei a existência de dois pesquisadores que, assim como eu, haviam percebido o mesmo diálogo entre Vargas Llosa e Bakhtin. O primeiro deles foi o brasileiro Francisco Campos, que em sua excelente análise comparativa entre *A Guerra do Fim do Mundo* e as reportagens a respeito da Guerra de Canudos publicadas pelo periódico *A Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro à época do conflito, identificou a carnavalização aos moldes do que postulou o crítico literário russo como um recurso utilizado pelo escritor peruano na tentativa de representar em sua obra a “interpretação galhofeira”<sup>4</sup> que o jornal carioca engendrara para a Guerra.<sup>5</sup> Angélica Corvetto-Fernández, da Universidade de Lund na Suécia, de maneira semelhante observou a carnavalização como um dos atributos da

---

<sup>4</sup> O termo foi originalmente cunhado por: GALVÃO, Walnice Nogueira. **No Calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais – 4ª Expedição**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>5</sup> CAMPOS, Francisco C. **A gazeta de notícias do Rio de Janeiro (1896-7) e La guerra del fin del mundo (1981) de Mario Vargas Llosa: uma análise comparativa entre o discurso republicano e a (re) criação literária**, 2007. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) – UNESP, Assis, 2007.

narrativa literária latino-americana do século XX, utilizando a obra vargallosiana em questão, bem como títulos de outros autores, como modelo desta relação.<sup>6</sup>

Estas obras, no entanto, generosamente apenas insinuavam algo muito mais complexo, convidando outros pesquisadores a se arrisquem no desafio de explorá-lo. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho deriva, na verdade, de um aceite a este convite. Procurei ao longo de minha explanação traçar prováveis paralelos entre as obras de Bakhtin e de Mario Vargas Llosa. À primeira vista estas parecem duas realidades muito distantes, afinal a teorização bakhtiniana a respeito do conceito de carnavalização foi proposta para o contexto europeu, especificamente para mundo de Rabelais. No entanto, como demonstro no Capítulo III, não é raro encontrarmos autores que se arriscaram a ampliar sua interpretação para além das fronteiras do velho continente, apropriando-se da categoria do Carnaval como chave explicativa para outras conjunturas, bem como para as mais diversas manifestações artísticas. Minha proposta está, portanto, em consonância com esta tendência. Para executá-la desenvolvi o seguinte trajeto:

O capítulo I está dedicado a uma recuperação dos próprios episódios que erigiram a Guerra de Canudos e que transformaram o conflito em um dos marcos mais traumáticos de nossa história. Partindo de uma constatação da geografia, segundo a qual o território para além de um espaço meramente físico é também “produto resultante da moldagem pela ação social”<sup>7</sup>, desenvolvo inicialmente uma abordagem do território sertanejo, desde sua formação colonial até sua atual situação de ocaso e abandono, como fonte para o entendimento de algumas das causas que levaram à construção do Arraial de Canudos e sua posterior destruição. Proponho em concomitância, de acordo com as considerações de Raoul Giradert em sua obra *Mitos e Mitologias Políticas*, um debate acerca da possível elaboração de uma Mitologia Política a respeito de Canudos que teria localizado na comunidade religiosa o germe desencadeador de uma conspiração internacional disposta a sobrepujar o recém-instaurado regime republicano e restaurar em seu lugar a antiga monarquia. Para isso, faço uso de colocações de diversos jornais da época que estamparam em suas páginas não apenas as “provas irrefutáveis” da conspiração canudense, mas que fixaram também uma tendência, iniciada pela Literatura de Cordel, em abordar os lances da Guerra, bem como seus principais atores, através de um enfoque humorístico, sarcástico e burlador que acabaria por influenciar

---

<sup>6</sup> CORVETTO-FERNANDEZ, Angélica. El espacio-tiempo carnavalesco en dos momentos de la narrativa latinoamericana. **Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2000.

<sup>7</sup> SANTOS, Carlos. Território e Territorialidade. **Revista Zona de Impacto**, vol. 13, Setembro/Dezembro, ano 11, 2009.

muitas das representações posteriores do conflito, inclusive aquela elaborada por Mario Vargas Llosa.

Autor de ficções, ensaios e críticas, Vargas Llosa é hoje um dos escritores latino-americanos de maior relevância no cenário internacional, sobretudo após ser agraciado com o prêmio máximo da literatura, além de figura bastante influente na vida política de seu país, tendo inclusive concorrido à presidência da República no ano de 1990. Polêmico em boa parte de suas declarações, o escritor, outrora militante comunista, assume atualmente uma postura ideológica conservadora, identificando-se com a doutrina capitalista. Talvez por isso não goze de admiração unânime da crítica que, apesar dos grandes sucessos alcançados pelo autor, não raro o classifica como direitista conservador e preconceituoso. Vargas Llosa parece não se incomodar com os comentários e chegou a afirmar em entrevista que se considera europeu, não só por possuir dupla nacionalidade, mas porque ele próprio o decidiu assim.<sup>8</sup>

A polêmica trajetória intelectual de Vargas Llosa é assunto do Capítulo II, assim como o processo de construção de *A Guerra do Fim Mundo* que, de alguma maneira, marca uma cisão bastante significativa na produção do autor. Há ainda um debate acerca da alardeada relação entre a obra vargallosiana e *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Em inúmeras entrevistas o escritor peruano deixou explícita sua admiração pelo clássico euclidiano, admitindo-o como grande fonte de inspiração para sua reescrita de Canudos. As comparações entre as duas obras tornaram-se, então, inevitáveis. Apresento, nesse sentido, um breve levantamento das discussões que envolvem inclusive algumas polêmicas sobre a qualidade de um trabalho em relação ao outro.

Por fim, no capítulo III desenvolvo minha interpretação antropofágica a respeito de *A Guerra do Fim do Mundo* propondo sua relação com diversos elementos da carnavalização literária, tal qual definida pela já citada obra bakhtiniana, como a paródia, o humor, a dualidade do mundo, a ambiguidade e as imagens do chamado Realismo Grotesco. Vale lembrar que a obra de Vargas Llosa foi elaborada justamente no momento, décadas de 1970-80, em que as teorias literárias de Mikhail Bakhtin ganhavam maior força no interior dos círculos intelectuais e acadêmicos da América Latina, o que torna a aproximação que proponho ainda mais plausível.

Literatura e história, lado a lado, cada uma com seus próprios métodos, se assemelham ao procurarem elaborar discursos explicativos acerca de seus objetos e em ambos os casos a

---

<sup>8</sup> **Vargas Llosa e o indigenismo.** Disponível em: <<http://puertoelhueco.blogspot.com/2006/05/vargas-llosa-y-el-indigenismo.html>>. Acesso em 13 de agosto de 2010.



marca do literato ou do historiador está impressa no produto final. A Guerra de Canudos é um exemplo privilegiado de como a literatura pode contribuir sobremaneira para o conhecimento histórico e de como a *transdisciplinaridade* é benéfica para este debate que não se restringe aos limites de uma ou outra área, mas que, na verdade, faz parte de um campo muito maior, aquele que a Academia convencionou classificar como as Humanidades.

Como eu mesma fui uma vez convidada a explorar Canudos pela ótica vargallosiana, deixo aqui também o convite para uma análise da obra do peruano pela recorrência aos postulados bakhtinianos. Mais uma entre as muitas possibilidades de apreensão e interpretação desde clássico da literatura latino-americana do século XX.

## **CAPÍTULO I – VISÕES DE UMA GUERRA: Imprensa, humor e mito na Guerra de Canudos.**

Onze meses de conflitos armados, quatro expedições militares, 25 mil mortos. Estes são apenas alguns números daquela que foi a maior guerra civil ocorrida em território brasileiro. Situada na galeria composta pelas inúmeras insurreições deflagradas em contextos de alteração de regimes políticos, a Guerra de Canudos deita suas raízes em episódios muito anteriores à instauração da República no Brasil.

### **1.1 PRIMÓRDIOS DE UM CONFLITO: o território sertanejo como fonte.**

*A face marcada pela mesma vida seca como a terra, rachada.*

(...)

*Guerra pela terra, a pedra contra o tanque*

*Guerra altera a terra, nada será como antes.*

*Na inversão dos papéis do pequeno Davi contra Golias, o Gigante.*

Pedra e Bala – Cordel do Fogo Encantado

O espaço sertanejo, sobretudo o nordeste do país, caracteriza-se enquanto locus privilegiado de representações e significados, sendo objeto não apenas da pesquisa histórica, mas ocupando lugar de destaque na imprensa, na arte, na literatura, na ciência e inclusive no senso comum. Segmentos que, não raro, observaram o sertão e os sertanejos sob a perspectiva de um estranhamento que vai além da mera questão geográfica que os localizam alheios aos grandes centros “pensantes”, senão incorporaram também elementos de diferenciação e distanciamento cultural, de modo que o sertão deixa de ser apenas lugar e passa a representar outros qualificadores, tais como ignoto, atrasado, místico, infértil e seus habitantes tornam-se arquétipos do homem primitivo, “durão”, vingativo e religioso. Mario Vargas Llosa observou perplexo alguns destes princípios morais que parecem reger o cotidiano dos sertanejos: “A honra, a vingança, essa religião tão rigorosa, esses códigos de conduta tão pontilhados, como explicar-lhe neste fim do mundo?”<sup>9</sup>

Essa construção remonta, na verdade, aos séculos iniciais da colonização portuguesa no Brasil, cujas primeiras incursões limitaram-se a explorar meramente aquele litoral visível aos navios lusos que, ambicionando por ouro, prata e pedras preciosas tiveram de contentar-se

---

<sup>9</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **A Guerra do Fim do Mundo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 229-30.

com a única riqueza aparente, o pau-brasil, produto que devido à sua fácil localização e exploração inibia as empreitadas colonizadoras rumo ao interior do território ao mesmo tempo em que expulsava parte da população nativa do litoral.

Sempre motivados pelos interesses do mercado consumidor europeu, o próximo empreendimento português na colônia seria a produção em larga escala de cana-de-açúcar, ainda na costa do território, iniciativa que impulsionou o estabelecimento de um contingente populacional maior nesta região, entre portugueses e trabalhadores escravos. Não havia, portanto, um mercado interno ativo. Todavia era necessário oferecer subsídios para a manutenção dos braços envolvidos neste processo, sem, contudo, interferir na ocupação das terras férteis que eram de uso exclusivo da agricultura canavieira. Nesse sentido, foi preciso buscar terras menos produtivas e, por conseguinte, mais distantes do litoral que pudessem servir como pasto para criação de animais, principal fonte de alimento para aquela população. Foi assim que se iniciou a efetiva ocupação do sertão brasileiro, “coincidente com o coração do país, sua porção mais interior”<sup>10</sup>.

A interiorização da colonização viria a se completar, sobretudo, a partir da prospecção de minas de metais e pedras preciosas que forçaram a penetração cada vez mais intensa do vasto território colonial, delineando seus contornos atuais. Expedições exploratórias, a exemplo das entradas e das bandeiras, também contribuíram para elevar ainda mais a população interna. Além do elevadíssimo número de escravos que constantemente chegavam às regiões mais interioranas, verificou-se também um afluxo de um sem número de aventureiros vindos de todas as partes da Europa atraídos pelo sonho de um enriquecimento fácil e célere insinuado pela abundância aparente de metais. André João Antonil observou à época:

Cada ano, vêm nas frotas quantidade de portugueses e de estrangeiros, para passarem às minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil, vão brancos, pardos e pretos, e muitos índios. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus, seculares e clérigos, e religiosos de diversos institutos.<sup>11</sup>

O fenômeno das bandeiras alterou geográfica e socialmente a estrutura da colônia, sulcando o sertão e enxertando de homens o que antes era só pasto, seca e gado. O reconhecimento e a exploração foram gradativamente substituídos pela fixação. Sobretudo às

---

<sup>10</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império de Belo Monte**: vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 13.

<sup>11</sup> ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em : <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>.

margens do Rio São Francisco e fundamentadas nas doações de sesmarias foram surgindo inúmeras fazendas pecuaristas, inclusive nos recantos mais solitários da caatinga. Tão contundentes foram essas incursões que, em pouco tempo, no rumo norte “já se praticava a pecuária no interior do Piauí, enquanto no rumo oeste chegaria a Mato Grosso e dali à bacia amazônica”<sup>12</sup>.

Na região do São Francisco estas fazendas chegaram a constituir-se como verdadeiros protetorados tal sua extensão e número de habitantes e trabalhadores. Uma delas, a Fazenda *Casa da Torre*, chegou a acumular mais de 1000 quilômetros ao longo do rio<sup>13</sup>, entre suas possessões, limitando-se ao nascente com a fazenda Cocorobó, ao norte com a Canabrava, para o poente com a Barra e para o sul com o Rosário<sup>14</sup>, já em situação de decadência financeira, é que em finais do século XIX viria a se formar o hoje célebre arraial de Canudos ou apenas povoado de Belo Monte como preferia seu mais notável residente, Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro.

### 1.1.2 *Os profetas do sertão*

A noção de sertão está historicamente associada à imagem de sociedades tradicionais, rurais, rústicas, contrárias aos avanços do progresso e da ciência, o que também se dá no âmbito da religiosidade, o qual normalmente caracteriza-se por uma espécie de catolicismo tradicional mesclado a práticas culturais cotidianas. Essa simbiose não chega a representar uma transgressão completa à doutrina romana, senão uma série de atitudes e ritos, apoiados na presença verdadeira da religião, que dialogam com a realidade sertaneja e contribuem para a superação das dificuldades diárias vivenciadas por estes fiéis.<sup>15</sup> Segundo Mircea Eliade, é comum em doutrinas de largo alcance que o ídolo basilar vá gradativamente “perdendo sua atualidade” e tornando-se um Deus longínquo, ou *Deus Otiosus*, de modo a abrir espaço para a exaltação de outras figuras divinas: o herdeiro, a matriarca, a natureza, antepassados, discípulos, testemunhas e uma sucessão de outros personagens mais próximos do homem e também por isso mais capazes de compreenderem suas mazelas.<sup>16</sup>

No contexto sertanejo nacional tal plasticidade no culto católico se traduziu no despontar dos incontáveis *conselheiros*, isto é, andarilhos leigos e pregadores de homilias e

<sup>12</sup> GALVÃO. *Ibidem*, p. 18.

<sup>13</sup> GALVÃO. *Ibidem*.

<sup>14</sup> CALASANS, José. Canudos: Origem e desenvolvimento de um arraial Messiânico. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, nº 34, Salvador, Janeiro de 1987, p. 47/63.

<sup>15</sup> GALVÃO. *Ibidem*.

<sup>16</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 62 e 63.

sermões, conhecidos apenas como conselhos, haja vista não procederam de sacerdotes oficiais. Apesar da aparente marginalidade, a função, por vezes, era altamente organizada, contando inclusive com certa hierarquia “abaixo do conselheiro havia o beato, que angariava esmolas para obras piedosas, puxava terços, dirigia ladainhas e entoava benditos. Quando um beato adquiria condições (...) passava a conselheiro. Tudo isso (...) conforme categorias da religiosidade popular, não reconhecidas pela Igreja”.<sup>17</sup> Pregando a salvação da alma e a iminência do “fim dos tempos”, esses religiosos conquistaram inúmeros seguidores e criaram comunidades.

Nesse sentido, à uma panorama agrário viciado, caracterizado pela concentração territorial nas mãos de poucos, bem como pela preponderância do grande latifúndio improdutivo em extensas regiões, somava-se o descaso e o desrespeito dos detentores do poder para com uma população interiorana tão ampla quanto carente, que a exemplo da religião, buscava novas maneiras de suportarem essa realidade opressora. A condição de desamparo das populações que habitavam o interior do nordeste brasileiro patrocina a incidência constante de conflitos e levantes sociais. Os sertanejos agrupavam-se em bandos de cangaceiros que aterrorizavam as populações locais, bem como atacavam propriedades, saqueando tudo que podiam. O cangaço transformou-se em uma das formas mais banais de luta e resistência contra a miséria e a fome no sertão, o uso da violência de forma rotineira e de caráter vingativo eram suas marcas mais aparentes.<sup>18</sup> Diferente do cangaço, a ação dos conselheiros buscava a superação de tais condições desfavoráveis não pela via da violência, mas através do desprendimento dos bens materiais, ou das “coisas do mundo”, em benefício de um estilo de vida guiado pela fé. No entanto, o messianismo dos beatos se aproximava da ação dos cangaceiros na medida em que podemos verificar que ambos se intensificavam de acordo com as condições de sobrevivência mais ou menos graves nos rincões sertanejos. A terrível seca que assolou o sertão da Bahia em 1877, causando uma crise econômica e social até então sem precedentes, fala-se de mais de cem mil mortos, além de mobilizar enormemente os saqueadores, também está ligada às primeiras notícias sobre o que viria a ser o arraial de Canudos.

---

<sup>17</sup> GALVÃO. *Ibidem*, p. 33.

<sup>18</sup> ARAÚJO SÁ, Antonio Fernando. O cangaço entre a história e a memória. **Revista Canindé**, Xingó, nº 3, Dezembro de 2003.

## 1.2 O DESPERTAR DE UM MITO

Ao mesmo tempo em que as condições de abandono do nordeste brasileiro mostravam suas facetas mais cruéis, o restante do país também mergulhava em um clima de intensa instabilidade que deixaria inúmeras cicatrizes em nossa história. O período que sucedeu à proclamação da República do Brasil foi marcado por uma crescente ebulição social, “o 15 de novembro não foi apenas o começo da República: foi o início de uma série de agitações revolucionárias de todos os graus e formas inimagináveis, civis e militares, de caráter ora econômico, ora político, ora religioso”.<sup>19</sup>

Apenas um ano depois da libertação dos escravos assistiu-se ao desenvolvimento de insurreições às vezes somente reduzidas a pequenos levantes sociais, mas algumas também densas e duradouras. Os problemas sócio-econômicos, conflitos militares, a Revolução Federalista, a guerra no sertão e as revoltas populares do início do século XX eram sintomas e agentes propulsores de um clima constantemente instável.<sup>20</sup> Vários anos decorreriam até a consolidação e o efetivo funcionamento do novo regime.

Em consonância com o pensamento de Raoul Girardet, momentos de excessivas perturbações políticas, como aqueles supracitados, são desencadeadores do que o autor denomina de “efervescência mitológica”.<sup>21</sup>

Não há nenhum dos sistemas mitológicos que tentamos definir que não se ligue muito diretamente a fenômenos de crise: aceleração brutal do processo de evolução histórica, rupturas repentinas do meio cultural ou social, desagregação dos mecanismos de solidariedade e de complementaridade que ordenam a vida coletiva. Nenhum que não se relacione a situações de vacuidade, de inquietação, de angústia ou contestação. (...) *é nos ‘períodos críticos’ que os mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade, exercem com mais violência seu poder de atração.*<sup>22</sup>

Girardet não se arrisca a definir taxativamente o que sejam as mitologias políticas, prefere um conceito aberto, que incorpora diversas interpretações: um sistema de crença coerente e completo que, em momentos críticos da história, surge embutido de funções deformadoras, explicativas e mobilizadoras. O objeto de pesquisa do autor são as mitologias emergentes nos séculos XVIII e XIX da história europeia, nas quais identifica quatro grandes

<sup>19</sup> BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**. São Paulo: Alfa-ômega, 1997, p. 218.

<sup>20</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 09.

<sup>21</sup> GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 180.

<sup>22</sup> GIRARDET. **Mitos e Mitologias Políticas**. Ibidem.

conjuntos mitológicos – A Idade de Ouro, o Salvador, a Unidade e a Conspiração<sup>23</sup>. Este ultimo, em especial, irá nos interessar para os fins desta reflexão.

Embora analise um período particularmente delimitado da história, Raoul Girardet entende que as manifestações do imaginário mitológico apresentam frequentemente uma gama de traços comuns. Apoiada nestas semelhanças admitidas pelo autor sinto-me respaldada para pensar certos eventos de nossa própria história sob a ótica das mitologias políticas.

Assim, a crise que se instalou no Brasil em finais do XIX, a meu ver constituiu um momento propício para a emergência de um tipo particular de crença bastante similar ao que Girardet chamou de um mito conspiratório, que classificou o movimento messiânico de Canudos como um complô contra o desenvolvimento e o progresso da nação brasileira. O primeiro passo deste fenômeno está ligado à representação inconstante e conjectural, que à época construiu-se a respeito de Antônio Conselheiro.

Embora tenha se tornado reconhecido pelas proezas realizadas enquanto mentor da Guarda Católica, “exército” composto pelos soldados do arraial baiano de Canudos, foi no interior do Ceará, em Quixeramobim, que nasceu e foi batizado o futuro Conselheiro, Antonio Maciel, no ano de 1830<sup>24</sup> e nada nas primeiras linhas de sua biografia poderia indicar os eventos fantásticos reservados para seu futuro. Oriundo de uma família financeiramente mediana, quando comparada à esmagadora e paupérrima maioria que povoava a região, seu pai era comerciante reconhecido na cidade e sua mãe morrera quando ele era ainda muito pequeno. Muitas histórias curiosas acerca do Maciéis vieram à tona após seu herdeiro mais ilustre ganhar notoriedade, a maioria delas, no entanto, e como veremos, estava pautada no absurdo, beirando o inacreditável, embora outras tantas mereçam certo grau de atenção, ainda que seja apenas por seu conteúdo pitoresco.

Segundo o relato de João Brígido, jornalista conterrâneo e ex-colega de escola de Conselheiro, os integrantes da família Maciel tinham em seu passado um histórico de transgressão, marcado, sobretudo por um sem número de casos de infidelidade e de crimes cometidos por encomenda, nos quais estavam envolvidos além de seu pai, seus padrinhos, irmãos e tios. A família estaria relacionada, ademais, a uma longuíssima querela com o clã

---

<sup>23</sup>GIRARDET. *Ibidem*, p. 12.

<sup>24</sup> Existem controvérsias a respeito do exato ano de nascimento de Antonio Conselheiro, alguns autores o situam em 1828, 1831 e mesmo 1835, embora 1830 seja a referência mais aceita, uma vez que confere com o ano de seu batismo. Ver: MACEDO, Nertan. **Antonio Conselheiro**: a morte em vida do beato de Canudos. Rio de Janeiro: Record, 1969. *Apud*: DOBROUKA, Vicente. Antonio Conselheiro, profeta do sertão? In: **História e Milenarismo**: ensaios sobre tempo, história e o milênio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

dos Araújo, poderosos fazendeiros da região, que acusavam os Maciéis de roubo de gado, contenda pela qual haveriam de morrer muitos dos envolvidos.<sup>25</sup>

A despeito dos conflitos e aventuras que parecem ter cercado seu ambiente familiar, fato é que Antonio Conselheiro recebeu uma excelente formação intelectual, sobretudo se comparado aos demais jovens criados em situação tão rústica. Teve aulas de português, francês e latim, de que fazia farto uso em seus sermões, tudo indica que seu pai tinha esperança de vê-lo formar-se padre, desejo que, ainda que às avessas, parece ter se concretizado.<sup>26</sup>

Ora, quais teriam sido então os caminhos que levaram o ainda jovem Antonio Maciel a optar por uma vida de evangelização e desprendimento material? Uma das hipóteses mais difundida é de que a conversão de Conselheiro foi motivada por uma decepção de fundo amoroso. Tendo se casado em 1857 com uma prima de apenas quinze anos, Brasilina de Lima, o futuro beato teria sido surpreendido pelo adultério da esposa apenas alguns anos depois do matrimônio, razão pela qual teria vendido seus bens e deixado Quixeramobim, passando a trocar de residência frequentemente. Devido ao seu elevado grau de instrução não teve dificuldades em encontrar emprego, trabalhando, entre outros ofícios, como escrivão e professor.<sup>27</sup>

Em suas andanças, o Conselheiro parece ter entrado em contato com alguns de seus precursores, missionários sertanejos que podem ter sido os responsáveis por imputarem nele os desejos e convicções que o levariam à morte. “Podemos fixar com segurança a opção de Antônio Conselheiro pelo modo de vida beatífico entre 1858 e 1864, embora as primeiras notícias a seu respeito datem de 1874 somente.”<sup>28</sup> Nesses primeiros anos de peregrinação, o principal objetivo de Antônio Conselheiro foi o de prestar serviços à Igreja, arrecadando proventos para a construção e reforma de capelas e cemitérios pelo interior do nordeste brasileiro, atividade que em nada incomodava a institucionalidade católica, ao contrário, era apreciada e estimulada pelos padres locais.

A sedentarização de Conselheiro e seu séquito, que com o passar dos anos só fez avolumar-se, ocorre em 1893 em Canudos. De acordo com a recriação literária destes eventos operada por Mario Vargas Llosa, Conselheiro era seguido por:

---

<sup>25</sup> “João Brígido publicou artigos intitulados ‘Maciéis e Araújo’ e ‘Antonio Conselheiro’, que, posteriormente reunidos, fariam parte de seu livro *Ceará – Homens e Fatos* (1897)”. In: GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 19.

<sup>26</sup> DOBROUKA, Vicente. Antonio Conselheiro, profeta do sertão? In: **História e Milenarismo**: ensaios sobre tempo, história e o milênio. Ibidem, p. 53.

<sup>27</sup> Idem, p. 55.

<sup>28</sup> DOBROUKA. Ibidem, p. 56.



uma esteira humana que prolongava seus rastros (...) por homens e mulheres que, alguns tocados na alma por seus conselhos, outros por curiosidade ou simples inércia, abandonavam o que tinham para ir atrás dele.<sup>29</sup>

Inicialmente composto por pequenos casebres e uma capelinha, o arraial viria a ganhar proporções inimagináveis, comportando uma estrutura complexa e atraindo gente de diversos rincões do sertão. Segundo José Calasans, a história do crescimento populacional de Canudos segue a seguinte dinâmica: primeiro havia os moradores primitivos do local aos quais foram incorporados os seguidores de Antonio Conselheiro com ele chegados, posteriormente as levas de sertanejos, procedentes de vários municípios, que se transportaram para o Belo Monte entre 1893 e 1896 e por fim, homens e mulheres que, iniciada a guerra, quiseram ir para o lado do Conselheiro no intuito de defendê-lo e com ele sofrer as terríveis agruras daqueles momentos difíceis.<sup>30</sup> Todo esse contingente, ao contrário do que se possa imaginar, era demasiadamente heterogêneo, abrigando inclusive gente instruída e de posses que deixava o conforto de seus lares para viverem humildemente em choupanas de pau e barro, indistinguíveis entre si ou da própria paisagem marrom da caatinga, ao ritmo dos conselhos daquele que acreditavam ser o novo Messias.

Por mais fora do comum que possa soar a trajetória do beato, nada se compara à representação que dele foi feita pela imprensa oitocentista. À margem da realidade, que de fato era pouco compreensível aos olhos da elite intelectual dos grandes centros do país, foi sendo erigida uma série de histórias fantásticas a respeito do Conselheiro e de Canudos. Mistérios, suposições e lendas, contadas como verdades, invadiram o imaginário popular pelas penas dos jornalistas, sempre guiados pelas circunstâncias de um conflito que, repleto de reviravoltas, promoveu constantes e inesperadas mudanças de postura dos editores responsáveis por narrar seus episódios, a fim de conduzir a opinião pública de acordo com seus interesses.

### **1.3 “CONVENCENDO PELO RISO”: Mídia e humor narram uma Guerra.**

É consenso entre os estudiosos da área que a formação de uma *Opinião Pública* no Brasil teve início antes mesmo da constituição de um território independente. Isso porque o

<sup>29</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 28.

<sup>30</sup> CALASANS. *Canudos: Origem e desenvolvimento de um arraial Messiânico*. Ibidem.

fenômeno estaria vinculado ao desenvolvimento da imprensa nacional<sup>31</sup>, processo que se inicia logo após a chegada da Família Real portuguesa em território americano, em 1808, com a fundação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, “jornal elaborado à maneira das gazetas de Antigo Regime que existiam na Europa desde o século XVII”<sup>32</sup>. Funcionando como porta-voz da Coroa e, portanto, divulgando apenas informações oficiais, o periódico marcou a estreia de um processo que se tornou extremamente complexo com o passar dos anos a ponto de justificar a afirmação de Nelson Werneck Sodré de que “a vida política (nos Oitocentos) quase se resumia na imprensa”<sup>33</sup>. Entrava em jogo a Opinião Pública como aparelho de discussões e nascente de legitimidade política, distinguindo-se das forças políticas tradicionais. Afinal, nas palavras de Robert Darnton, em um cenário histórico desprovido de “telefone, rádio, televisão, a única maneira de comover o público numa escala nacional é o tipo móvel”<sup>34</sup>.

Transferindo-nos para o contexto do final do século, já não podemos falar em formação de uma *Opinião Pública*, mas talvez em seu amadurecimento e expansão. As agitações, já citadas, do período provocaram particular empenho da imprensa na cobertura dos fatos, sobretudo na capital federal.

Não seria exagero dizer que a cidade do Rio de Janeiro passou, durante a primeira década republicana, pela fase mais turbulenta de sua existência. Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação, que só começaria a ceder ao final da década<sup>35</sup>.

A Guerra de Canudos (1896-97), episódio inolvidável do imaginário do país, tragédia fúnebre e “trauma coletivo”, constitui também um dos episódios ímpares da história nacional e, por que não dizer, um dos atos que inauguraram a República. Era impressionante a quantidade de periódicos que circulavam pelo país à época. Segundo Walnice Nogueira Galvão, entre 1811 e 1899 houve cerca de setecentos periódicos no Estado da Bahia, e

<sup>31</sup> No entanto, a mera existência de uma imprensa periódica não implicou necessariamente o aparecimento imediato de uma opinião pública, na medida em que o fenômeno constitui-se através de um processo gradativo.

<sup>32</sup> MOREL, Marco. Em nome da Opinião Pública: a gênese de uma nação. In: **As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades a Cidade Imperial (1820-1840)**. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 204.

<sup>33</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 129. Apud: EL YOUSSEF, Alain. Opinião pública e escravidão. Imprensa e política no Império do Brasil durante a vigência do tráfico negreiro transatlântico (1820-1853). **Almanack brasileiro**, n°09, maio 2009.

<sup>34</sup> DARNTON, Robert. A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800. In: GONÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo maçônico, política e opinião pública na Corte Imperial**. Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH- Rio, 2010.

<sup>35</sup> CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.15.

somente no ano de 1897, ápice do conflito, o Rio Janeiro assistiu o nascimento de pelo menos 29 novos títulos.<sup>36</sup> Neste período podemos verificar também um “moderado processo de modernização” na imprensa brasileira, objetivando principalmente o alcance de um público mais heterogêneo, através da alteração de formato e da inclusão de novas seções menos intelectualizadas.<sup>37</sup>

Na tentativa de atingir uma parcela menos instruída da população, mas nem por isso desinteressada nos assuntos que mobilizavam o país, a vida e linguagem cotidianas, o humor, a sátira e as opiniões jocosas ganhavam cada vez mais espaço nos órgãos jornalísticos.<sup>38</sup> O caso de Canudos surge como exemplo privilegiado desse tipo de representação. É importante destacar que deste que se teve conhecimento das mais remotas informações a respeito da formação da comunidade religiosa baiana, o humor sempre esteve presente nas narrativas, primeiro como forma de deboche e escárnio dos pretensos civilizados em relação à ignorância da massa fanática, mas depois como um tipo de defesa frente às absurdas vitórias do exército de farrapos canudenses diante das tropas oficiais do governo. Essa espécie de tradição representativa acabou por marcar boa parte de tudo que se escreveu e ainda se escreve contemporaneamente a respeito do conflito.

A literatura de cordel é um dos marcos iniciais deste tipo de narrativa. Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores nomes da poesia moderna, assim caracterizou, certa feita, o gênero: “A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro”<sup>39</sup>. Esse tipo de literatura, típica da cultura popular nordestina, encerra valores próprios e aborda temas do cotidiano de maneira espontânea por meio de uma estética rica e diferenciada, além de implicar valiosas informações a respeito dos valores, modelos de vida e representações mentais do povo

---

<sup>36</sup> “No Rio, então Capital Federal, e que não passava de uma acanhada cidade com menos de setecentos mil habitantes, havia como jornais diários, regulares e permanentes, pelo menos *A Notícia*, *O País*, *O Jornal do Comércio*, *A Gazeta de Notícias*, o *República*, *O Jornal do Brasil*, a *Folha da Tarde*. Em São Paulo, bem menos e muito mais provinciana ainda, sobressaíam *O Estado de São Paulo*, o *Correio Paulistano*, *O Comércio de São Paulo*, que eram suficientes para informar seus ralos duzentos milheiros de habitantes. Na capital da Bahia, Salvador, com população aproximada à de São Paulo, apareciam o *Jornal de Notícias*, o *Correio de Notícias*, o *Diário da Bahia*, o *Diário de Notícias*, *A Bahia*, dentre os mais importantes. E esses eram os grandes centros urbanos do país.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira. **No Calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais – 4ª Expedição**. Ibidem, p. 17.

<sup>37</sup> ALVES, Lizir Arcaño. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1997, p. 13.

<sup>38</sup> ALVES. Idem.

<sup>39</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Apud*: BRAGA, Gabriel Ferreira. **Entre o Fanatismo e a Utopia: A trajetória de Antonio Conselheiro e do Beato Zé Lourenço na Literatura de Cordel**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História, UFMG. Belo Horizonte, 2011, p. 16.

sertanejo.<sup>40</sup> O poeta do cordel por diversas ocasiões se vale da sátira para galhofar versões oficiais da história, de modo que certos eventos e/ou personagens por vezes emergem no cordel imbuídos de roupagens diferenciadas, tal qual ocorreu com a Guerra de Canudos que durante todo seu desenrolar foi alvo dos cordelistas.

Antes mesmo da formação do arraial, o poeta Sílvio Romero, em 1879, já declamava a respeito de rumores sobre o “Messias do Ceará”, um tal Antonio Conselheiro, cujo séquito não parava de crescer:

*Do céu veio uma luz  
Que Jesus Cristo mandou  
Sant'Antonio Aparecido  
Dos castigos nos livrou.*

*Quem ouvir e não aprender  
Quem souber e não ensinar  
No dia do juízo  
A sua alma penará.<sup>41</sup>*

A linguagem fácil e o bom humor seriam as balizas destas representações que viriam a marcar o imaginário popular, bem como entusiasmar outros tipos de narrativas posteriores, sobretudo a jornalística. E foi justamente no seio dos editoriais jornalísticos que começaram a se formar as bases para a construção do que chamo aqui de “mito político” a respeito de Canudos.

Não obstante o atraso e a imprecisão das notícias a respeito do conflito que se iniciara no interior da Bahia em 1896, estas informações despertavam intenso e crescente interesse, bem como manifestações apaixonadas, sobretudo, na capital do país. Compunham-se de narrativas pautadas no exagero, não raro sarcásticas, e quase que invariavelmente parciais, alinhadas aos interesses legais.

Convenceu-se a massa popular de que Canudos (...) e seus sertanejos que mal sabiam o que significava a República e não tinham a mínima idéia do que seria o Rio de Janeiro (...), era um reduto monárquico, que Antônio Conselheiro era um líder restaurador que recebia armas e dinheiro do exterior, que havia infiltrados em suas hostes, militares estrangeiros e outros disparates do gênero.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> MADERUELO, Rafael Díaz. Algunos caracteres de la literatura de cordel en Brasil. **Revista Española de Antropología Americana**, nº XIX. Ed. Univ. Compl. Madrid, 1989.

<sup>41</sup> ROMERO, Sílvio. *Apud*: CALASANS, José. **Canudos na Literatura de Cordel**. São Paulo: Ática, 1984.

<sup>42</sup> CAMPOS, Francisco C. **A gazeta de notícias do Rio de Janeiro (1896-7) e La guerra del fin del mundo (1981) de Mario Vargas Llosa: uma análise comparativa entre o discurso republicano e a (re) criação literária**. Ibidem.

Antes das primeiras derrotas do exército oficial, no entanto, a postura de boa parte dos jornais brasileiros era bastante diferenciada. Desde 1893, já podemos encontrar nos folhetins baianos relatos a respeito dos conselheiristas de Belo Monte. Parte da imprensa local não se impressionara com o potencial do arraial e julgava Antonio Conselheiro apenas como um homem bom e idealista, outras setores, todavia, representados, sobretudo, pelo *Diário de Notícias* (BA), já insinuavam certo grau de atenção em relação ao povoado religioso, porém sem muita seriedade tratavam o episódio com bom humor, como comprova o fragmento abaixo:

### **Rapsódias**

(...)  
*Fosse eu, hoje, o governo*  
*E mandava logo e logo*  
*Sem menor condescendência*  
*Contra o bicho fazer fogo!*  
 (...)  
*Sim! eu cá não admito*  
*Que triunfe um desalmado,*  
*Que apesar de Conselheiro*  
*Anda mal aconselhado.*

*Diário de Notícias (BA), 6 jun. 1893*<sup>43</sup>

Eventos futuros iriam, no entanto, acrescentar novos nuances ao deboche e à sátira aparentemente vazios de ideologia do início da década. O crescimento de Canudos aos poucos começara a incomodar setores poderosos da sociedade baiana, incômodo que rapidamente se transformaria em ameaça e esta, por sua vez, transmutar-se-ia em pânico generalizado.

#### 1.3.1 *De andrajos e poeira emerge o inimigo*

Historicamente os poderes políticos e econômicos estiveram concentrados nas mãos de dois segmentos distintos da sociedade no sertão do país, por um lado os grandes latifundiários, ou simplesmente coronéis, cujo domínio e influência invariavelmente prevaleciam em detrimento dos direitos fundamentais da massa sertaneja, e por outro a Igreja Católica, que gozando do status de instituição divina também mantinha certos privilégios.

---

<sup>43</sup> *Apud*: ALVES, Lizir Arcanjo. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Ibidem, p. 26.

A questão mais imediata que se apresentava aos barões baianos tinha origem na então recente abolição da escravatura que já havia diminuído enormemente a mão-de-obra das fazendas, levando, inclusive, muitas à ruína. O êxodo de uma multidão cada vez maior em direção ao arraial de Antonio Conselheiro fez crescer entre os grandes proprietários o receio de verem suas terras definharem por falta de trabalhadores. Em pouco tempo, esse tipo de temor foi sendo substituído pelo seu inverso. A preocupação com o despovoamento das fazendas ficaria em segundo plano em vista do risco, que se acreditava eminente, de uma invasão dos canudenses, a fim de saquearem e implementarem novas bases para seu exército, fato que não se confirmaria, haja vista que a estratégia dos conselheiristas durante os conflitos era a de entrincheirar-se nas proximidades de seu lugarejo e não a de dispersar sua tropa.<sup>44</sup>

No que concerne ao temor da Igreja Católica em relação a Canudos, este parece um pouco mais fundamentado. No início de suas pregações não havia motivo para que o Conselheiro não fosse aceito pela Igreja oficial, uma vez que o beato sempre se mostrou consciente de sua condição de mero evangelizador e jamais se atrevera a usurpar os direitos canônicos dos sacerdotes católicos. Ademais a Igreja admirava as ações de construção e restauração de edifícios religiosos promovidas pelo Conselheiro já que lhes poupava capital. A situação gradativamente se inverte na medida em que o “novo Messias” passa a alcançar um prestígio popular inesperado, ameaçando a hegemonia da Igreja na região.

O fato é que o povo sertanejo dava mais ouvidos ao Conselheiro que aos sacerdotes ordenados, preferindo seus conselhos às missas formais na igreja. E certamente nenhum daqueles vigários de lugarejos contava com uma tal falange de fies. Era difícil a posição deles.<sup>45</sup>

Atenta a tal mudança de perspectiva das classes dominantes, a imprensa local começava também a alterar seu discurso, passando a alertar sobre os perigos de uma organização alheia aos poderes do Estado. A pressão desses setores fez com que, em novembro de 1896, fosse formada a 1ª Expedição composta por tropas estaduais. Lideradas pelo Tenente Pires Ferreira, possuíam parcos 120 soldados aproximadamente.

Avisados por simpatizantes do movimento sobre a chegada dos soldados da capital, bem como em vantagem devido ao conhecimento do território e ao grande número de homens dispostos a dar a vida na defesa do Conselheiro, foram os canudenses os primeiros a atacar em um combate que duraria várias horas. Exaustas pelas longas caminhada até chegarem ao

---

<sup>44</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 55-61.

<sup>45</sup> GALVÃO. Idem, p. 66.

arraial e abatidas devido à fome, a sede e ao calor escaldante da caatinga, as tropas do governo não tiveram outra alternativa que não sair em debandada de volta à capital do Estado.<sup>46</sup>

A inesperada derrota caíra como uma bomba nos ouvidos dos presunçosos editores de jornais, que mesmo antes do combate davam como certa a vitória do exército. Na crônica “Devaneios”, publicada pelo *Diário de Notícias* (BA), o jornalista A. Belly derramou toda a sua indignação.

Quero Antonio Conselheiro batido, preso, castigado como merece e aniquilado o seu grupo perverso pela cegueira da ignorância; mas quero que a tropa que os tiver de perseguir seja suficiente para derrotá-los completamente.

*Diário de Notícias* (BA), 1 dez. 1896.<sup>47</sup>

Outras publicações, no entanto, não se deixaram impressionar com a derrota e mantiveram o tom zombeteiro que assumiram desde o início, uma minoria inclusive fazia questão de exaltar a conquista dos sertanejos. *A República*, folhetim potiguar, publicaria os seguintes versos sobre o Conselheiro alguns meses depois do combate:

*De cabeleira e sotaina  
Parece um monge barbado,  
Embora da safadeza  
Tenha bem cheio o costado*

*A República* (RN), 12 fev. 1897<sup>48</sup>

A exemplo do que Walnice Nogueira Galvão classificou como representação ponderada da guerra, aquela levada a cabo por escassos jornalistas que escreveram com “parcimônia e bom senso” sobre os acontecimentos de Canudos, fazendo-se ouvir em meio ao sensacionalismo, à galhofa, ao bombardeio de informações tendenciosas e à histeria geral, certos periódicos optaram por publicar opiniões que, hoje, nos parecem menos apaixonadas<sup>49</sup>. É o caso da *Gazeta da Tarde* (RJ), folhetim bastante criticado devido à sua postura pró-Canudos, como podemos verificar em um de seus artigos:

---

<sup>46</sup> Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Disponível em: <http://www.portfolium.com.br>. Acesso em: 19/08/2011.

<sup>47</sup> *Apud*: ALVES. Ibidem, p. 30.

<sup>48</sup> *Apud*: ALVES. IBIdem, p. 34.

<sup>49</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **No Calor da Hora**. Ibidem, p. 75.

Dominar e escravizar todas as consciências. Tal é a origem da luta travada com Antonio Conselheiro e seus sectários; não tem outra. Este homem, quem quer que seja, (...) que pela palavra e os exemplos de sua vida ascética tem conquistado poderosa e invencível influência sobre as multidões.

*Gazeta da Tarde*, 29 jan. 1897.<sup>50</sup>

Fato é que, muito embora até certo estágio do conflito as opiniões da imprensa brasileira se mostrassem levemente inconstantes quanto a origem e as pretensões dos combatentes sertanejos, ao menos em um ponto todos pareciam concordar: Canudos fora forjada, para o bem ou para o mal, em um ambiente de fanatismo religioso e ignorância generalizada e sua ideologia não teria sentido em uma atmosfera minimamente civilizada.

Nesse sentido, partindo do pressuposto de estarem combatendo contra bárbaros é que foi organizada a 2ª expedição militar em direção a Canudos para, desta vez, minar definitivamente os esfarrapados criminosos. No entanto, foi necessário demarcar algumas diferenças em relação à primeira experiência: a patente do comandante das tropas aumentou, ao invés de um tenente fora convocado um major, Febrônio de Brito, e no lugar da mísera centena de homens que fora mandada anteriormente, a 2ª expedição contaria com pelo menos 600 soldados oriundos tanto do exército quanto da polícia estadual da Bahia.<sup>51</sup>

O que os expectadores da capital não podiam esperar é que os problemas dessa nova empreitada começariam antes mesmo da chegada dos combatentes ao local de batalha. Temerosos com a possibilidade de um novo revés, setores do governo passaram a interferir diretamente nos preparativos para o confronto. Rapidamente a desorganização se impôs, ordens desencontradas do general do exército e do governador do estado, Luiz Viana, chegavam aos ouvidos do major Febrônio de Brito que por algumas vezes interrompeu seu percurso para aguardar a chegada de armamentos e soldados enviados por aliados, dando tempo ao inimigo para que preparasse o contra-ataque<sup>52</sup>. Como num *flashback* do que ocorrera meses antes, ao se aproximarem de seu alvo as tropas governistas foram novamente surpreendidas pelas emboscadas dos combatentes de Canudos que, em pouco tempo, impuseram sua superioridade, obrigando o major a decretar a retirada de seus homens. Deste modo, o imponderável triunfava pela segunda vez.

Se o fracasso da 1ª expedição fora conferido ao governo do Estado, incapaz que se mostrara em avaliar a força do inimigo, a responsabilidade sobre a segunda derrota foi despejada sobre o major Febrônio de Brito, acusado de conduzir seus homens com lentidão e

---

<sup>50</sup> *Apud*: ALVES. *Ibidem*, p. 33.

<sup>51</sup> Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Disponível em: <http://www.portfolium.com.br>. Acesso em: 19/08/2011. *Ibidem*.

<sup>52</sup> GALVÃO. *O Império de Belo Monte*. *Ibidem*, p. 74.



de abandonar o campo de batalha antes de esgotarem-se as chances de vitória.<sup>53</sup> A absolvição concedida pelo conselho de guerra não impediu que o major fosse alvo das críticas e da zombaria dos jornais, dos quais ganhou a alcunha de “Major Fujão”. Abaixo um trecho publicado em repúdio a umas das justificativas oferecidas pelo major, qual seja, “a falta de mobilidade” das tropas na aridez do sertão:

Febrônio teve perfeita mobilidade para conduzir as suas tropas até ao sopé das trincheiras do inimigo, à distância de três ou quatro quilômetros; mas faltou-lhe mobilidade para assaltar o reduto dos jagunços, o qual se achava em frente ao seu nariz.

Matou, diz ele, seiscentos inimigos, porém matou-os fugindo, e provavelmente teve a pachorra de contar o número de cadáveres, na disparada!

Na fuga, porém, encontrou a tão desejada mobilidade, pois comeu cerca de 10 léguas por dia!

É o caso de exclamar: ora, sebo! (nos calcanhares)

Correio de Notícias (BA), 18 fev. 1897.<sup>54</sup>

Mesmo buscando culpados para os fracassos do exército, os debates sobre o potencial dos guerreiros de Canudos, sua força e capacidade de combate se intensificavam a cada dia. A derrota do progresso contra a ignorância era tão absurdamente incompreensível que foi necessário criarem-se especulações a respeito dos possíveis aliados de Antônio Conselheiro, verdadeiros financiadores de sua legião, que usariam o arraial e seus homens como ponte para uma revolução monarquista.

Essa desconfiança abria espaço para um segundo tipo de visão a respeito da guerra, a representação sensacionalista, cujo objetivo mais pujante foi o de apresentar Canudos enquanto uma conspiração restauradora. Não raro, reproduziam-se provas incontestáveis da chegada de armas estrangeiras, desembarcadas no porto da Bahia “dentro de fardos de alfafa”. Cartas conspiratórias eram também constantemente descobertas e publicadas, numa explosão frequente de furos de reportagem. “Graves acusações, sempre sem nomes”<sup>55</sup>, de modo que, pouco a pouco, o bom senso ia perdendo espaço.

Ora, não é difícil aventar que a emergência do arraial de Canudos em quase nada tocava as questões que tanto amedrontavam os poderosos do sertão e os republicanos das capitais. O nascimento de Belo Monte é, em última instância, resultado da falta de ação governamental acrescida das próprias condições climáticas do sertão. No entanto, esta massa de homens analfabetos foi acusada de promover as mais mirabolantes manobras políticas com

<sup>53</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Idem.

<sup>54</sup> *Apud*: ALVES. **Humor e sátira na guerra de Canudos**, p. 64.

<sup>55</sup> GALVÃO. **No Calor da Hora**. *Ibidem*, p.61.

o apoio de forças inglesas a fim de restaurar a monarquia portuguesa e tomar a capital federal. Ambições obviamente improváveis, sobretudo se lembrarmos que conhecimento geográfico dos sertanejos era muito limitado.

Contudo, o mito político não brota no vazio ou em um “universo de pura gratuidade, de transparente abstração”. Exibe sempre, vinculações com o real, o que, em última instância, garante certa lógica ao seu discurso.<sup>56</sup> De fato, uma das mais fortes características do discurso ideológico pregado em Canudos era a condenação à república, identificada como a própria personificação do demônio. As práticas republicanas eram vistas como manifestações do fim dos tempos pela ação luciferiana.

As populações interioranas crentes em um catolicismo rústico, mais habituada a um tipo de dominação tradicional estruturada pelo patriarcalismo, receberam mal os primórdios de uma modernização (...) que alteraria desde os impostos, a moeda, os pesos e medidas, até a instituição do casamento que deixou de ser um sacramento obrigatório para tornar-se um simples contrato civil, quando a República ordenou a separação entre Igreja e Estado.<sup>57</sup>

Ao mesmo tempo, clamava-se para um salvador, no caso o monarca D. Sebastião de Portugal, o que justificava o título de “sublevação monarquista” conferida ao movimento. É, pois, no limite entre a realidade e a imaginação, o objetivo e o subjetivo, que o mito político e fortalece. Quanto mais coerente for o relato mitológico maior será a sua força de atração.

Potencializando extremamente os fatos, o mito político da conspiração sertaneja de Canudos era uma deformação do real, mas ao simultaneamente desempenhava uma função explicativa sobre este mesmo real. Sob esta perspectiva, os espectadores do conflito poderiam vislumbrar uma ordem para o caos desconcertante dos fatos, uma lógica para o máximo absurdo contido nas várias derrotas do exército nacional frente às esfarrapadas frotas de canudenses. Uma nova inteligibilidade era, portanto, erigida pelo imaginário mitológico, inaugurando uma situação em que é possível reconhecer e ser reconhecido, por meio da assimilação de um oponente comum.

O contexto de instabilidade social contribuiu demasiadamente para a adesão popular, uma vez que parte da incerteza e do temor coletivo foi direcionada para um único elemento a ser derrotado: os fanáticos monarquistas e restauradores. Existia, assim, uma “situação de

---

<sup>56</sup> GIRARDET. **Mitos e Mitologias Políticas**. Ibidem, p. 17.

<sup>57</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 30.

disponibilidade” essencial à consolidação da mensagem que apenas se adaptou a certos códigos pré-existentes.<sup>58</sup>

Gradativamente, as imagens de uma organização poderosa, de um grupo de combatentes imundos e fanáticos, de um líder forte e irracional munido de pesados e modernos armamentos, foram reunidas em um sistema coerente e coeso que tomou de assalto o país<sup>59</sup>, e o temor que antes estava restrito apenas à oligarquia e à Igreja, receosas de perderem terras e influência respectivamente, ganhava a coletividade, respaldado pelas atrocidades divulgadas nos jornais, conforme comprova o trecho *d’A Gazeta de Notícias*:

A força chegou estropiada. Consta que da cidade de Alagoinhas mandaram pólvora e chumbo a Antonio Conselheiro. Sabe-se que foram apreendidos dois caixões contendo armas destinadas a Conselheiro. Cartas do sertão narram cenas sanguinolentas praticadas pelos bandidos após o combate. Uauá ficou um montão de ruínas; Conselheiro mandou trucidar um velho com toda a família por querer sair da companhia dele. - *A Gazeta de Notícias*, 04 de dezembro de 1896.<sup>60</sup>

Tanto a literatura contemporânea ao fato, quanto aquela produzida mais recentemente preocupou-se em representar o estardalhaço jornalístico engendrado pelos debates a cerca do conflito no sertão. Em *A Guerra do Fim do Mundo*, o personagem sem nome criado por Vargas Llosa, chamado apenas de jornalista míope, que cobria os lances da batalha de Canudos *in loco*, teve seus óculos quebrados durante uma fuga e a partir daí tornou-se um correspondente cego. Segundo ele, “embora não as tenha visto, senti, ouvi, apalpei, cheirei as coisas que aconteceram lá (...) e o resto adivinhei”.<sup>61</sup> Metáfora para a precariedade e a incerteza das informações noticiadas sobre o conflito baiano, a miopia do jornalista não o impediu de verbalizar a denúncia do próprio autor:

- Os correspondentes – explicou o jornalista (...) – podiam ver, e no entanto não viam. Só viram o que foram ver. (...) Todos encontraram provas flagrantes da conspiração monárquico-britânica. Qual é a explicação para isso?  
- A credulidade das pessoas, seu apetite de fantasia, ilusão – respondeu o outro.<sup>62</sup>

<sup>58</sup> GIRARDET. *Ibidem*, p. 51.

<sup>59</sup> Outra estratégia utilizada pela imprensa no sentido de desmoralizar o motim canudense, bem como mobilizar a opinião pública foi o recurso à representação galhofeira do conflito, isto é, a ridicularização de atores e eventos, através do “humor negro” e da paródia. Sobre isso ver: GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: A Guerra de Canudos nos jornais**, 4ª expedição. São Paulo: Ática, 1977.

<sup>60</sup> A GAZETA DE NOTÍCIAS, dezembro de 1896. In. CAMPOS. *Ibidem*, p. 52.

<sup>61</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **A Guerra do Fim do Mundo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.p. 352.

<sup>62</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *Ibidem*, p.409.

De fato, amparadas na credulidade popular, rapidamente as notícias se espalhavam e em poucos meses quase ninguém mais duvidava que crescesse no interior da Bahia um câncer que em breve tomaria todo o território nacional. A metástase se aproximava e com ela o medo generalizado tomava conta da população.

O arraial de Conselheiro foi pintado como a personificação da barbárie, a perfeita encarnação da crueldade. Um monstro desconhecido, misterioso e subterrâneo que poderia emergir a qualquer momento e que por isso precisava ser destruído. Estavam, pois, abertas as portas para a chacina.

#### **1.4 HISTERIA COLETIVA, AMEAÇA À REPÚBLICA E IGNORÂNCIA INATA JUSTIFICAM UM MASSACRE**

As investidas contra Canudos até o início de 1897 haviam sido articuladas no âmbito estadual, afinal o governo da Bahia não estava disposto a comprometer a soberania do Estado, sobretudo em um momento no qual o recente federalismo garantia-lhe certa independência em relação aos poderes centrais.<sup>63</sup> No entanto, em virtude dos dois últimos ultrajantes insucessos, foi necessário admitir que o problema era demasiadamente grande para os limites da esfera estadual, de modo que, a questão passou à competência do governo federal.

Era consenso entre os expectadores da guerra que as derrotas da primeira e segunda expedição passavam pela ausência de uma liderança forte, capaz de aglutinar os anseios populares e republicanos na garantia de um desfecho favorável à nação frente à ameaça de uma revolução eminente. Nesse sentido, a primeira medida tomada na organização da 3ª expedição militar em direção à destruição de Canudos foi a nomeação da principal figura militar à época, para o comando das tropas governamentais. Tratava-se do coronel Moreira César. Note-se que mais uma vez aumentava-se a patente do chefe militar em relação às investidas anteriores, de major à coronel. Todavia, a relevância desta escolha ia muito além de uma questão de hierarquias. Moreira César tornara-se célebre durante o desenrolar da então recente Revolução Federalista no sul do país, de onde chegavam notícias a respeito de seu temperamento explosivo traduzido, invariavelmente, em constantes atos de violência e crueldade, a exemplo do fuzilamento de inúmeros militares e civis no estado de Santa

---

<sup>63</sup> GALVÃO. *O Império de Belo Monte*. Ibidem, p. 74.

Catarina. Não por acaso, ganhara o epíteto de coronel “corta-cabeças” em alusão a uma de suas formas preferidas de execução. Sua conhecida e apaixonada defesa dos ideais republicanos também pesou para sua escolha.<sup>64</sup>

As novas medidas a respeito da guerra chegaram aos ouvidos da população em meio às comemorações do Carnaval de 1897. O clima de otimismo e entusiasmo ditaram a repercussão dos preparativos nos jornais brasileiros. A apreensão dava lugar à certeza da vitória irrefragável que se aproximava naquela que acreditavam ser a derradeira batalha de uma longa peleja.<sup>65</sup>

O povo elegera a figura de Antonio Conselheiro e seus jagunços como inspiração para suas fantasias e alegorias, bem como malhava e linchava bonecos caracterizados de maneira semelhante, numa espécie de vingança antecipada.<sup>66</sup> A imprensa acompanhava essas manifestações com regozijo, publicando nas páginas de seus editoriais as marchinhas que davam ritmo às comemorações populares:

*Quem quiser remédio santo,  
Lenitivo para tudo,  
É pedir ao Conselheiro  
Que mandará um – Canudo.  
Minha sogra me pediu  
Remédio para dois surdos,  
Escrevi ao Conselheiro:  
Remeteu-me – dois Canudos*

A Bahia, 4 mar. 1897

A partida de Moreira César e seus homens do Rio de Janeiro para a Bahia foi apoteótica, com direito a uma multidão aglomerada pelas ruas que dava passagem às tropas, saudando-os freneticamente, acenos aos quais Moreira César respondia de maneira impávida, sem imaginar que partiria para nunca mais voltar ao solo carioca.<sup>67</sup>

Assim, no início de fevereiro de 1897 desembarcavam em Salvador com destino a Queimadas e de lá a pé até Canudos, a maior de todas as comitivas organizadas até então: 1300 soldados conduzindo 15 milhões de cartuchos e seis canhões Krupp, um dos modelos

<sup>64</sup>CALASANS, José. O Coronel César. In: (Prefácio) FONTES, Oleone Coelho. **O Treme-Terra: Moreira César, a República e Canudos**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.

<sup>65</sup> A ALVES. Lizir Arcanjo. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Ibidem.

<sup>66</sup> ALVES. Idem, p. 40-41.

<sup>67</sup> ALVES. Idem.

mais modernos importados pelo Brasil à época.<sup>68</sup> Uma preocupação de Moreira César foi não colocar seus homens em combate antes destes terem se recuperado da longa caminhada, evitando o erro dos comandantes anteriores que guerrearam com suas tropas esgotadas não só pelo cansaço, mas pela fome e pelo calor do sertão.

No entanto, a certeza da vitória e da inferioridade do inimigo era tão grande que se julgou desnecessário esperar muito mais, de modo que, à manhã do terceiro dia de março, poucas horas depois de terem avistado o arraial, os soldados do governo receberam a ordem de invadir o povoado, sob o comando de um pretensioso Moreira César que acreditava não ser preciso disparar sequer um único tiro para subjugar o oponente. A batalha duraria pouco mais de 24 horas e ao contrário do que profetizara o chefe militar a artilharia pesada ditaria o ritmo do confronto. Embora o exército oficial, com seus sequenciais tiros de canhão, tenha se mostrado muito superior nos primeiros momentos do embate, não demorou muito para que os combatentes suicidas de Canudos equilibrassem as forças. A cavalaria, um dos trunfos de Moreira César, mostrou-se um recurso de guerra ineficiente, o terreno acidentado limitava a mobilidade e tornava cavalo e cavaleiro alvos fáceis para o inimigo. Aliás, foi assim que o próprio Moreira César seria ferido, retirando-se do campo de batalha para receber cuidados médicos. Uma vez que já possuía um histórico de saúde frágil, o comando do exército passaria, então ao coronel Tamarindo.<sup>69</sup>

A morte de Moreira César, ícone do que deveria ser a tão esperada vitória sobre os canudenses, foi determinante para que um conselho de oficiais decidisse pela retirada formal e organizada das tropas do governo. No entanto, ao tomarem conhecimento do falecimento do comandante da expedição, os próprios soldados, apavorados, começaram a debandar, deixando para trás uma trilha de armas, munições, fardas e botas, das quais os conselheiristas iriam rapidamente se apropriar como substitutivos de suas armas obsoletas e primitivas que, por vezes, não passavam de meros facões e garruchas.<sup>70</sup> A retirada dos republicanos trouxe-lhes, portanto, um verdadeiro “maná caído dos céus”, ao que foi interpretado por eles como uma recompensa divina pelos serviços prestados em terra.

Ainda hoje é difícil encontrar uma explicação que justifique tão vexatória derrota, seguida de uma não menos vergonhosa retirada às pressas. Walnice Nogueira Galvão lembra que, segundo consta, Moreira César teria sofrido vários ataques epiléticos no decorrer do conflito, fato que talvez pudesse esclarecer suas “ordens e contra-ordens erráticas, de péssima

---

<sup>68</sup> Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Disponível em: <http://www.portifolium.com.br>. Acesso em: 19/08/2011. Ibidem.

<sup>69</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p.75.

<sup>70</sup> Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Ibidem.

estratégia”.<sup>71</sup> Para o governo e a opinião pública, que acreditavam que “que o coronel César faria um ‘passeio militar’, abateria a jagunçada e retornaria ao Rio de Janeiro como o outro César, depois de ter ido, visto e vencido”<sup>72</sup>, a derrota da 3ª expedição fora um golpe duro, imprevisível e sem precedentes.

Ironicamente, as dificuldades de comunicação da época impediram que as notícias do desastre da expedição chegassem com rapidez às capitais, de modo que ao mesmo tempo em que os revoltosos de Canudos, cientes dos fatos, comemoravam a vitória, no Rio de Janeiro e na Bahia a imprensa se vangloriava de um sucesso que não havia se realizado. Um dia após a morte de Moreira César encontramos a afirmativa: “A força está nas melhores condições e confiante na vitória do combate, que deve ter se dado ontem” e no dia seguinte:

*Talvez que o Conselheiro,  
O Bom Jesus guerreiro,  
No Fundo do sertão,  
Já chupe n’ este dia,  
Não mangas da Bahia,  
Mas balas de canhão.*

*A Bahia, 6 mar. 1897.*<sup>73</sup>

Mesmo quando os primeiros rumores acerca da verdade dos fatos começaram a se avizinhar, a ideia de uma terceira derrota era tão inacreditável e repulsiva que parte da imprensa se recusava a acreditar e continuava publicando o contrário, na tentativa de ludibriar a população e ganhar tempo:

Os boatos que têm corrido a respeito da expedição são inteiramente falsos.

As forças marcharam e chegaram na melhor ordem e todos têm a maior confiança na vitória, que não pode ser duvidosa, no caso de um encontro.

*Cidade do Rio, 7 mar. 1897.*<sup>74</sup>

No entanto, já não havia mais como retardar o inevitável. Salvador, centro metropolitano mais próximo do conflito, foi a primeira cidade a confirmar as notícias da derrota, que não demoraram muito mais a se espalharem pelo país, chegando ao Rio de

<sup>71</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 77.

<sup>72</sup> CALASANS, José. O Coronel César. Ibidem.

<sup>73</sup> *Apud*: ALVES. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Ibidem, p. 40.

<sup>74</sup> *Apud*: ALVES. Idem, p. 81.

Janeiro, coração da nação, como uma bomba. As exclamações de espanto e incredulidade foram inflamadas. Até ali, em nenhum outro momento da guerra a Opinião Pública esteve tão consciente de que somente um complô de grandes proporções e, provavelmente internacional, poderia justificar tamanho absurdo. Manifestações populares descontroladas tomaram o centro da capital federal, inclusive um comício foi organizado, tendo como palco a rua do Ouvidor, no qual o povo foi alertado da iminência da revogação da República e da restauração do Império. Jornais monarquistas foram invadidos e devastados por civis em fúria. (Des) informações tendenciosas patrocinavam o que parecia ser um “sopro de loucura que, de um momento para outro, varria o país”<sup>75</sup>.

Assim, o mito excede a dimensão psíquica e exerce também a sua função de mobilização social, uma vez que a luta contra Canudos se tornara uma questão pessoal para um enorme contingente de cidadãos que jamais sequer havia estado na Bahia. É importante perceber, a partir deste ponto, a relação ambivalente do mito político, que aparece ora como determinante e ora como determinado:

Saído da realidade social, é igualmente criador de realidade social. Surgido ali onde a trama do tecido social se rompe ou desfaz, ele pode ser considerado como um dos elementos mais eficazes de sua reconstituição.<sup>76</sup>

A pressão popular, somada à necessidade de se restaurar o poder simbólico das forças que tinham por função lutar contra os inimigos da República, sobretudo na fase de consolidação deste regime, não deixou alternativas ao governo federal, senão o compromisso público da destruição completa dos fanáticos de Canudos.

À época o então presidente Prudente de Moraes enfrentava um momento conturbado de seu mandato. Além da já citada instabilidade política do período, acometido por problemas de saúde, o presidente foi obrigado a licenciar-se temporariamente, do que seus opositores se aproveitaram para articular um possível golpe. A tentativa foi frustrada, porém a ameaça era evidente, ainda mais se acrescida das críticas em relação a sua capacidade de defender a soberania republicana, evidenciada pela última derrota sofrida em Canudos, já financiada pelo governo federal.<sup>77</sup>

Nesse sentido, a Guerra de Canudos serviu como perfeito bode expiatório aos interesses da presidência. A fim de demonstrar sua liderança e comprometimento com o

<sup>75</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 78.

<sup>76</sup> GIRADET. **Mitos e Mitologias Políticas**. Ibidem, p.184.

<sup>77</sup> HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 81-105.



futuro do país, além de desarmar a oposição, Prudente de Moraes despendeu recursos milionários para a organização da 4ª expedição. Em suas próprias palavras:

(...) a causa da legalidade e da civilização, em breve vencerá a ignorância e o banditismo. Canudos vai ser atacado em condições de não ser possível um novo insucesso: dentro em pouco a divisão do Exército (...) destroçará os que ali estão envergonhando a civilização.<sup>78</sup>

Composta por tropas de pelo menos 17 estados brasileiros<sup>79</sup>, a 4ª expedição dispunha de um efetivo calculado ente 10 mil e 12 mil homens e “quando se tem em mente que o efetivo total do exército brasileiro naquela época era de cerca de 25 mil homens, pode-se avaliar melhor a amplitude da guerra”<sup>80</sup>. O comando da divisão coube ao General Artur Oscar, republicano ferrenho a exemplo de seu antecessor, que lutara a Guerra do Paraguai e gozava de alto prestígio no interior da corporação. Além disso, um enorme e moderno arsenal de guerra foi concedido às tropas oficiais, acompanhado de pelo menos 750 mil quilos de mantimento e munições.<sup>81</sup>

A organização da 4ª expedição fizera a lição de casa e aprendera com os equívocos oriundos do amadorismo e da prepotência das campanhas precedentes. Nesse sentido, um batalhão acadêmico composto por estudantes de Medicina e Farmácia foi convocado para prestar apoio aos feridos em combate. De igual maneira, a instalação de esquema de comunicação via telégrafo garantia a agilidade na troca de informações entre os comandantes e a base de operações, impedindo que houvesse problemas de abastecimento tanto de força humana quanto de alimentos e socorros. No entanto, a contribuição dos telégrafos foi muito além da estratégia de guerra montada pelo General Artur Oscar, eles também foram elementos importantíssimos para aquilo que, ao que parece, foi inaugurado no Brasil pela Guerra de Canudos, a saber, a prática jornalística de dispor de enviados especiais no palco dos acontecimentos, a exemplo de Euclides da Cunha, permitindo a cobertura *in loco* do desenrolar do conflito.<sup>82</sup>

---

<sup>78</sup> *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pelo Senhor Presidente Prudente de Moraes*, 1897, p. 151. *Apud*: HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. *Ibidem*.

<sup>79</sup> A saber: Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão, Pará, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Amazonas, Ceará e Paraná. In: Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Disponível em: <http://www.portfolium.com.br>. Acesso em: 19/08/2011.

<sup>80</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. *Ibidem*, p. 83.

<sup>81</sup> Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Disponível em: <http://www.portfolium.com.br>. Acesso em: 19/08/2011.

<sup>82</sup> GALVÃO. **No calor da hora**. *Ibidem*, p.109.

Preparada para liquidar os subversivos de Canudos rapidamente a 4ª expedição seria a mais duradoura de todas as empreitadas contra o arraial, perduraria de abril a outubro de 1897. Entrementes, as notícias a respeito da lentidão do combate misturavam-se nas páginas dos jornais com toda espécie de suposições e, por vezes, afirmações sem qualquer referência atribuídas aos correspondentes da guerra. Inúmeras cartas de “autoria” de Antônio Conselheiro foram reproduzidas em todo o país, sem qualquer preocupação com a autenticidade. Textos estes que merecem tanto crédito quanto as acusações de conspiração monarquista que se faziam contra Canudos, mas que, no entanto, eram recebidas, pelo menos por parte dos leitores mais crédulos, com preocupação, contribuindo para fortalecer o clima, já cristalizado, de pânico pelas ruas do país, mesmo que a manipulação fosse evidente<sup>83</sup>, como comprova o risível trecho do “Manifesto de Antonio Conselheiro”:

Meus jagunçu querido da minha arma. – Arresolvido cumo estou a butá abaixo esta república que é mandinga dest terra das mata virge, venhu chamá ocês tudo as arma promode enchê us claro qu’as fôrça do governo abriu na minha gente. (...) Jagunçada minha, vamu recebê a tiru essa cambada di eregi mandada plu diabo si mascarando-si de republicanu pra inganá us tolo i pençandu que os outro são burro. (...) Tô isperando i axo q não ispero atoa. (...) Viva o arraia dus Canudo! – Bom Jesus.

*A Notícia*, 1897.<sup>84</sup>

Embora tenham demonstrado incrível disposição para o combate, sobretudo se levarmos em conta a durabilidade e a intensidade da guerra, as forças canudenses não contavam com a capacidade de regeneração que as tropas oficiais dispunham. As mortes e perdas matérias do exército eram rapidamente restituídas e a cada vitória de Canudos o combate parecia recomeçar do zero. E apesar das condições dos acampamentos serem alarmantes: comida pouco nutritiva, muitos feridos, falta de higiene, infecções generalizadas, os militares contavam com um respaldo que os guerrilheiros de Canudos não possuíam, uma vez que só podiam se apoiar uns nos outros.

Informações acerca do bom desempenho dos homens de Artur Oscar chegavam às capitais. No entanto, eram recebidas com cautela pelos folhetins mais compromissados com o desfecho do conflito, afinal três expedições fracassadas já haviam alertado os editores sobre o perigo de subestimar o inimigo, antecipando falsas vitórias que somente serviram para frustrar a população.

<sup>83</sup> GALVÃO. *O Império de Belo Monte*. Ibidem, p. 80.

<sup>84</sup> GALVÃO. *No calor da hora*. Ibidem, p. 43-46.

*Hum... queira Deus que esteja  
Tudo quase acabado!  
E ninguém mais deseja  
Que eu, - porém 'stou tão escarmentado...  
É tão difícil desmanchar a Igreja...  
Que digo: - não se faça espalhafato  
Que o Bom Jesus tem fôlego de gato*

*D'uma feita cantou-se  
Vitória antes do tempo;  
Aquilo não é tão doce  
Que nos possa servir de passatempo,  
Toda hora dizendo que acabou-se  
Sem nunca se acabar!...  
O rabo é bem difícil de esfolar.*

*O Republicano, 17 set. 1897.*<sup>85</sup>

Em pouco tempo, todavia, a incerteza daria lugar à euforia com as notícias sobre o tão esperado fim do confronto, desta vez com a vitória do exército oficial. Gradativamente as tropas foram ocupando pontos estratégicos já no interior do próprio arraial, penetrando suas defesas e destituindo suas lideranças, até que a 22 de setembro o próprio Conselheiro seria abatido, minando parte das forças daqueles que ainda resistiam.<sup>86</sup>

O golpe de misericórdia seria deflagrado dias depois. Espalhou-se querosene sobre o que sobrara do povoado, e “sobre ela jogam-se bombas de dinamite, que ao explodirem ateam fogo ao querosene, cobrindo o arraial com um lençol de chamas, que faz entrar em combustão casas e corpos vivos.”<sup>87</sup> Em 5 de outubro de 1897 Canudos deixava de existir

Tamanha atrocidade encontrava justificativa para além da histeria coletiva que desconfiava de uma revolução monarquista eminente. A ciência da época também engrossava o coro daqueles que acreditavam que a ignorância de Canudos era inata. No calor dos episódios da 4ª expedição publicava-se o artigo intitulado *A Loucura Epidêmica de Canudos*, de autoria do então renomado médico maranhense e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Raimundo Nina Rodrigues. O autor encontrou na Guerra da Canudos um laboratório privilegiado para o exame definitivo dos efeitos nefastos provocados pela degenerescência da mistura de raças, em consonância com as teorias raciais em voga na Europa durante o século XIX. Segundo Nina, o sertanejo era uma raça incompleta e por isso menos capaz de compreender totalidades, estando sempre vulnerável a influências exteriores que pudessem

<sup>85</sup> *Apud*: ALVES. **Humor e sátira na guerra de Canudos**. Ibidem, p. 153.

<sup>86</sup> HERMANN. Canudos destruído em nome da República. Ibidem.

<sup>87</sup> GALVÃO. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p. 92-93.

dar sentido a sua incompletude. Nesse sentido, sua explicação para a cólera dos jagunços e, por conseguinte, da necessidade de exterminá-los, se estruturou no diagnóstico da “doença contagiosa” de Antonio Conselheiro, desenvolvida ao longo de sua atribulada vida familiar, que o teria transformado primeiro em um homem mentalmente perturbado e depois em um megalomaníaco manipulador. Sua loucura teria encontrado em Canudos ambiente propício para a disseminação:

Alguma coisa mais do que a simples loucura de um homem era necessária para este resultado e essa alguma coisa é a psicologia da época e do meio em que a loucura de Antonio Conselheiro achou combustível para atear o incêndio de uma verdadeira epidemia.<sup>88</sup>

O discurso de Nina Rodrigues, hoje cientificamente inválido, corroborou certezas que há muito tempo já circulavam entre a população. Amparado pelo academicismo, o médico selaria suas opiniões enquanto verdades irrefutáveis. Terminada a guerra, o crânio de Antonio Conselheiro seria enviado pra a faculdade de Medicina da Bahia para estudos frenológicos. Para espanto geral, o médico maranhense não verificou nada de extraordinário nos ossos do beato: “é um crânio de mestiço onde se associam caracteres antropológicos de raças diferentes (...) é, pois, um crânio normal”<sup>89</sup>. Estava claro que a ciência falhara em seu diagnóstico.

O constrangimento se intensificaria quando, em meio às comemorações populares e as manifestações públicas de regozijo pela vitória da 4ª expedição, chegavam do sertão notícias relatando a total ausência de qualquer documento ou evidência que apontassem para uma aliança dos canudenses com uma conspiração revolucionária organizada. Chegou-se à conclusão que, a rigor, os fanáticos religiosos jamais representaram risco nenhum ao regime republicano. Mario Vargas Llosa também se preocupou em retratar em seu romance esse momento de vergonha do exército frente ao evidente erro de avaliação:

Não havia tantos rumores sobre as violências dos jagunços no interior? Onde estão? Não encontraram a não ser aldeias semidesertas, cuja pobre humanidade os olha passar com indiferença e que, a suas perguntas, responde sempre com evasivas.<sup>90</sup>

Parece evidente a relação de tal mitologia preparada a respeito do arraial de Belo Monte com interesses políticos alheios ao conflito. Afinal, estando a população absorta no

<sup>88</sup> RODRIGUES. Raimundo Nina. A Loucura Epidêmica de Canudos (1897). **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**. Edição “Clássicos da Psicopatologia”, vol. III, n. 2, 2000, p. 145-157.

<sup>89</sup> RODRIGUES. Raimundo Nina. **As coletividades anormais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p.131-133. *Apud*: HERMANN, Jacqueline. *Ibidem*.

<sup>90</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. *Ibidem*, p. 128.

temor e na insegurança, seria mais simples transformar o holocausto de milhares de canudenses em triunfante êxito do exército nacional contra um potente inimigo. Quem se recordaria, nesse momento de alvoroço nacional, dos ensejos que deram início à guerra contra o Arraial de Canudos? Quantos teriam suficiente placidez para admitir que Antonio Conselheiro e os seus discípulos estavam se defendendo e não o contrário? Ademais, enquanto se acreditasse que o poderio do adversário era maior do que o era de fato, as derrotas estariam justificadas e os sucessos seriam mais aclamados.

Atento a esta evidente característica, Raoul Girardet confirma que “a acusação do complô (historicamente) não cessou de ser utilizada pelo poder estabelecido para livrar-se de seus suspeitos ou de seus opositores, para legitimar os expurgos e as exclusões, bem como para camuflar suas próprias falhas e seus próprios fracassos”.<sup>91</sup> No entanto, também relativiza esta conclusão que, para ele, possui um valor interpretativo até certo ponto limitado, por duas razões: a sinceridade da maioria não deve ser questionada levando-se em conta apenas uma perspectiva, no caso a possível manipulação das elites. A segunda razão, já citada neste capítulo, refere-se ao fato de que um mito político não se propaga em ambientes neutros, de modo que sempre existirão elementos anteriores que garantam sua receptividade. Logo, não há, para o autor, como generalizar a questão da manipulação das massas, embora seja este um recurso plausível.

Prova disto é que, mesmo no calor dos acontecimentos, houve aqueles que contestassem a versão oficial dos fatos, entre eles Machado de Assis, então cronista no Rio de Janeiro. O autor foi um dos primeiros a admitir que a imprensa adotou uma linha editorial de qualidade duvidosa. Segundo observa, o episódio de Canudos constituiu em uma forma particular de luta pela reforma agrária que protestou coerentemente contra a concentração da posse da terra nas mãos de poucos.<sup>92</sup>

Esta tendência interpretativa foi se acentuando à medida que o conflito se resolvia favoravelmente aos militares e que mentes menos exaltadas refletiam sobre o que, de fato, estava acontecendo. Assistiu-se a um *mea culpa* generalizado. O orgulho, aos poucos transmutava-se em vergonha nacional. A repercussão da guerra no exterior também foi intensa. Os britânicos, distantes das paixões políticas, negaram a aliança atribuída aos anudenses e denunciaram os "politiqueiros sem escrúpulos" de explorar a situação para tirar

---

<sup>91</sup>GIRARDET. *Ibidem*, p. 49.

<sup>92</sup>SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Machado de Assis: O cronista e a crítica da imprensa em Canudos. **Revista Armazém Literário**, ano 15, n° 345 – ago. 2005.

conveniência pessoal.<sup>93</sup> A coerência do mito foi, gradativamente, questionada, embora, ainda hoje, seus ecos possam ser ouvidos através das vozes do senso comum.

Até que ponto o mito da conspiração de Canudos foi capaz de moldar ideias e impulsionar ações não se pode inferir com certeza, ainda que não seja equivocado afirmar sua influência no imaginário do último quartel do XIX brasileiro. Ademais, percorremos um domínio onde o único e verdadeiro conhecimento seria da ordem existencial, ou seja, “apenas aqueles que vivem o mito na adesão de sua fé, no impulso de seu coração e no empenho de sua sensibilidade se encontrariam em condição de exprimir sua realidade profunda”. No entanto, viver o mito impede de dar-se conta dele objetivamente, ficando esta tarefa a cargo daqueles que estejam dispostos a admitir que, neste campo, “há portas que não poderá jamais forçar, de que há limites que não poderá jamais transpor...”.<sup>94</sup>

Fato é que o desinteresse em uma investigação aprofundada a respeito das reais condições de sobrevivência dos canudenses, somada à violência, traduzida nas ordens sumárias de extermínio de inocentes, revelam as dificuldades de adequação de uma ideologia que pregava a democracia e a liberdade a uma prática ainda autoritária e preconceituosa de lidar com o outro, o oposto, o diferente.

O sítio onde existiu Canudos está hoje coberto pelo Açude de Cororobó. Talvez por ironia da história ou numa inútil tentativa de sepultar os resquícios de uma história de morte e injustiça, a água encobriu o que antes era seca e aridez. No lugarejo de Nova Canudos, situado às margens do açude, prevalece a mesma desventura, atraso, exploração e ignorância de um século atrás, o mesmo palco, quem sabe à espera de um outro Conselheiro capaz de fundar um novo Belo Monte.

Certa feita, Tzvetan Todorov afirmou que, em termos de narrativa, as histórias com finais tristes são melhores do que aquelas com finais felizes.<sup>95</sup> Talvez por isso, a Guerra de Canudos tenha inspirado tantos artistas, nas mais diversas ramificações deste ofício. Debruçaram-se sobre o tema os poetas do cordel, a exemplo dos versos já citados neste texto, pintores, fotógrafos, cineastas e literatos. Três décadas atrás, o peruano Mario Vargas Llosa provou, através de sua pena, o quão atual é ainda o tema de Canudos, exemplar privilegiado de uma querela tão cara ao nosso continente, a civilização *versus* a barbárie.

*A Guerra do Fim do Mundo* trás em suas páginas inúmeras referências sobre o que neste trabalho denominamos como “mito da conspiração” de Canudos, uma vez que tem

<sup>93</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**. Ibidem, p. 32.

<sup>94</sup> GIRARDET. **Mito e Mitologias políticas**. Ibidem, p. 23.

<sup>95</sup> Entrevista concedida à jornalista Bia Correa para o programa “Umhas palavras” exibido pelo Canal Futura no dia 05 de fevereiro de 2012.

como um dos seus cenários principais os bastidores do *Jornal de Notícias* que cobria a Guerra de Canudos, apurando e inventando fatos. Porém sua análise vai muito além, Vargas Llosa demonstra maestria em capturar ficcionalmente o ambiente da batalha, amparado por uma intensa pesquisa histórica, que somada à singularidade de sua abordagem, objetivo desta dissertação, fizeram de sua obra uma fonte obrigatória a todo aquele que também se arrisque a aventurar-se sobre este evento ímpar da história brasileira. O olhar desencantado da “civilização” não foi capaz de apreender e decifrar o encantamento que guiava a vida dos sertanejos, a incompreensão mútua levou à tragédia. A literatura de Vargas Llosa vem, portanto, para resgatar a magia que garantia a racionalidade dos mal interpretados fiéis do sertão.

## CAPÍTULO II – UMA OBRA E SEU MESTRE: Leituras e reflexões sobre *A Guerra do Fim do Mundo*

Reescrevendo a história de Canudos, o escritor peruano escreve também, em palimpsesto, a história do continente dilacerado em uma luta equivocada e inglória entre civilização e barbárie.<sup>96</sup>

A. Gutiérrez

O principal tema de *A Guerra do Fim do Mundo*: a discrepância entre realidade histórica e as abstrações humanas sobre a realidade (tradução livre).<sup>97</sup>

Efraín Kristal

A leitura de *Os sertões* como base para a escrita do romance *La guerra del fin del mundo* é o primeiro elemento fundamental para conceituar o texto de Vargas Llosa.<sup>98</sup>

Tarcísio G. Rego.

Es sin duda la obra más violenta del escritor peruano hasta hoy (...) La violencia como la disposición a las prácticas más bárbaras (...) es uno de los temas principales de esta novela, que se convierte - en mi lectura - en una búsqueda literaria de las causas de este sado-masochismo colectivo.<sup>99</sup>

Horst Nitschack

As citações acima são exemplos de variadas interpretações acerca de um mesmo objeto, no caso uma das obras literárias mais peculiares da trajetória do mais recente escritor latino-americano contemplado com o Prêmio Nobel de Literatura (2010). Inicialmente, apresento a opinião da professora e pesquisadora Angela Gutiérrez, segundo a qual a versão literária sobre a guerra de Canudos ensejada pelo autor é, sobretudo, uma metáfora para os conflitos que desde a colonização ibérica devastaram o continente americano. Efraín Kristal, professor de literatura comparada na Universidade da Califórnia, acredita, no entanto, que a temática principal proposta pela obra é o confronto, que no caso de Canudos mostrou-se destrutivo, entre o real e a percepção de que dele se constrói. O pesquisador Tarcísio Rego aponta para uma direção diferente, e compartilhada por inúmeros outros estudiosos, de que *A*

<sup>96</sup> GUTIÉRREZ, Angela. **Vargas Llosa e o Romance possível da América Latina**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996, p. 180.

<sup>97</sup> “The main theme of *The War of the End Of the World: the discrepancy between historical reality and human abstractions about reality*” In: KRISTAL, Efraín. **Tempetation of the Word: The Novels of Mario Vargas Llosa**. Nashville: Vanderbilt University Press, 1998, p. 137.

<sup>98</sup> REGO, Tarcísio G. **Vargas Llosa Reescreve Euclides: Uma proposta de Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas, Estudos Literários, opção Literaturas Hispânicas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2010, p. 52.

<sup>99</sup> NITSCHACK, Horst. Mario Vargas Llosa: La Ficcionalización de la historia en *La Guerra del Fin del Mundo*. **Revista Chilena de Literatura**. Nov. 2011, Nº 80, p. 117-133.



*Guerra do Fim do Mundo* não pode ser compreendida sem o apelo à paradigmática obra de Euclides da Cunha, considerada o verdadeiro manual sobre Canudos. E, por fim, exponho a concepção de Horst Nitschack, da Universidade do Chile, para o qual a violência constitui o elemento central da narrativa, que busca ao longo de suas páginas compreender seu sentido e suas causas.

Não surpreende que *A Guerra do Fim do Mundo* (1981) possa engendrar tamanha diversidade de percepções, algumas complementares e outras, como veremos, extremamente contrastantes, afinal a obra do peruano Mario Vargas Llosa oferece, antes mesmo de ser explorada, uma questão muito estimulante à sua leitura: o que poderia nos dizer um estrangeiro em finais do século XX a respeito de um evento traumático da história brasileira do século anterior, sobretudo quando este evento já foi narrado por um dos mestres da literatura nacional?

Na verdade, o tema de Canudos surgiu para Vargas Llosa quase como um acaso, um desafio inesperado. Primeiro o convite de um amigo para a escrita de um roteiro cinematográfico. Ruy Guerra, cineasta brasileiro, grande nome do Cinema Novo, estava na época, início da década de 1970, produzindo um filme pela Paramount Filmes de Paris e escolheu o célebre escritor peruano para roteirizar a empreitada que, de acordo com a ideia inicial, não deveria ser um filme de Guerra, mas teria o conflito de Canudos, sobre o qual Vargas não tinha nenhum conhecimento, apenas como pano de fundo. O literato que já se aventurara pela escrita de peças teatrais, mergulhou então intensamente no projeto. Algum tempo depois veio a frustração pela impossibilidade de se realizar a película em função de um súbito recuo da Paramount, fato nunca devidamente explicado. O que fazer então com todo trabalho já escrito, ao qual o autor havia devotado meses de dedicação e pesquisa, descartar apenas? Ora, abrir mão de um projeto malogrado não seria problema, principalmente para um escritor, como Vargas Llosa, que já alcançara tantos sucessos em sua carreira literária. Porém, como descartar uma paixão? Por que foi nisso que a temática da Guerra de Canudos havia se convertido para o autor. Nas palavras do próprio literato o cancelamento do projeto cinematográfico, que já se encontrava em estado avançado de produção “para Ruy Guerra foi uma desgraça, mas para mim... Eu fiquei com a possibilidade de continuar trabalhando em algo que me apaixonara”.<sup>100</sup> E foi isso o que ele fez.

Comparado à complexidade, à estrutura e ao volume de uma obra como *A Guerra do Fim do Mundo*, um roteiro de cinema constitui, segundo Vargas Llosa, algo muito pequenino.

---

<sup>100</sup> SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 40.

Nesse sentido, para a conversão do roteiro em livro, o autor precisou dedicar esforços muito mais consistentes e também mais alguns anos de pesquisa. Para isso contou com a ajuda de inúmeros amigos e companheiros de profissão que se dispuseram a procurar qualquer tipo de material a respeito do assunto. Um dos maiores colaboradores foi Alfredo Machado, então presidente da editora *Record*, que mandou copiar dezenas de páginas de artigos e, por vezes, até livros inteiros encontrados somente em bibliotecas brasileiras, e os fez chegar às mãos de Vargas Llosa. Além de Alfredo, outros nomes, considerados sumidades do assunto, como o historiador brasileiro José Calasans, sobre o qual Vargas Llosa afirmaria certa feita, ser a pessoa “que mais sabe a respeito de Canudos, e quem poderia realmente escrever o livro definitivo sobre Canudos”, também contribuíram imensamente na fase de coleta de dados para o romance.<sup>101</sup>

No entanto, a análise de informações à distância mostrou-se um recurso insuficiente para as pretensões literárias de Mario Vargas Llosa. Daí, a necessidade de viajar ao local em que se passaram os eventos e dali, quem sabe, retirar o algo mais que os livros, os textos e os documentos sempre insinuam. Na Bahia, o literato teve a sorte de ser recomendado pelo amigo Jorge Amado ao antropólogo Renato Ferraz, antigo diretor do Museu da Bahia e profundo conhecedor do sertão, local o qual, após sua aposentadoria, adotara como lar. Vargas Llosa encontrou em Renato um guia pelas ruas áridas do interior nordestino e uma enciclopédia viva sobre todo tipo de galho, animal e inseto, com quais topavam. Todavia, a maior contribuição de Renato Ferraz para a pesquisa vargallosiana foi a mediação improvisada entre o peruano e as centenas de sertanejos curiosos com a chegada daquele homem de um português arrastado sobre quem, a despeito de sua notoriedade mundial, jamais haviam ouvido falar. Juntos eles percorreram os vinte e cinco povoados sobre os quais, segundo consta, Antônio Conselheiro palmilhara um século antes. O peruano pôde perceber que Canudos, seu líder e seus fiéis não são representações tão remotas na memória daquela população, fato que o impressionou sobremaneira, uma vez que se deparou, inclusive, com pessoas que acreditavam fielmente que o Conselheiro não havia morrido e afirmavam, com certeza, que ele haveria de voltar a fim de restaurar o que fora destruído pela Guerra. Vestígios dessa fé incondicional, décadas depois ainda viva na prática dos sertanejos, podem ser rastreados em toda a obra de Vargas Llosa.<sup>102</sup> O peruano não pôde chegar a conhecer Canudos, que à época já se encontrava no fundo de uma grande represa. No entanto, o fato de

---

<sup>101</sup> SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. Ibidem, p. 40-41.

<sup>102</sup> Idem, p. 46.

encontrar-se tão próximo do lócus da batalha, foi para ele uma experiência reveladora e definitiva para sua decisão de escrever sua obra mais completa:

Você não sabe o que foi para mim chegar ali. Eu estava há dois anos trabalhando nisso, e era como se minha fantasia se estivesse materializando. Até ali, o trabalho de escrever tinha sido angustiante. Mas dali até terminar o livro, que foram mais dois anos, trabalhei com um enorme entusiasmo, dez, doze horas por dia. Como digo, por razões assim é que esse livro é para mim tão especial.<sup>103</sup>

O diálogo com os nativos do sertão foi de extrema importância não apenas pelo conteúdo de seus relatos, mas também pela observação atenta promovida pelo autor dos trejeitos, vocábulos e acentos tradicionais da linguagem sertaneja. Afinal, sua missão era escrever um livro em espanhol que passasse a ideia de que os personagens não falavam entre si em espanhol, mas em português, e mais importante que isso, um português diferente da matriz linguística do idioma, e diferente até mesmo da linguagem praticada nos centros urbanos do país, aos quais ele próprio estava mais acostumado. Em contrapartida, ao ser traduzida para o público brasileiro, a obra deveria, igualmente, apresentar de maneira convincente as relações coloquiais, sotaques e particularidades, do sertanejo baiano, de modo que seu estrangeirismo não ficasse tão evidente. Talvez por isso os jagunços recriados no livro, bem como o próprio Antônio Conselheiro, se comparados aos personagens oriundos de regiões alheias ao sertão, como os jornalistas, políticos e militares, falam muito pouco e seus sentimentos e inquietudes são, por diversas vezes, manifestos pela voz do narrador ou pela percepção de outros atores no interior da obra. Esses recursos encontrados por Vargas Llosa garantiram a construção de um ambiente bastante próximo ao que um brasileiro poderia esperar de uma caracterização do sertão e, além disso, comprovam o esforço diferenciado do autor para a elaboração de uma narrativa diferente de tudo o que ele já havia feito.

## 2.1 POLÍTICA E LIBERDADE CRIATIVA NA VIDA E OBRA DE VARGAS LLOSA

De fato, *A Guerra do Fim do Mundo*, representa uma interrupção bastante significativa na sequência literária vargallosiana até aquele momento. Os romances anteriores do autor haviam privilegiado, sobretudo, questões que contemplassem sua própria experiência de vida. Nas palavras de Wander Melo Miranda, o peruano havia cedido por diversas vezes à tentação

---

<sup>103</sup> SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. Ibidem, p. 42-43.

do espelho, disseminando a si mesmo em muitos de seus personagens.<sup>104</sup> Afinal, para Vargas Llosa “a autobiografia mais autêntica de um romancista são os seus romances”.<sup>105</sup> Este é o caso, por exemplo, de *Batismo de Fogo*<sup>106</sup> (1962), primeiro romance da carreira do autor, no qual Vargas Llosa utiliza sua experiência traumática no Colégio Militar Leôncio Prado para recriar ficcionalmente a hipocrisia de um ambiente social corrupto: uma instituição pedagógica que prepara alunos para ocupar funções específicas na sociedade peruana, mas que na verdade é uma paródia dos valores que supostamente deveria defender, “experiência, coragem, respeito e trabalho duro”.<sup>107</sup>

*Conversa na Catedral* (1969), talvez a obra mais conhecida do autor e que segundo ele, depois de *A Guerra do Fim do Mundo*, foi aquela que mais lhe exigiu enquanto escritor, é também exemplo de como Vargas Llosa usa suas vivências como mote para sua criação literária. Os eventos descritos na obra foram inspirados em um período da história peruana, no qual o autor era ainda um estudante universitário: a transição do governo ditatorial de Manuel Odría até a eleição de Fernando Belaúnde Terry.<sup>108</sup> É, portanto, um livro de conteúdo político, mas que não abandona a arte, como muitos à época, que denuncia a corrupção enraizada na sociedade peruana e que tenta responder à questão proposta ainda nas primeiras linhas do romance: “Em que momento o Peru havia se fodido?”.<sup>109</sup>

A relação de Vargas Llosa com a política é demasiadamente intensa, desde seus primeiros trabalhos. Ainda criança, foi forçado a conviver com a figura de um pai tirânico que conheceu apenas aos dez anos de idade, uma vez que sua família o fizera acreditar que o homem havia morrido. Assim, a luta contra o autoritarismo e a injustiça foi para o menino Llosa um sentimento nascido na infância e cultivado durante toda a vida adulta e que só viria a encontrar libertação através da literatura.

A família materna de Vargas Llosa era, no entanto, bastante prestigiada, ocupando lugar de grande destaque na alta sociedade peruana. Seu tio, José Luis Bustamante y Rivero, em 1945, já tendo atuado como Embaixador na Bolívia, foi eleito presidente da República e tornou-se grande fonte de inspiração para o sobrinho. Foi ele, aliás, quem introduziu o jovem Vargas Llosa efetivamente no mundo das letras, muito embora o menino já tivesse

<sup>104</sup> MIRANDA, Wander Melo. Prefácio. In : GUTIÉRREZ. **Vargas Llosa e o Romance possível da América Latina**. Ibidem, p.09.

<sup>105</sup> SETTI. **Conversas com Vargas Llosa**. Ibidem, pág. 76.

<sup>106</sup> Obra ganhadora do Prêmio Biblioteca Breve. Título original: *La Ciudad y los Perros*. Na adaptação para o inglês: *The Time of the Hero*.

<sup>107</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **Batismo de fogo**. Coleção Mestres da Literatura Contemporânea. Rio de Janeiro: Record/ Altaya, 1995.

<sup>108</sup> KRISTAL, Efraín. **Tempetation of the Word**. Ibidem, p. 56.

<sup>109</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **Conversa na Catedral**. 2ed. São Paulo: ARX, 2004.

demonstrado aptidão para a leitura desde muito novo. Por indicação do tio, até então a figura mais ilustre e influente da família, Vargas Llosa passou a trabalhar como periodista e escritor em um jornal de Piura. Nesse ambiente o peruano seria apresentado ao socialismo e ao comunismo, ideologias que o arrebatariam instantaneamente, uma vez que, em suas próprias palavras, o fizeram tomar consciência de que “el Perú era un país de feroces contrastes, de millones de gentes pobres” e pela primeira vez concebeu “un sentimiento muy vivo de que aquella injusticia debía cambiar y que ese cambio pasaba por eso que se llamaba la izquierda, el socialismo, la revolución”.<sup>110</sup>

Passados alguns anos de trabalho intenso e exaustivo, que lhe renderam o primeiro de muitos prêmios literários pelo seu primeiro livro de contos *Los Jefes* (1959), Mario Vargas Llosa já se autodeclarava um intelectual engajado, sobretudo após os êxitos da Revolução Cubana, à qual o escritor haveria de dedicar uma série de manifestos entusiasmados de apoio e celebração.<sup>111</sup>

Nunca, antes disso [a Revolução Cubana], senti um entusiasmo e uma solidariedade tão poderosos por fato político. Acho mesmo que não sentirei mais isso no futuro. Cuba significou para mim a primeira prova concreta de que o socialismo podia ser uma realidade em países como os nossos.<sup>112</sup>

Não cabe aqui repassar toda trajetória literária, tampouco revisar os artigos vargallosianos de conteúdo político que demonstram seu aberto alinhamento às ideologias de esquerda durante os anos que se seguiram. No entanto, de maneira semelhante ao que ocorreu com outros intelectuais da época, a excitação com os novos regimes revolucionários que se instauravam pelo mundo não tardou a transmutar-se em desconfiança, dúvida e temor.

O rompimento de Vargas Llosa com a esquerda socialista é, de fato, um dos pontos mais alardeados de sua biografia. Isto por que, segundo Efraín Kristal, o principal tema da narrativa ficcional vargallosiana durante os anos de 1960 foi a brutalidade de uma realidade social corrupta, injusta, hipócrita e leviana que ele fez questão de retratar e criticar. Ou seja, suas novelas estiveram em total alinhamento e compatibilidade com suas convicções socialistas, uma vez que evocaram uma sociedade peruana irreparável, na qual todo ato de rebelião e toda tentativa de reforma era gratuita e inútil, apontando, portanto, para a necessidade de uma revolução de fato, amparada na justiça, educação e solidariedade. Por esse motivo, o peruano angariou elogios de inúmeros críticos esquerdistas que não cessaram

<sup>110</sup> *Apud*: KRAUZE, Enrique. Mario Vargas Llosa: vida y libertad. **Letras Libres**, nov. 2010.

<sup>111</sup> KRAUZE. *Idem*.

<sup>112</sup> SETTI. **Conversas com Vargas Llosa**. *Ibidem*, p. 138.

de exaltar a evidente correspondência entre as novelas de Vargas Llosa e sua adesão à Revolução Cubana.<sup>113</sup> José Miguel Oviedo, um dos mais conhecidos estudiosos das composições vargallosianas, também aponta para o fato de que a produção do autor pode ser dividida em pelo menos duas etapas bastante distintas entre si. A primeira dessas fases seria composta por seus contos da juventude reunidos em *Los Jefes* (1959), seguidos de *La ciudad y los perros (Batismo de Fogo)* (1963), *La casa verde* (1966) y *Conversación en la Catedral* (1969), todas obras marcadas, segundo Oviedo, por um profundo “realismo”, que, em última instância, revelava a visão moral do autor frente à sociedade que narrava, sempre envolta em uma atmosfera sombria de tensão, violência e imposição. Os livros que vieram depois sofreriam, assim como a consciência do autor, substanciais e evidentes alterações.<sup>114</sup>

Daniel Bell, sociólogo estadunidense falecido há pouco mais de um ano, conhecido por sua tese que declarou o “fim das ideologias”, afirmou certa feita que, cedo ou tarde, todo indivíduo engajado encontra seu momento de *Kronstadt*, fazendo referência à insurreição de um grupo de marinheiros contra o governo bolchevique russo em 1921. Na verdade, o sociólogo apontava para a inevitabilidade da desilusão a respeito da revolução soviética.<sup>115</sup> O *Kronstadt* de Vargas Llosa viria a acontecer de maneira gradativa. O fervor cultural da revolução fora como um sopro de esperança libertária para muitos dos intelectuais do ocidente. No entanto, alguns anos de militâncias, bem como, pelo menos cinco viagens à Havana foram suficientes para que o peruano colocasse em cheque algumas das crenças que tão fervorosamente proclamava.

Visitar a União Soviética foi, segundo o autor, o primeiro passo rumo ao seu desencanto. Ali, Vargas Llosa descobriu que o socialismo real era algo muito distinto do socialismo idealizado e sonhado por ele, observou um sistema autoritário e vertical, sem liberdade de expressão e um controle policiado do pensamento.

Associe-se a isso toda uma série de acontecimentos com desdobramentos contínuos desde o final dos anos 60, principalmente a partir do momento em que os jovens manifestantes que haviam provocado as jornadas de maio de 68 em Paris tinham sido abandonados pela “esquerda tradicional”, no caso, o Partido Comunista Francês. A primavera de Praga, também ocorrida naquele ano, poria a nu, de forma brutal, a postura ditatorial da máquina soviética. Os desmandos ocorridos no regime maoísta, principalmente durante a Revolução Cultural, além de inúmeras outras contradições dos diversos movimentos revolucionários que brotavam em todas as partes fizeram o escritor peruano repensar seu caminho.<sup>116</sup>

<sup>113</sup> KRISTAL, Efraín. **Tempetation of the World**. Ibidem, p. 67.

<sup>114</sup> OVIEDO, José Miguel. Vargas Llosa en Canudos: versión clásica de un clásico. Prólogo. In: VARGAS LLOSA, Mario. **La Guerra del Fin Del Mundo**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1991.

<sup>115</sup> BELL, Daniel. *Apud*: KRAUZE, Enrique. Ibidem.

<sup>116</sup> REGO. Tarcísio G. **Vargas Llosa Reescreve Euclides**. Ibidem, p. 77-78.

Deste modo, o escritor foi gradualmente vendo o que, segundo ele, não queria ver, pois lhe doía e incomodava reconhecê-lo: “uma série de manifestações que indicavam que a realidade, na prática, não era de nenhuma maneira o que a imagem, a publicidade e a ilusão nos queriam fazer ver”.<sup>117</sup> A partir daí, Vargas passou a nadar *Contra viento y marea*, sensação que deu título a sua autobiografia publicada em três volumes (1983, 1986 e 1990). O início do que Efraín Kristal classificou como “fase de transição” do autor se efetivou definitivamente em 1967, com sua primeira declaração pública contra a censura praticada na União Soviética e sua “presunção de que o Estado deveria dirigir a criação artística”. O segundo desacordo mais pujante com a esquerda viria a acontecer com o a veemente crítica vargallosiana contra a invasão da Czechoslovakia pelos soviéticos, bem como pelo declarado apoio de Fidel Castro ao ato de violência.<sup>118</sup> No entanto, essas manifestações de indignação por parte de Vargas Llosa foram apenas o prelúdio de seu definitivo rompimento com a esquerda revolucionária que se daria irreversivelmente através do desenvolvimento do famoso caso Padilha.

Durante a primavera de 1971 Vargas Llosa, já radicado na Europa, mudava-se de Londres para Barcelona. Ao mesmo tempo, em Cuba, seu amigo, o poeta Herberto Padilla, após fazer algumas críticas à política cultural desenvolvida pelo regime castrista, era subitamente preso sob a acusação de subversão política e anti-socialismo. Do outro lado do Atlântico, o escritor peruano ajudou a organizar um protesto internacional juntamente com outros proeminentes escritores e intelectuais de esquerda que assinaram uma carta aberta exigindo a liberdade do companheiro de profissão.<sup>119</sup> A liberdade foi, de fato, concedida após um mês de encarceramento. No entanto, para a surpresa geral, ao deixar a prisão Padilla deu um depoimento público no qual declarava-se culpado de todas as acusações, além de denunciar amigos seus com a justificativa de serem agentes infiltrados da CIA. Vargas Llosa interpretou a situação como um ataque frontal à dignidade humana:

Sabíamos que isso era uma grande farsa: Padilla realmente não estava dizendo nem a verdade nem o que sentia ou acreditava (...) Era algo impossível de aceitar se conhecia os meandros do caso [Isso me levou] a tomar distância e adotar uma atitude crítica em relação à revolução.<sup>120</sup>

---

<sup>117</sup> SETTI. *Ibidem*, p. 139.

<sup>118</sup> KRISTAL. **Temptation of the Word**. *Ibidem*, p. 70.

<sup>119</sup> KRISTAL. *Idem*, p. 71.

<sup>120</sup> SETTI. **Conversas com Vargas Llosa**. *Ibidem*, p. 140.

Atento às mudanças promovidas no mundo pela globalização, tais como a maior circulação de ideias, a busca por direitos de setores outrora marginalizados, a exemplo dos negros e homossexuais, a dinamização da economia e o *boom* das ciências da tecnologia, Vargas Llosa passou a duvidar das explicações excessivamente monolíticas propagadas pela esquerda tradicional.<sup>121</sup> E, embora durante os primeiros anos da década de 1970, ainda se identificasse de certa maneira com a ideologia que durante muitos anos proclamou, o intelectual peruano já havia abandonado sua antiga convicção de que a literatura deva ser, em essência, revolucionária e ligada intrinsecamente à política. “Vargas Llosa continuou a afirmar suas convicções socialistas, mas pela primeira vez ele rejeitava as doutrinas da literatura engajada”.<sup>122</sup> No lugar do engajamento o autor passou a advogar a favor da total liberdade de criação artística e de expressão, bandeiras já levantas timidamente em outras ocasiões, sendo ignoradas ou, no máximo, toleradas por seus companheiros menos flexíveis.

A partir de então, Vargas Llosa foi publicamente chamado de canalha por Fidel Castro, juntamente com outros mestres da literatura que também mostraram descontentamento com os rumos do regime político cubano, tais como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.<sup>123</sup> Cada vez mais distante dos movimentos revolucionários da América Latina, o autor foi alvo do repúdio e da ira dos círculos e organizações esquerdistas, nos quais ele havia militado, além de envolver-se em polêmicas públicas com outros nomes conhecidos da literatura: Alejo Carpentier, Angel Rama e Antonio Conejo Polar. Criticado e renegado por seus amigos e desiludido com suas escolhas político- ideológicas, em 1979 Vargas Llosa finalmente rompe em definitivo com o socialismo, passando a “considerar o marxismo como uma utopia incompatível com a justiça e com a liberdade”.<sup>124</sup>

Os ataques contra Vargas Llosa, no entanto, ultrapassaram a questão da sua nova postura em relação à política. Suas obras, antes exaltadas pela esquerda, começaram também a ser alvos diretos de crítica. Cornejo Polar chegou a declarar que as novelas vargallosianas não passavam “de uma variante do fetichismo da mercadoria”.<sup>125</sup> Na verdade, concomitantemente à sua “transição” política, Vargas Llosa operou também alterações significativas no seu modo de fazer literatura. Essas mudanças já podiam ser notadas nas primeiras obras da década de 1970, antes mesmo de seu rompimento com o socialismo. *Pantaleón y las visitadoras* (1973), que conta a história do militar Pantaleón Pantoja no

---

<sup>121</sup> REGO. *Ibidem*, p. 78.

<sup>122</sup> KRISTAL. *Ibidem*, p. 81. (tradução livre)

<sup>123</sup> SETTI. *Ibidem*.

<sup>124</sup> KRISTAL. **Temptation of the Word**. *Ibidem*, p. 99. (tradução livre)

<sup>125</sup> CORNEJO POLAR, Antonio. *Apud*: KRISTAL. *Idem*, p. 78.



desenrolar de sua tarefa mais inusitada, qual seja, montar um bordel no interior da selva amazônica peruana para satisfazer as necessidades sexuais dos soldados em missão, e *La tía Júlia y el escritor* (1977), romance “semi-autobiográfico” que narra o romance de Mario e sua tia política, Júlia, divorciada e quatorze anos mais velha que ele, são duas obras extremamente contrastantes em relação a produção vargallosiana anterior. A tensão e a violência presente em suas narrativas anteriores haviam evidentemente se abrandado, constatação que, segundo José Miguel Oviedo, levou muitos críticos e leitores a suporem que “la chispa creadora del autor se había apagado y que había comenzado su ‘decadencia’”.<sup>126</sup> As previsões, no entanto, não poderiam estar mais equivocadas, haja vista que as duas obras se converteram em dois dos maiores sucessos do escritor peruano, sendo que *Pantaleón y las visitadoras* viria ainda a ganhar uma versão cinematográfica já na década de 1990, com direção do também peruano Francisco José Lombardi.

O motivo de tamanho estranhamento em relação à produção vargallosiana da década de 70 reside no fato de o autor ter se arriscado a explorar caminhos até então desconhecidos para ele, ao menos enquanto escritor, uma vez que, ao que parece, esses novos elementos inseridos magistralmente em suas narrativas já eram, há um bom tempo, objetos de sua admiração e curiosidade profissional. Faltavam a Vargas Llosa apenas a liberdade e o desprendimento literário recém proclamados para encorajá-lo no desenvolvimento deste desafio. Trata-se de

la inesperada presencia del tono humorístico y del estilo paródico, que antes habían sido ajenos a su obra y que ahora eran vistos como una forma de autocomplacencia estética (...) estas dos novelas (...) eran obras de transición, en las que el autor exploraba caminos nuevos para él.<sup>127</sup>

Às palavras de José Oviedo podemos acrescentar as conclusões de Efraín Kristal, segundo as quais a “transição” vargallosiana trouxe à tona o humor e a ironia, não apenas em oposição à aparente seriedade do autor, senão como uma forma diferenciada de abordar temas antigos, garantindo a eles novas perspectivas e roupagens. E foram estes os ingredientes que, segundo o autor, abriram o caminho para a elaboração de sua obra maior, *A Guerra do Fim do Mundo*.<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> OVIEDO. Vargas Llosa en Canudos: versión clásica de un clásico. Ibidem.

<sup>127</sup> OVIEDO. Idem.

<sup>128</sup> KRISTAL. *Temptation of the Word*. Ibidem, p. 84.

## 2.2 ESPELHOS DA MEMÓRIA: O autor e seus personagens

As implicações do humor e da paródia enquanto recursos para a elaboração de *A Guerra do Fim do Mundo*, sobretudo nas suas relações com o processo de carnavalização literária, serão abordados de maneira mais aprofundada no capítulo III. Esta será minha contribuição para mais um olhar sobre esta novela. Reconheço, todavia, que trata-se de uma obra que oferece inúmeros outros vieses. Antes de abordar algumas interpretações que se fizeram a respeito desta obra, convém analisar a própria estrutura da narrativa, incluindo a construção de seus personagens, pois encerra elementos importantes inclusive para compreender possíveis projeções de Vargas Llosa neles.

A obra é composta por quatro unidades (ou livros), sendo que as unidades um, três e quatro estão divididas em capítulos e subdivididas em pequenas narrativas em sequência, enquanto que a unidade dois é muito menor, apresentando apenas três pequenos capítulos. É importante, no entanto, destacar que todo o romance é narrado através de interrupções constantes que, de tempos em tempos, alteram o foco da história e introduzem perspectivas e dimensões independentes, numa dinâmica complexa, mas eficiente.

Nesse sentido, no desenrolar de poucas páginas somos apresentados a múltiplos contextos alheios um ao outro: podemos inicialmente ser introduzidos às andanças de Conselheiro pelo sertão nordestino, seguidas pelo relato do nascimento de algum de seus seguidores, para num súbito salto temporal sermos remetidos já ao contexto da guerra, ou ainda para retrocedermos até as especulações a respeito de um possível conflito engendradas no interior da redação do *Jornal de Notícias*.

Vargas Llosa parece brincar com o leitor, envolvendo-o habilidosamente nas aventuras de um episódio, para no auge da ação oferecer-lhe um espaço em branco, seguido de um novo ponto de vista da história narrada. Muitas vezes a interrupção somente será retomada dezenas de páginas à frente, desta vez, suspendendo outro momento igualmente dramático do romance. No entanto, como lembra Francisco C. Campos, embora a história tenha sido construída de maneira fragmentada ela apresenta uma “espinha dorsal linear”<sup>129</sup>, ou seja, em determinando momento do romance estas narrativas que se desenvolviam paralelamente se encontram e dialogam.

Assim, ainda que, como vimos, tenha havido um esforço considerável do autor em levantar o máximo possível de fontes históricas que pudessem lhe garantir maior segurança na

---

<sup>129</sup> CAMPOS. *Ibidem*, p. 67.

elaboração desta versão, embora fictícia, da Guerra de Canudos, houve também uma evidente preocupação estética de sua parte, já característica de suas obras, como evidenciado, por exemplo na complexidade narrativa de *Conversa na Catedral*. Nesse sentido,

como afirma Emir Rodrigues Monegal, Vargas Llosa foge do realismo tradicional e, sugestionado pelas técnicas narrativas de autores como Flaubert, Faulkner e Arguedas não deixa de apoderar-se das palavras com um sentido estético, trabalha em seus textos arduamente para criar uma estética literária própria, porque, como afirmou o escritor Julio Cortázar, “o romance revolucionário não é somente o que tem um conteúdo revolucionário, mas o que procura revolucionar o romance em si mesmo, a forma romance.”<sup>130 131</sup>

Na verdade, a construção narrativa de *A Guerra do Fim do Mundo* expressa um procedimento literário que o próprio Vargas Llosa descreveu como *los vasos comunicantes* e que está presente em muitas de suas obras. Na aplicação deste método, diferentes narrativas “introducen un matiz de sorpresa, inquietud o desconcierto hasta que el lector acepta la lógica de este procedimiento”.<sup>132</sup>

Através de seus recursos estilísticos, somados à sua inegável capacidade criativa, o autor conseguiu impor sua marca narrativa sobre um acontecimento já largamente contado e revisitado pela literatura, pela arte e pela historiografia. Certa feita, o peruano declarou que seu maior temor em relação a *A Guerra do Fim do Mundo* era o de que sua empreitada em reinterpretar Canudos soasse aos leitores brasileiros como uma “intromissão num terreno privado”.<sup>133</sup> Todavia, não há como negar que as inovações trazidas pelo autor surpreendem mesmo aqueles que antecipadamente conhecem o final desta história e a maioria de seus personagens.

De fato, boa parte dos mais de trinta personagens que povoam as páginas de *A Guerra do Fim do Mundo* foi inspirada em figuras reais, que verdadeiramente estiveram no cenário dos acontecimentos. Além de Antonio Conselheiro e outros nomes óbvios como o Coronel Moreira César e os demais comandantes do exército que estiveram em Canudos, Vargas Llosa recuperou figuras menos ilustres, a exemplo de alguns famosos jagunços e devotos que compunham o séquito de Canudos, tais como Pajeú, João Abade e João Grande, ilustres por seu passado criminoso; Antonio Beatinho e o Leão de Natuba, fervorosos seguidores do

<sup>130</sup> FIUZA, Adriana Ap. Figueiredo. A História na ficção de José Saramago e Mario Vargas Llosa: Confluências e Divergências. **Revistas Línguas e Letras: Estudos literários**, v. 6, nº10, 2005.

<sup>131</sup> Algo semelhante ocorre com a categoria da *carnevalização* proposta por Mikhail Bakhtin, que não se refere apenas ao Carnaval localizado em determinado espaço e tempo, mas estende-se à carnavalização de diversas outras situações, como demonstro no capítulo seguinte.

<sup>132</sup> KOBYTECKA, Ewa. Mario Vargas Llosa: una realidad desdoblada o el procedimiento de los vasos comunicantes. **Revista Hipertexto**, Valladolid, 2006, pp. 50-64.

<sup>133</sup> SETTI. *Ibidem*, 43.

Conselheiro; os irmãos Vilanova, que na versão fictícia vargallosiana operavam como uma espécie de administradores do arraial, controlando a entrada, saída e distribuição de recursos; entre outras figuras que, não por acaso, podemos encontrar também nos livros de história e no clássico de Euclides da Cunha.<sup>134</sup>

Alguns dos personagens fictícios criados por Llosa já apareciam desde as primeiras versões de sua obra, quando ela era ainda, na verdade, um roteiro para o cinema. Este é o caso do anarquista Galileo Gall e dos dois outros membros do triângulo amoroso no qual ele se insere, os sertanejos Rufino e Jurema, além da figura polêmica do editor jornalístico Epaminondas Gonçalves e do ilustre Barão de Canabrava. Este último, juntamente com Antonio Conselheiro e Coronel Moreira Cesar, costumam ser apontados como o que poderíamos classificar de protagonistas da obra, uma vez que suas ações ocupam grande espaço dentro da narrativa. Todavia me parece bastante difícil estabelecer protagonismos em um mundo tão múltiplo como aquele construído por Vargas Llosa, no qual personagens inicialmente marginais vão gradualmente ganhando expressão considerável com o desenrolar da narrativa, como é o caso, por exemplo, do anão sem nome, outrora integrante de um circo que vagava pelo sertão, e que por uma sucessão de acasos acaba no interior de Canudos em meio ao fogo cruzado, lutando pela sobrevivência juntos aos jagunços do Arraial. Na perspectiva de Efraín Kristal, isso ocorre porque, contrariando a maioria dos trabalhos literários e historiográficos sobre Canudos, Vargas Llosa optou por abordar o conflito pela ótica dos vencidos. Nas palavras do próprio peruano quando do lançamento de *A Guerra do Fim do Mundo*:

A visão dos vencidos é totalmente desconhecida. Nenhum sertanejo que tenha participado ou testemunhado os eventos escreveu sobre eles e as versões oferecidas por outros são totalmente subjetivas e distorcidas. Alguns detalhes de suas histórias somente agora estão emergindo.<sup>135</sup>

É nesse sentido, o de explorar o que até então era pouco explorado, que o autor dedica centenas de páginas de sua obra para apresentar a história pessoal de conversão de todos os seguidores de Antonio Conselheiro que desempenham alguma função, ainda que mínima, dentro na narrativa. Neste grupo estão os já citados Pajeú, João Grande, João Abade, Beatinho, Leão de Natuba, os Vilanova e também a beata Maria Quadrado e Alexandrinha Correa.

<sup>134</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira de. **O Império de Belo Monte**. Ibidem, p.48-53.

<sup>135</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *Apud*: KRISTAL, Efraín. Ibidem, p. 127. (tradução livre)

Vale observar que a introdução destes personagens na trama acontece invariavelmente da mesma maneira, qual seja, em momentos de extremo desamparo, pessoal e psicológico, surge a figura de Antonio Conselheiro representando uma forma de esperança e salvação divina àquelas almas atormentadas que, instantaneamente, se convertem e passam a integrar a comitiva Conselheirista. Cornejo Polar é um crítico desta estrutura, que para ele automatiza e simplifica a obra:

El lector sabe muy pronto que la siguiente aparición del Consejero será providencial, que encontrará a alguien en una situación dramática, que logrará la adhesión de esa persona, que ella – finalmente – será unos de sus discípulos más cercanos. Se trata, pues, de un proceso (...) mecánico.<sup>136</sup>

Existe ainda na trama vargallosiana um ambiente muito visitado pelo narrador, trata-se do *Jornal de Notícias*, comandado pelo astucioso Epaminondas Gonçalves e no qual o Jornalista Míope trabalhou até ser enviado como correspondente de Guerra aos campos de batalha. Não surpreende a presença deste cenário em *A Guerra do Fim do Mundo*, haja vista que, observando a produção ficcional de Mario Vargas Llosa, não é difícil encontrar inúmeras referências a personagens-escritores, desde o jovem Alberto de *Batismo de Fogo* (1963), conhecido entre os amigos como “o poeta” por dedicar-se a compor narrativas eróticas em troca de favores, até as incessantes anotações do complexo personagem Roger Casement em seu diário de viagens em *O sonho do Celta* (2010).

De acordo com Angela Gutiérrez a recorrência destes “escrevinhadores, escribas, jornalistas, radialistas, aprendizes de escritor, *hommes-plummes*, na expressão flaubertiana, e seus afins, os contadores de estórias”, cumpre, no interior das obras vargallosianas, a função de representar um alter-ego do escritor real, de modo a que essas figuras venham a explanar, enquanto intérpretes, o seu modo de “ver-o-mundo”.<sup>137</sup> Apropriando-me com cuidado de certas considerações propostas pela pesquisadora, o *Jornal de Notícias* em *A Guerra do Fim do Mundo*, bem como seu maior rival, o folhetim monárquico *Diário da Bahia*, pertencente ao Barão de Canabrava, podem, de fato, servir como elemento de denúncia do autor acerca da manipulação de informações para fins meramente políticos, uma vez que “os jornais, no romance, alardeiam ou silenciam o que interessa aos seus proprietários. Servem, sobretudo,

---

<sup>136</sup> CORNEJO POLAR, Antonio. “Vargas Llosa, Mario: *La guerra del fin del mundo*”. In: **Revista de crítica literária latinoamericana**. Lima: Latinoamericana Editores, 1982. *Apud*: FERNANDES, Rinaldo Nunes. **Mundo múltiplo**: uma análise do romance histórico “La guerra del fin del mundo”, de Mario Vargas Llosa. Campinas, 2002. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, p. 104.

<sup>137</sup> GUTIÉRREZ, Angela. **Vargas Llosa e o romance possível da América Latina**. Ibidem, p. 48.

para mobilizar ideias a favor do poder/ *staus quo*”.<sup>138</sup> Estas passagens estão quase que integralmente compiladas na unidade dois da obra, na qual Vargas Llosa escancara a construção do mito da conspiração de Canudos, engendrado no interior das redações jornalísticas.

Todavia, outro personagem-escritor se destaca na trama, embora não esteja alinhado às tendências políticas de nenhum jornal, a não ser à sua própria ideologia, pregada e defendida com fervor. Galileo Gall, o escocês anarquista que chegou ao sertão atraído pelos rumores a respeito de uma revolução social de sertanejos, aparece já nas primeiras páginas do romance, tentando, obviamente em vão, publicar no jornal republicano de Epaminondas Gonçalves uma convocação aos “amantes da justiça a um ato público de solidariedade aos idealistas de Canudos e a todos os rebeldes do mundo”.<sup>139</sup> Entre todos os fanáticos apontados pela crítica que circulam por entre os episódios do romance, Gall se apresenta como o mais apaixonado. Suas inúmeras cartas enviadas desde a Bahia para a Europa relatando as maravilhosas possibilidades a serem exploradas para a causa revolucionária entre os revoltosos de Canudos poderiam ser classificadas como risíveis ou, no mínimo, dignas de compaixão, uma vez que o jornal ao qual as cartas eram endereçadas não mais existia. É interessante observar que a “unidade um” de *A Guerra do Fim do Mundo* está centrada, sobretudo, na caracterização e na ação de dois personagens, Antonio Conselheiro e o próprio Galileo Gall, propagadores de ideologias distantes, a despeito das semelhanças que o escocês insistia em enxergar. No entanto, enquanto no decorrer de cada capítulo o séquito do religioso não cessa de crescer e avançar, por mais que se empenhe Gall não consegue converter uma única alma aos seus ideais revolucionários, pelo contrário, sua fala arrastada e seu comportamento atípico são narrados de forma quase patética.<sup>140</sup>

Sabendo das circunstâncias políticas pessoais que permeavam a vida de Mario Vargas Llosa durante a elaboração da trama seria difícil não supor que a inserção de Galileo Gall, como dito um personagem fictício, na narrativa não esteja ligada a uma crítica do autor a respeito da ideologia propagada pelo escocês, bem como a um alerta sobre os perigos e as armadilhas que a adesão política extremada pode desencadear. Embora esta pareça uma constatação óbvia outras associações, muito menos evidentes, entre *A Guerra do Fim do Mundo* e finalidades políticas pretensamente engendradas pelo autor já foram levantadas e debatidas pela crítica literária. Ora, não há aqui nenhuma intenção de negar a complexa

<sup>138</sup> FERNANDES, Rinaldo Nunes. *Ibidem*, p. 124.

<sup>139</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *A Guerra do Fim do Mundo*. *Ibidem*, p. 19.

<sup>140</sup> KRISTAL, Efraín. *Ibidem*, p. 132.

relação entre o autor, seu tempo e sua obra. O próprio Vargas Llosa afirma que escrever um romance é uma cerimônia parecida a de um strip-tease, tendo em vista que “el novelista desnuda también su intimidad, (...) sus nostalgias, sus culpas, sus rencores (...) en público a través de sus novelas”.<sup>141</sup> No entanto, corre-se o risco de reduzir um ao outro, tornando-se a obra, por vezes, coadjuvante em benefício de aspectos exteriores a ela.

Nesse sentido, faz-se necessária uma breve explanação acerca de algumas opiniões, suposições e pontos de vistas já explorados em relação à *A Guerra do Fim do Mundo*, a fim de verificar-se de que maneira ela vem sendo abordada, bem como as inúmeras possibilidades de investigação contidas em seu interior.

### 2.3 UMA OBRA, MÚLTIPLAS FACES: as possibilidades de *A Guerra do Fim do Mundo*

Por ter sido publicada em um momento crítico da vida pública de Mario Vargas Llosa, a chamada transição ideológica pelo rompimento com a esquerda e uma gradativa aproximação às tendências liberais, *A Guerra do Fim do Mundo* foi alvo de interpretações de certa forma parciais em relação ao seu conteúdo, sobretudo pela crítica contemporânea à sua publicação. A questão da condenação aos fanatismos foi apontada como o elemento central da obra por muitos dos seus intérpretes, não por representar a percepção do autor frente aos acontecimentos de Canudos, senão porque revelaria seu ressentimento para com qualquer tipo de ideologia que pudesse privar os indivíduos da liberdade de escolha e expressão que, havia pouco tempo, tornara-se seu lema. As palavras do ilustre crítico literário norte-americano Seymour Menton ilustram essa tendência:

Además del valor intrínseco de ese suceso novelesco [A Guerra do Fim do Mundo], no cabe duda de que la condena del fanatismo en la novela proviene de la posición política actual del autor, candidato centrista a la presidencia del Perú. O sea que la condena del fanatismo se extiende al fanatismo de los guerrilleros de Sendero Luminoso, activos en el Perú en la década del 80. (...) Vargas Llosa justifica el cambio de su propia ideología de socialista a capitalista.<sup>142</sup>

*A Guerra do Fim do Mundo* pode, na verdade, ser comparada a um calidoscópio tão múltiplas são as oportunidades de interpretação que ela nos oferece. Abordá-la pelo viés da

<sup>141</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **Historia secreta de una novela**. Editora Fabula Tusquet, 1971.

<sup>142</sup> MENTON, Seymour. La guerra de Mario Vargas Llosa contra el fanatismo. *Apud*: FERNADES, Ibidem, p.

condenação dos fanatismos é uma ação válida, uma vez que, dependendo do ponto de vista, a obra pode fornecer elementos que corroborem essa percepção. Parece-me mais apropriado, no entanto, buscar esses argumentos no interior da dinâmica natural da própria trama, a fim de que concepções anteriores à sua apreensão não interfiram no processo de compreensão da obra, fazendo com que pesquisador encontre somente aquilo que procura.

Cada novo feixe de luz que se deita sobre os espelhos do calidoscópio vargallosiano não ficará decepcionado ao ser retribuído com uma possibilidade, por vezes, inusitada de análise. Este é o caso, por exemplo, da tese de doutorado elaborada pelo professor Rinaldo N. Fernandes, que tem por objetivo debruçar-se de maneira profunda sobre *A Guerra do Fim do Mundo* para expor as inúmeras focalizações, ou pontos de vista, sobre as quais a obra foi construída.<sup>143</sup> Este talvez tenha sido um dos primeiros estudos brasileiros a se dedicar integralmente a uma análise profunda da obra em questão. O autor inicia sua exposição com uma longuíssima revisão sobre as relações entre História e Literatura e sobre a conceituação do que seria um “romance histórico”, para a qual utiliza trabalhos de Hayden White, Paul Ricoeur e Walter Mignolo. Ao final desta etapa irá concluir que, 1) por penetrar na “essência da época”, um momento de crise da história brasileira, 2) por privilegiar personagens que podem ser descritos como “tipos histórico-sociais”, muito humanizados e pouco hierarquizados e 3) por buscar, apesar de seu caráter indubitavelmente ficcional, manter relação com algum tipo de “fidelidade história”, *A Guerra do Fim do Mundo* mantém íntima relação com a descrição de Georg Lukács, a respeito do romance histórico clássico, do qual Walter Scott seria o maior representante.<sup>144</sup>

Tendo classificado, de acordo com suas perspectivas, o lugar da obra vargallosiana, Rinaldo Fernandes parte para o que, de fato, me parece ser seu objetivo de pesquisa, qual seja, uma análise densa dos personagens, bem como dos pontos de vista que eles evocam na narrativa. Assim, o primeiro a ganhar destaque é Antonio Conselheiro, apresentado pelo autor como uma figura de complexidade ímpar, que mescla o fanatismo religioso a um tipo de personalidade especial, misteriosa e romanesca. Na sequência, temos a análise seletiva de alguns dos seguidores do beato, a saber, Beatinho, Maria Quadrado, João Grande e Antônio Vilanova. Estes personagens são apresentados por Rinaldo como meros coadjuvantes no desenrolar da trama, “suportes para erguer um tipo mais importante na narrativa – o

---

<sup>143</sup>FERNANDES, Rinaldo N. **Mundo múltiplo**: uma análise do romance histórico “*La guerra del fin del mundo*”, de Mario Vargas Llosa. Campinas, 2002. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

<sup>144</sup>FERNANDES. Ibidem, p. 69-74.



Conselheiro”<sup>145</sup>. Não compartilho desta perspectiva antes de tudo por motivos práticos, pois não me parece plausível dedicar dezenas de páginas à explanação detalhada da biografia e das ações de um grupo de personagens que não serviriam para nada, além de dar sentido a outra figura maior, mas, sobretudo, porque acredito que, não só os nomes selecionados pelo autor, mas a maioria dos sertanejos canudenses que têm suas histórias abordadas na trama possuem importância, uma vez que são eles que dão vida ao arraial. É através da narrativa de suas trajetórias que Canudos vai, gradativamente, ganhando sentido, bem como é pelos laços de comunidade criados entre eles, a exemplo da relação maternal estabelecida entre Maria Quadrado e os jagunços da guarda católica, que a luta e a defesa de Belo Monte se tornam ainda mais justificadas. Nesse sentido, os papéis de Antonio Conselheiro e seu séquito na construção da narrativa não deveriam ser vistos de maneira tão hierarquizada. A mim parece que a hierarquia não estaria na oposição entre o Conselheiro e o seu séquito, mas talvez na variedade de personagens que compõem os seus seguidores.

Outro personagem que, para Rinaldo Fernandes, mereceu destaque foi o Jornalista Míope, uma figura importante por possuir uma visão, salvo a ironia do termo, bastante diversificada a respeito da guerra, atuando nos dois principais folhetins baianos e, portanto alinhando seu discurso conforme o interesse dos editores, bem como conhecendo o conflito *in loco*, situação que modificou radicalmente suas perspectivas. Em seguida o autor se debruça sobre as figuras do “fanático republicano” Moreira César e do Barão de Canabrava, caracterizado como uma “espécie de mentor intelectual dos monarquistas”<sup>146</sup>, detentor de uma percepção política única. E por fim, o pesquisador apresenta uma interessante interpretação sobre Galileo Gall, segundo ele, uma caricatura da visão europeia sobre a América Latina, irreal e idealizada.<sup>147</sup> O autor conclui seu trabalho afirmando que embora *A Guerra do Fim do Mundo* possibilite diversos pontos de vista a respeito de um mesmo objeto, estes se apresentam nivelados de tal maneira que queda difícil ao leitor posicionar-se a favor ou contra apenas um deles. De fato, Vargas Llosa parece conduzir o leitor numa espécie de jogo, no qual ele é levado constantemente a rever suas concepções a respeito dos diversos personagens e situações. Esta ambiguidade que permeia toda a trama será novamente invocada e melhor analisada no capítulo III.

Dentre os demais pesquisadores brasileiros que se interessaram pela produção vargallosiana, outro nome que se sobressai é o da professora Angela Gutiérrez, sobretudo, a

---

<sup>145</sup> FERNADES. *Ibidem*, p. 97.

<sup>146</sup> *Idem*, p.133.

<sup>147</sup> *Idem*, p. 136-142.

partir de sua obra *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Aqui, no entanto, *A Guerra do Fim do Mundo* não é o principal objeto de análise da autora que, procurou na verdade, circular pela totalidade da obra de Vargas Llosa até finais da década de noventa, ressaltando aspectos em comum entre as diversas publicações e pontos de convergência que pudessem indicar o sentido último de seus enredos.

A autora traça inicialmente um paralelo entre a vida do escritor, melhor dizendo, da imagem que ele construiu a respeito da própria vida, e os elementos de sua escrita, usando como método a análise do constante recurso do autor às passagens de sua biografia pessoal na elaboração de suas tramas. Gutiérrez desenvolve o perfil de Vargas Llosa como aquele escritor insatisfeito e insurgente frente à realidade que lhe é imposta, de modo que incorporando a rebeldia luciferiana, sente-se compelido à criação de uma nova realidade. O escritor estaria constantemente voltado para um espelho que refletiria em suas invenções desde suas experiências mais remotas, como a infância traumática ao lado do pai, até a igualmente perturbadora derrota nas eleições presidenciais para o Peru em 1990. “Através do jogo da verdade e da mentira, o escritor peruano constrói seu mundo ficcional, espelho infiel da vida, como alternativa ao mundo real (...) deseja inscrever-se no livro-pátrio como personagem que fala, porta voz do povo”.<sup>148</sup>

Angela Gutiérrez interpreta também a condição de estrangeirismo do autor, radicado há muitos anos na Europa e espectador a distancia do desenrolar dos acontecimentos políticos e sociais do Peru. Essa situação se materializaria com mais força, quando o autor opta por fazer um livro, e não qualquer livro, a respeito de um tempo e de um espaço completamente alheios a qualquer outra experiência literária que já havia executado. *A Guerra do Fim do Mundo* é, segundo a pesquisadora, uma análise vargallosiana sobre os elementos constitutivos da própria América Latina, de modo que sua leitura a respeito do drama de Canudos seria extensiva aos demais dramas históricos e atuais do continente, expressos pelos pares antagônicos conquistador x conquistado, velho mundo x novo mundo, cristãos x pagãos, brancos x homens de cor, civilizados x bárbaros, todos eles incorporados ao romance de 1981. A coerência desta interpretação pode ser constatada pela fala do próprio Mario Vargas Llosa ao afirmar que, embora não tenha se valido de material autobiográfico na execução de *A Guerra do Fim do Mundo*, como americano, esta obra o define e o representa muito mais que as anteriores.

---

<sup>148</sup> GUTIÉRREZ. Ibidem, p. 23-101.

Outra referência que merece destaque, sobretudo pelo evidente empenho do autor frente ao altíssimo volume de material analisado, é a obra *Temptation of the Word: the novels of Mario Vargas Llosa*<sup>149</sup>, elaborada pelo professor peruano radicado nos Estados Unidos, Efraín Kristal. Como no livro supracitado de autoria da professora Angela Gutiérrez, a obra de Kristal também não tem *A Guerra do Fim do Mundo* como mote principal, embora apresente uma discussão bastante consistente a respeito dela. O principal mérito da obra é apresentar um painel detalhado acerca não só da produção literária vargallosiana, senão de toda sua trajetória enquanto homem político. O ponto de partida para essa exposição é um debate a respeito do compromisso dos escritores, questão que acabou se tornando um dos principais agentes da dissidência entre Mario Vargas Llosa e o Partido Comunista. Nesse sentido, temos uma interessante explanação acerca do que poderíamos chamar de “primeira fase” do autor, na qual ele abertamente declarava seu em compromisso com a causa revolucionária socialista. Definido este momento de sua vida política, Kristal passa então a uma análise detalhada das novelas da década de 1960 que, portanto, foram construídas sob tal visão de mundo do autor.

A fase de “transição” de Vargas Llosa até o seu efetivo rompimento com a esquerda, abre caminho na obra de Efraín Kristal, para uma interpretação das novelas publicadas durante os anos de 1980, dentre as quais, obviamente, *A Guerra do Fim do Mundo* ganha merecido destaque. A obra é apresentada como um divisor de águas na produção acadêmica e literária a respeito de Canudos, uma vez que teria invertido o foco da análise para o grupo dos vencidos, apresentando a versão daqueles que, por muito tempo, teriam sido mantidos em segundo plano<sup>150</sup>. Kristal acredita ainda que uma das intenções de Vargas Llosa ao resgatar Canudos foi evidenciar como o confronto de duas visões de mundo completamente díspares pode gerar consequências destrutivas e inúteis para ambas as partes.

*A Guerra do Fim do Mundo* oferece ainda outras facetas àqueles que se arriscarem a interpretá-la. A partir dela é possível, por exemplo, elaborar um estudo interessante a respeito da imprensa oitocentista, uma vez que a perspectiva jornalística como já dito representa um dos pontos mais significativos da obra. Outra possibilidade estaria na exploração do papel das mulheres no interior da narrativa, afinal este é um grupo pequeno em seu interior, e só esta constatação já desperta curiosidade. Todavia, mas do que isso a figura feminina se apresenta na trama, salvo raras exceções, sempre associada à violência, ao sexo e à submissão masculina.

---

<sup>149</sup> KRISTAL, Efraín. **Temptation of the Word**, 1998. Ibidem.

<sup>150</sup> Idem, p. 126-27.

Não obstante a verificação destes pontos ainda pouco explorados existe uma perspectiva sob a qual *A Guerra do Fim do Mundo*, desde sua publicação até os trabalhos mais recentes, não deixa de ser observada, qual seja, sua comparação com *Os Sertões*, considerada a obra mestra sobre o tema de Canudos, na qual Euclides da Cunha, escritor-testemunha, registrou de perto o drama e o desenvolvimento do conflito, num misto de ciência, jornalismo e literatura.

## 2.4 O PARADIGMA EUCLIDIANO E A REESCRITA DE CANUDOS

Também Euclides nos legou um livro, “Os Sertões”, que pode ser um ensaio, pode ser uma peça da história, talvez seja um trabalho jornalístico, tem a forma de um romance. Tem poesia? Acho que tem. Sempre que o releio, me pergunto: o que ele é?

(...)

Euclides via o Brasil dividido entre a civilização e a barbárie. Seria fácil se soubéssemos dizer de que lado cada uma delas está. Não sabemos. Na verdade, nós a carregamos dentro de nós. Toda ficção sempre se desloca, toda literatura se esquiva e fere, ou literatura, de fato, não é. Escritores corajosos sabem disso. Não importa se dizem isso, ou não.<sup>151</sup>

De fato, seria impossível sequer supor contar a história de Canudos sem recorrer ao clássico de Euclides da Cunha. Definir *Os Sertões* se mostra uma tarefa quase tão difícil quanto desvendar as inúmeras facetas de seu autor. As contradições e constantes mudanças de perspectivas engendradas pelo engenheiro, militar e jornalista brasileiro e expressas não só em sua obra máxima, mas também nos artigos e crônicas que publicou durante e após o conflito, são apontados por Mario Vargas Llosa como alguns dos elementos que o fizeram apaixonar-se por essa figura tão significativa para a história da literatura brasileira.

Não é segredo que a principal motivação do literato peruano em seguir com o desafio que era escrever uma obra a respeito de uma realidade que lhe era completamente estranha, mesmo após a razão primária desta aproximação, o roteiro cinematográfico, ter sido extinta, foi o deslumbramento causado nele pela leitura do clássico euclidiano, que este ano completa 110 anos de sua publicação. *Os Sertões* foi, segundo Vargas Llosa,

---

<sup>151</sup> CASTELLO, J. In: O Globo, 2010. Apud: REGO. Tarcísio G. **Vargas Llosa Reescreve Euclides**. Ibidem, p. 101.

Uma das grandes experiências da minha vida de leitor (...) foi o encontro com um livro muito importante, com uma experiência fundamental. Um deslumbramento realmente, um dos grandes livros que já se escreveram na América Latina.<sup>152</sup>

Ademais, o autor insere a obra de Euclides na galeria das maiores obras já publicadas até hoje, juntamente com sua leitura quando garoto de *Os Três Mosqueteiros* e já adulto, *Guerra e Paz*, *Madame Bovary* e *Moby Dick*<sup>153</sup>, evidenciando sua preferência pelo estilo romanesco novecentista, qual seja, “aventuras, painéis da sociedade, heroísmo, enfim, tentativas de apreensão totalizante da vida humana”.<sup>154</sup>

Os diversos Euclides presentes em *Os Sertões*, de fato possibilitaram a elaboração do que já foi classificado como a “Bíblia da nacionalidade” brasileira<sup>155</sup>, verdadeiro caldeirão, no interior do qual foram condensados o pensamento, a cultura, a ideologia, o comportamento e a ciência que definiram o Brasil do século XIX.

Lançado com uma humilde tiragem de apenas mil exemplares, financiados, soube-se depois, pelo próprio autor, *Os Sertões*, parecia fadado a empoeirar-se nas prateleiras das livrarias e bancas, nas quais havia sido distribuído. No entanto, cerca de um ano depois Euclides da Cunha era convidado com honras a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e a integrar o corpo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, as duas instituições acadêmicas mais consagradas do país. A reviravolta inesperada ocorreu graças a um daqueles poucos leitores que, curiosos com o calhamaço de mais de seiscentas páginas, adornadas por algumas ilustrações, resolveu se arriscar a comprar a obra, logo no primeiro dia em que ela foi lançada. Para sorte de Euclides, não se tratava de um leitor qualquer, senão de José Veríssimo, aclamado e respeitadíssimo crítico literário, membro fundador da Academia que, ao terminar sua leitura, publicaria o primeiro de muitos artigos a propósito do novo e surpreendente livro que acabara de conhecer. “Crítica consagrada. Inesquecível. Clássica. Com ela, atraiu para Euclides todas as atenções do público e das elites pensantes”.<sup>156</sup> Em pensar que, se naquele 1º de dezembro de 1902, Veríssimo tivesse optado por não arriscar alguns trocados na, até então, desconhecida obra, Euclides da Cunha e *Os Sertões* poderiam ter desaparecido ignotos ao restante da nação, bem como todos os debates, releituras e polêmicas que se fizeram a partir deles ficariam por serem feitos.

---

<sup>152</sup> SETTI. Ibidem, p.39.

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> GUTIÉRREZ, Angela. Euclides segundo Vargas Llosa. **Revista Tensões Mundiais**, s.d.

<sup>155</sup> BRANDÃO, Adelino. Os Sertões, uma revolução literária. Prólogo. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

<sup>156</sup> Idem, p. 16.

Quando eclodiu o conflito em Canudos Euclides da Cunha trabalhava como jornalista para o Estado de São Paulo, mas já acumulava em seu currículo outras funções, como engenheiro e militar no Rio de Janeiro, centro da efervescência cultural do país. Desde os primeiros anos de sua formação, o escritor mostrou-se alinhado com as tendências ideológicas predominantes no pensamento dos Oitocentos.

Estavam, à época, sendo lançadas as pilastras para a construção de uma nação idealizada nos moldes europeus, de modo que “o darwinismo, a revolução sanitária produzida pela microbiologia e as pesquisas no campo da física e da química aplicada”<sup>157</sup>, temas em destaque no velho continente, foram assimilados pelos intelectuais do século XIX como paradigmas para a constituição de uma nação elevada cultural, social e politicamente. Nesse contexto, as aspirações do Estado republicano entravam em choque com as principais formas culturais e manifestações religiosas que havia no país.

Euclides da Cunha, dono de uma mente curiosa e aguçada, desde muito cedo mostrou-se encantado com os avanços científicos das últimas décadas de seu século, alinhando-se às aspirações republicanas de progresso, civilização e modernização. As teorias raciais e os determinismos geográfico e biológico foram incorporados ao pensamento do escritor como verdades inquestionáveis e, mais do que isso, como chaves para compreender e guiar os destinos da nação rumo à evolução.

Euclides, como boa parte dos intelectuais contemporâneos, compartilhava destas ferramentas mentais que possibilitavam uma maior compreensão da realidade do País. O sertão era percebido como território da barbárie, tal como o conceberam, na primeira metade do século, a elite imperial e o olhar estrangeiro, marcadamente ilustrado.

A idéia (*sic*) de sertão sintetizava a representação do outro indesejado e distante, símbolo daquilo que não se poderia conceber como nacional.<sup>158</sup>

Nesse sentido, ao decidir-se por escrever uma obra total a respeito da Guerra de Canudos, Euclides da Cunha optou por delimitar anteriormente os elementos que, segundo suas crenças, determinaram, em última instância, a eclosão do conflito. Em “A Terra”, primeira das três divisões principais de *Os Sertões*, tal qual o diretor de um espetáculo o autor descreve minuciosamente as condições do cenário em que os eventos principais irão de desenrolar. Aqui, quem escreve é o “cientista e geógrafo” Euclides da Cunha, apresentando todas as características físicas do sertão, o clima, as secas, o solo, os rios, fazendo uso de um

---

<sup>157</sup> REGO. *Ibidem*, p. 24.

<sup>158</sup> OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha, *Os Sertões* e a invenção de um Brasil profundo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 511-537, 2002.

vocabulário técnico tão vasto e específico, que um leigo somente seria capaz de decifrá-lo com o auxílio de um manual. Por exemplo:

Vê-se, de fato, que três formações geognósticas díspares, de idades mal determinadas, aí se substituem ou se entrelaçam, em estratificações discordantes (...). Surgem primeiro as possantes massas gnaissegraníticas, que a partir do extremo sul se encurvam em desmedido anfiteatro que tanto encantam e iludem as vistas inexpertas dos forasteiros.<sup>159</sup>

A aventura da descrição desse imenso sertão começa pelo planalto central e vai desenrolando-se até o Nordeste do país seguindo o curso dos rios. Quanto ao clima, este é inconstante: dias abrasadores e noites frias, além de uma secura constante no ar. Sobre a caatinga, o autor demonstra um conhecimento aprofundado das espécies da flora local, através de uma sequência de análises que inclui o nome científico e a descrição detalhada de inúmeras plantas características do solo árido sertanejo. As secas, males constantes que afligem o homem e as demais formas de vida da região, ganham também uma complexa tentativa de interpretação, que em última instância, ratifica seu papel na constituição do caráter igualmente árido e estéril dos sertanejos. Este sertão imaginado na parte inicial da obra apresenta-se como uma terra de provação, não pela sua geografia desprivilegiada, mas por todos os outros fatores que tornam a região símbolo do atraso e do retrocesso: “O martírio do homem ali é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio secular da Terra...”.<sup>160</sup>

O próximo passo do autor na direção de sua peça é a apresentação dos atores que compõem o elenco da trama. Em “O Homem”, entram em cena as descrições do “sociólogo e do antropólogo” Euclides da Cunha que, em consonância com a teoria científica das raças em voga em sua época, decreta a impossibilidade de se construir uma raça única no Brasil e, vai além, ao afirmar que se nossa evolução biológica não tiver como garantia uma evolução social, a fim de que, alcancemos, de fato, à civilização, estaremos fadados ao desaparecimento, acrescentando que trata-se de uma “afirmativa segura”.<sup>161</sup> Esta é, sem dúvida, a parte mais controversa da obra euclidiana, promotora de um sem número de análises teleológicas que taxaram o autor de racista, determinista social, preconceituoso, entre outros adjetivos similares, estimuladas por declarações que definiram os habitantes do sertão como

---

<sup>159</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 22.

<sup>160</sup> CUNHA, Euclides da. *Ibidem*, p. 71.

<sup>161</sup> *Idem*, p. 79.

disseminadores de uma sub-raça efêmera, como comprova o longo trecho introduzido pelo subtítulo “um parênteses irritante”:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado (...) E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuz - , menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores (...) é uma intruso.<sup>162</sup>

Parece-me óbvio que julgar as opiniões euclidianas como discriminatórias, elitistas ou seletivas não é uma argumentação válida, uma vez que suas interpretações estavam em consonância e absolutamente mergulhadas no cientificismo que dominava os círculos intelectuais do século XIX. Ademais, para além de expressar uma interpretação pessoal a respeito do sertão e dos sertanejos, Euclides explanava também as concepções do senso comum, daí a importância de seu livro que se apresenta, antes de tudo, como uma profunda análise da consciência coletiva de uma época.

Richard Morse, ilustre brasilianista estadunidense, também aponta para os equívocos acerca das interpretações anacrônicas promovidas a respeito de *Os Sertões*. Segundo o pesquisador, Euclides da Cunha procurou conhecer intimamente os elementos humanos de seu próprio país, reconhecendo o dilaceramento geográfico, climático, temporal e psíquico que marcou o desenvolvimento dos tipos brasileiros. Ao invés de ficar preso a uma camisa de força cientificista, como insinuam as análises superficiais da obra, Euclides teria buscado encontrar “estratégias para apreender as fissuras, falhas e hibridismos e levá-los ao equilíbrio, converter a histeria numa harmonia ou ordem justa de Atenas”.<sup>163</sup>

De fato, o mesmo Euclides da Cunha que afirmava o retrocesso presente na mistura de raças parece contradizer-se algumas páginas à frente ao declarar a força do homem sertanejo, bem como sua originalidade<sup>164</sup>, demonstrando muito mais sua intenção em compreender a profundidade da formação humana do sertão, do que em manter-se fixamente coerente a

<sup>162</sup>CUNHA. Ibidem, p. 110-11.

<sup>163</sup>MORSE, Richard. **O Espelho de Próspero**: cultura e ideias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 101.

<sup>164</sup>CUNHA. Ibidem, p. 115.



qualquer teoria científica ou ainda nas palavras de Morse, “Euclides fundiu seus violentos conflitos interiores com os que encontrou no inóspito interior do Brasil”.<sup>165</sup>

Os conflitos interiores do engenheiro e militar brasileiro se tornam mais evidentes na terceira e última parte de sua obra, na qual sua condição de testemunha ocular dos conflitos da 4ª expedição parece, no mínimo, tê-lo feito reconsiderar alguns de seus dogmas. Em “A Luta” quem escreve é o jornalista e o homem Euclides da Cunha. São talvez, as páginas mais literárias de toda a narrativa, nas quais o tom de denúncia se faz mais evidente.

Euclides teceu duras críticas àqueles que quiseram dar a entender que o arraial de Canudos era mais do que aparentava ser, um aglomerado de fanáticos religiosos, atribuindo-lhe feições de conspiração política. Sobre as constantes derrotas do exército brasileiro frente às rotas tropas canudenses, o escritor declarou:

Estes [os jagunços] ao menos eram lógicos. Insulado no espaço e no tempo (...) só podia fazer o que fez – bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de enjeitar cerca de três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas (...) Reagiu. Era natural.<sup>166</sup>

Se durante os preparativos para a 4ª expedição, já em inícios de 1897, assistiu-se à chegada de um jovem repórter, correspondente de Guerra, inflamado pela causa republicana e alinhado às noções civilizatórias do centro-sul país aos campos de batalha, não podemos dizer o mesmo do homem que ao dia cinco de outubro observava a destruição de um sem número de inocentes pelas balas e granadas mutiladoras do exército. “O confronto com a trágica realidade dilacerou internamente o escritor, transformando o livro em um manifesto a favor da memória dos heroicos seguidores do Conselheiro” e, mais do que isso, “afirmando a existência de uma brasilidade sertaneja, como algo essencial à formação histórica do Brasil”.<sup>167</sup>

Mario Vargas Llosa, que nunca antes da leitura de *Os Sertões*, havia sequer ouvido falar sobre a revolta de Canudos, quedou-se profundamente impressionado com o relato quase visceral do brasileiro a respeito da Guerra, chegando a afirmar que não fosse a experiência definitiva que teve no contato com esta obra, talvez jamais tivesse sido capaz de elaborar *A Guerra do Fim do Mundo*, haja vista que, sem o esforço de Euclides da Cunha em recuperar este episódio ele, provavelmente, estaria perdido, como outros momentos violentos e bárbaros

---

<sup>165</sup> MORSE. Ibidem.

<sup>166</sup> CUNHA. Ibidem, p. 325.

<sup>167</sup> OLIVEIRA. Ibidem.

de nosso continente.<sup>168</sup> No entanto, se *Os Sertões* guarda em si os méritos de fixar definitivamente Belo Monte e Antônio Conselheiro na história de nosso país, ele também cria uma situação incômoda a todos que também queiram se arriscar a escrever sobre o tema, uma vez que, mais do que uma obra literária, tornara-se também um paradigma e o que Euclides dissera, como afirmou o historiador José Calasans, “estava dito”.<sup>169</sup>

Vargas Llosa lançou-se a este desafio e como era de se esperar colheu os frutos desta aparente ousadia. Alguns deles, no entanto, se mostraram muito pouco agradáveis. Não raro, encontram-se críticos que simplificam a obra vargallosiana classificando-a como uma reescrita do clássico de Euclides da Cunha. Nesse sentido, *A Guerra do Fim do Mundo*, somente seria inteligível à sombra de sua obra mestra e fundadora, *Os Sertões*. Como já dito anteriormente, de fato, a obra euclidiana teve importância crucial na opção de Vargas Llosa por explorar a temática de Canudos, no entanto, este não foi o único material utilizado. Pelo contrário, a obra vargallosiana é fruto também de uma profunda pesquisa bibliográfica e *in loco*.

Colocando em confronto as duas versões a respeito de Canudos, a euclidiana e a vargallosiana, a pesquisadora Rebeca Guedes, recorre ao que classifica como “comunitarismo do imaginário coletivo da América Latina”. De acordo com essa perspectiva, existiria nesta porção de nosso continente uma espécie de sentimento coletivo único, legitimado pelas similaridades dos processos históricos aos quais estes países foram submetidos, gerando por consequência a ideia de uma “supranacionalidade” em oposição ao *Outro*: antes o Europeu, hoje os Estados Unidos, nosso próspero vizinho. Tal concepção estaria, segundo a autora, expressa, principalmente nas manifestações artísticas latino-americanas. No caso das obras literárias em questão, esta sensação de comunidade teria inspirado Mario Vargas Llosa a transpor as barreiras do idioma e do território no sentido de unir as tradições literárias brasileira e peruana, recuperando décadas depois o discurso de Euclides da Cunha, mas também apresentando suas próprias concepções a respeito de um episódio que, antes de tudo, já estaria fixado na memória coletiva latino-americana através da dicotomia entre civilização e barbárie.<sup>170</sup>

Rebeca relembra que *Os Sertões*, obra responsável por “reavivar um desconhecimento que o Brasil tinha de si mesmo”, foi elaborada em consonância com o discurso ideológico de

<sup>168</sup> MEDEIROS E VENTURA. Llosa conta Canudos. Apud: Gutiérrez. **Vargas Llosa e o romance possível da América Latina**. Ibidem, p. 178.

<sup>169</sup> GUTIÉRREZ. **Vargas Llosa e o Romance possível da América Latina**. Ibidem.

<sup>170</sup> GUEDES, Rebeca. **Os Sertões e A Guerra do Fim do Mundo: a reescritura a serviço da memória**. Universidade Federal de Pernambuco, s.d.

sua época. O caráter descritivo e a objetividade científica de Euclides teriam sido substituídos na recriação de Canudos promovida por Vargas Llosa por uma ressignificação dos fatos que, não obstante as semelhanças, esteve mais preocupada em apresentar uma versão diferenciada para a Guerra de Canudos, também em consonância com as tendências literárias de sua época, do que em aproximar-se de outras interpretações já existentes. Nesse sentido, Llosa teria optado por um espaço-tempo diverso daquele apresentado por Euclides da Cunha, expandindo o cenário onde os eventos se desenrolam para além do fim do conflito, bem como para outras regiões além do interior da Bahia, tais como o Rio de Janeiro e Salvador. A inserção de novos atores, sobretudo buscando interpretar o discurso dos canudenses, e a ampliação dos fanatismos para além das barreiras de Belo Monte seriam outros fatores que, de acordo com a autora particularizariam a trama vargallosiana em relação à de *Os Sertões*, obra que Llosa teria acolhido solidária e criticamente como fonte de inspiração.<sup>171</sup>

O já mencionado pesquisador Rinaldo Fernandes também teceu considerações acerca da recorrente aproximação entre *Os Sertões* e *A Guerra do Fim do Mundo*, bem como entre Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa. Segundo ele, a apreensão do conflito por parte dos escritores se diferencia, sobretudo quanto ao objetivo. Euclides estaria interessado em “traçar um grande retrato do conflito”, uma narrativa que abarcasse a totalidade da Guerra aliada à denúncia do que ao longo do tempo percebeu como sendo um crime. Vargas Llosa, por sua vez, fez ficção e no lugar dos dados científicos e jornalísticos de Euclides permitiu-se inventar situações e personagens, dos quais explorou a subjetividade do mundo psicológico.<sup>172</sup>

Para Rinaldo, embora o escritor peruano tenha gozado de liberdade criativa e do viés caricatural, sua reconstrução do ambiente histórico e social da Guerra é muito próxima do real e “dando-se os devidos descontos, o resgate histórico feito por Vargas Llosa é magistral”. No entanto, quando comparada ao clássico euclidiano, a trama engendrada por Llosa não teria apreendido o sentido profundo da Guerra e apesar de ser uma leitura válida “não penetra tão fundo na questão como o livro do brasileiro. Euclides entendeu e sentiu tanto o que estava em jogo que, republicano convicto, terminou optando por uma crítica radical ao modo de ser de nossa República”. Enfim, para Rinaldo a comparação é injusta, uma vez que a obra de Euclides estaria em larga vantagem, por ter “focalizado de perto o problema das nossas

---

<sup>171</sup> GUEDES. *Ibidem*.

<sup>172</sup> FERNADES. Rinaldo N. **Canudos sob a ótica de Mario Vargas Llosa**. Entrevista, por Carolina Bessa. Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/educador/canudos-sob-a-%C3%B3tica-de-mario-vargas-llosa>

disparidades sociais e regionais”, sendo por isso uma das mais importantes interpretações do Brasil.<sup>173</sup>

Como vimos, obviamente, é possível traçar paralelos entre as duas obras, e, além dos autores supracitados, outros já se dedicaram à isso<sup>174</sup>. O próprio Vargas Llosa já afirmou ter, por exemplo, se inspirado em Euclides da Cunha na elaboração de um dos personagens mais importantes da trama, o Jornalista Míope, uma vez que sua limitação visual representaria as diferentes perspectivas sob as quais Euclides, foi, ao longo do tempo, focalizando o conflito. De igual maneira, na narrativa vargallosiana, ao final da Guerra o Míope assume uma postura semelhante a de Euclides, ou seja, passa a compreender a dinâmica canudense de maneira mais clara, entendendo o conflito como um crime, que na nota preliminar de *Os Sertões* também somos convidados a denunciar.

Walnice Nogueira Galvão entende a associação entre o Jornalista Míope e Euclides da Cunha de maneira bastante diversa:

Não penso que tenha sido uma homenagem. Ele [Vargas Llosa] pegou *Os Sertões*, uma obra de arte, um monumento, uma coisa “complexíssima”, e transformou num best-seller, tirando toda essa complexidade, tornando uma coisa banal, e vendeu montanhas. O imperdoável é que ele tenha colocado Euclides, enquanto personagem de seu livro, como um jornalista míope e que perde os óculos na guerra. Isso é demais! É fácil proceder a uma análise psicanalítica: penso que ele tinha tanta inveja de *Os Sertões* que diminuiu o autor, tornando-o simbolicamente um míope sem óculos.<sup>175</sup>

Em contra partida, existem autores, como o já citado Efraín Kristal, e com o qual tendo a compartilhar de suas proposições, que apontam na direção contrária:

Vargas Llosa não reescreveu o livro de Euclides da Cunha com técnicas literárias diferentes, tampouco fez o seu próprio livro compreensível somente àqueles capazes de decifrar alusões à história e à literatura brasileira. Ele escreveu uma novela baseada no mesmo incidente histórico que *Os Sertões*, um trabalho de ficção baseado em um evento histórico e não numa versão literária de fatos históricos. Como Angel Rama apropriadamente coloca, *A Guerra do Fim do Mundo* é uma novela “que qualquer um pode ler sem conhecimentos prévios destes acontecimentos. É um produto puro da escrita vargallosiana”.<sup>176</sup>

<sup>173</sup>FERNADES, Rinaldo N. **Canudos sob a ótica de Mario Vargas Llosa**. Ibidem.

<sup>174</sup>Ver: GUTIÉRREZ. **Euclides segundo Vargas Llosa**. Ibidem; MEDEIROS, Marcos. Os Sertões: "A Gaiola de ouro". **Revista dos Encontros Literários Moreira Campos**. Ano 1 – Nº 1 – Abril-Julho de 2008.; REGO. **Vargas Llosa reescreve Euclides**: Uma proposta de Brasil. Ibidem.

<sup>175</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. Entrevista. **Revista E**. nº 154. São Paulo, 2009.

<sup>176</sup> KRISTAL. Ibidem, p. 127. (tradução livre)

Enfim, esta parece ser uma controvérsia difícil de ser finalizada. *Os Sertões* cumpre uma função antropológica de caracterizar a formação da sociedade brasileira, a habilidade de Euclides da Cunha, no entanto, legou à sua obra um tom épico e dramático, de modo que se tornou mais que plausível considerá-la enquanto obra literária. *A Guerra do Fim do Mundo*, por sua vez, é e sempre quis ser uma obra de ficção, garantindo ao autor uma liberdade criativa, da qual Euclides da Cunha certamente não pôde gozar. Fato é que ambas as obras detêm inúmeros méritos, fixando-se como leituras obrigatórias a todo aquele que deseje se aprofundar na temática de Canudos.

Segundo Mario Vargas Llosa, uma das tarefas da literatura é dar sentido ao real, “a realidade é caótica; não tem nenhuma ordem. Em troca, quando passada ao romance, sim, tem uma ordem”.<sup>177</sup> Nesse sentido, a opção por recontar a Guerra de Canudos, não obstante as razões já levantadas, passa também por essa questão. O capítulo seguinte é uma tentativa de interpretar de que maneira o autor peruano buscou dar sentido a alguns dos componentes desta guerra, cooptando as tendências literárias de sua época e aliando-as a maestria de sua pena.

---

<sup>177</sup> JOZEF, Bella. Em busca de um realismo rebelde. Jornal “**O Globo**”, 09 de outubro de 2010. Prosa e verso, p. 03.

### CAPÍTULO III - ENTRE O CÃO E O CORDEIRO: O CARNAVAL

O século XX foi palco privilegiado para o florescimento do romance na América Latina. Recentemente os mais destacados nomes vinculados ao fenômeno artístico que convencionou-se chamar de Nova Narrativa HispanoAmericana, ou simplesmente *Realismo Maravilhoso*, são os ganhadores do Prêmio Nobel de literatura Miguel Ángel Astúrias (1967), Gabriel García Márquez (1982) e Mario Vargas Llosa (2010).

Uma das características mais marcantes desta literatura é um novo tipo de atitude frente à realidade. Ela rompe com a insuficiência desta categoria e penetra no domínio da “fantasia”. A realidade passa por um processo de *ficcionalização*<sup>178</sup>, de modo que a barreira entre o real e o imaginário é quebrada. De acordo com Irleamar Chiampi o efeito anunciado pelo *Realismo Maravilhoso* é o encantamento, não há surpresa frente ao sobrenatural, uma vez que este é naturalizado dentro do discurso, não com o intuito de assinalar meras fantasias “ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais que singularizam a América no contexto ocidental”.<sup>179</sup>

Assim, frente à complexidade cultural americana, a visão da realidade se enriquece por um enfoque múltiplo, que renuncia à descrição linear e aborda o real em sua complexa e contraditória descontinuidade, incidindo sobre ele através de vários ângulos. “A ambigüidade enriquece o mundo de possibilidades do relato”.<sup>180</sup>

Estas características são expressas através de uma renovação da linguagem e de um tipo diferenciado de estruturação do discurso. As dimensões *espaço* e *tempo* são relativizadas, perdendo seus contornos. Existem nas narrativas várias perspectivas temporais e planos simultâneos, nos quais os limites se confundem<sup>181</sup>, como pudemos observar na estrutura escolhida por Mário Vargas Llosa para edificar boa parte de seus romances, inclusive *A Guerra do Fim do Mundo*. O ponto de vista é quase sempre móvel e imprevisível, podendo variar a gradação da escala, por vezes microscópica noutras telescópica.

No *Realismo Maravilhoso* a caracterização das personagens compartilha da mesma falta de linearidade que estrutura as narrativas. Os sujeitos são polissêmicos e ambíguos, sua ambivalência é homóloga à atmosfera múltipla em que está introduzida. O herói perde seu

<sup>178</sup>GARCIA, Flávio & BATISTA, Angélica Maria Santana. Do Fantástico ao Realismo Maravilhoso: outras estéticas, outros sentidos. *Caderno Seminal Digital* – Vol. 4 – Nº 4 – (Jul/Dez-2005). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005, p. 165-174.

<sup>179</sup>CHIAMPI, Irleamar. *O Realismo Maravilhoso*. São Paulo, Perspectiva: 1980, p. 59.

<sup>180</sup>JOZEF, Bella. *Romance Hispano-Americano*. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 154.

<sup>181</sup>CHIAMPI. *O Realismo Maravilhoso*. Ibidem, p. 158.

status de intocável e sua qualificação e exemplaridade é questionada, de modo que a contradição do romance seja universal. Em *A Guerra do Fim do Mundo* (1981), por exemplo, Mario Vargas Llosa explicita a relativização dos heróis, na medida em que figuras como Antônio Conselheiro e Coronel Moreira César, ícones opostos no conflito de Canudos, amargam por vezes a condição de meros figurantes na trama, dando suporte a outros atores historicamente menos ilustres, ao mesmo tempo em que se encontram submetidos aos mesmos desequilíbrios morais que acometem boa parte dos personagens.

Buscando sustentáculos nos postulados de Richard Morse, é importante assinalar que um dos primeiros passos para se compreender, de fato, este complexo fenômeno literário latino-americano é a correta diferenciação entre realismo fantástico, outra expressão bastante disseminada pela crítica, e *Realismo Maravilhoso*. O primeiro se refere àquilo que é contrário à “lei natural” das coisas, àquilo que não podendo ser explicado é, portanto, fantástico. Já o *Realismo Maravilhoso* diz respeito ao que é extraordinário, incomum, mas que, como dito anteriormente, está em consonância com o cotidiano, não provocando medo, dúvida ou espanto<sup>182</sup>. Enquanto o Maravilhoso naturaliza o sobrenatural, o Fantástico manifesta “a ambigüidade existente na coexistência de dois mundos antagônicos, que nunca poderá ser desfeita”<sup>183</sup>.

Irleamar Chiampi também chama atenção para a necessidade deste tipo de distinção:

Ao contrário da “poética da incerteza”, calculada para obter o estranhamento do leitor, o *Realismo Maravilhoso* desaloja qualquer efeito emotivo de calafrio, medo ou terror sobre o evento insólito. (...) O insólito, em ótica racional, deixa de ser o “outro lado”, o desconhecido, para incorporar-se ao real: a maravilha é(está) (n)a realidade. Os objetos, seres ou eventos que no Fantástico exigem a projeção lúdica de duas probabilidades externas e inatingíveis de explicação, são no *Realismo Maravilhoso* destituídos de mistério, não duvidosos quanto ao universo de sentido a que pertencem.<sup>184</sup>

Logo, embora, assim como no Fantástico, o *Realismo Maravilhoso* problematize o real, seus resultados são bastante diversos. Citando Alejo Carpentier, Morse acredita que dois grupos de verbos podem definir o fenômeno. Primeiro, “alterar” e “ampliar”, que colocam o *Realismo Maravilhoso* como produto de uma percepção deformadora da realidade partindo do

<sup>182</sup> MORSE, Richard M. *The Multiverse of Latin American Identity (1920-1970)*. In: BETHELL, L. (ed.). *Ideas and ideologies in twentieth century Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

<sup>183</sup> GARCÍA & BATISTA. *Ibidem*.

<sup>184</sup> CHIAMPI. *O Realismo Maravilhoso*. *Ibidem*, p. 59.

próprio sujeito, e também os verbos “revelar” e “iluminar” que situam o maravilhoso como um componente legítimo da realidade.<sup>185</sup>

### 3.1 FRONTEIRAS CARNAVALESCAS

Outra possibilidade interpretativa para a Literatura latino-americana do século XX propõe uma espécie de *continuum*, que defende o barroco enquanto conceito mais ou menos atemporal, que teria vigorado desde o século XVII e chegado ao século passado, mais precisamente nas décadas de 70 e 80, sob o nome de Neobarroco.<sup>186</sup>

A nossa América, ela própria uma encruzilhada de culturas, mitos, línguas, tradições e estéticas, foi um espaço privilegiado para a apropriação colonial do barroco, e o continua sendo para as reciclagens modernas e pós-modernas.<sup>187</sup>

Foi Severo Sarduy o primeiro a teorizar acerca desta tradição na literatura latinoamericana, primeiro em artigo intitulado *Barroco y neo-barroco* (1972), depois reformulado no ensaio *Barroco* (1974)<sup>188</sup>. Segundo ele, ao contrário dos barrocos do século XVII, os neobarrocos contemporâneos estão conscientes do seu barroquismo literário. No entanto para além de recriar fórmulas e procedimentos remotos, estes escritores foram beneficiados pela teoria bakhtiniana acerca dos carnavais medievais, incorporando em seus textos, sobretudo, a paródia de estilo carnavalesco.

Ao afirmar que boa parte dos escritores latinoamericanos desta época "instituyen, entonan y proclaman ese Carnaval que proponía Bakhtine"<sup>189</sup>, Sarduy ratifica uma das propostas do presente trabalho, qual seja, localizar a *Carnavalização* à maneira bakhtiniana enquanto importante chave de interpretação para um dos mais importantes romances da trajetória do peruano Vargas Llosa.

Com frequência é possível encontrar referências ao adjetivo “carnavalesco” para classificar algumas manifestações culturais importantes no nosso continente. Richard Morse,

<sup>185</sup> Sobre a diferenciação entre o Fantástico e o Maravilhoso, ver: “O estranho e o maravilhoso”. In: TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

<sup>186</sup> LABRIOLA, Rodrigo. Neobarroco na América Latina, teoria literária e incômodo epistemológico. **Revista Eutomia**. Ano I – nº2, s.d. p. 162-173.

<sup>187</sup> CHIAMPI, Irlemar. **Barroco e Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 01.

<sup>188</sup> LABRIOLA. *Ibidem*.

<sup>189</sup> SARDUY, Severo. **Ensayos Generales Sobre el Barroco**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1987. p. 286.



referindo-se ao Modernismo brasileiro disse: “Porque Semana de Arte Moderna foi zombeteira e carnavalesca, as sessões provocaram vaias e até mesmo brigas.”<sup>190</sup>

Sobre a Tropicália, movimento característico da segunda metade da década de 1960 no Brasil, a pesquisadora Dilmar Miranda afirma:

O Tropicalismo demarca, em tom de deboche, a data oficial da descoberta do país, diferentemente do tempo iniciático do país tropical, explicitando uma concepção carnavalizada.<sup>191</sup>

Finalmente, o *Realismo Maravilhoso* americano, nas palavras de Bella Josef foi

Lançado a um mundo de Carnaval, um mundo em que os papéis se trocam. As imagens grotescas e ambivalentes apresentam a vida como processo contraditório.<sup>192</sup>

Todas estas referências aludem a um princípio largamente utilizado tanto na crítica literária, quanto na antropologia. Porém, antes de verificar as implicações deste fenômeno para o desenvolvimento da narrativa latino-americana faz-se necessária uma breve explanação acerca do conceito desta carnavalização, que será imprescindível para minha análise de *A Guerra do Fim do Mundo* de Mario Vargas Llosa.

No clássico *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*<sup>193</sup>, ao examinar a relevância do riso de esfera pública no contexto da produção de François Rabelais, Bakhtin afirma que, ao contrário do que se passava nas festividades oficiais, o carnaval medieval representava uma espécie de libertação provisória das verdades e dogmas dominantes, bem como propunha a abolição temporária de todas as relações de hierarquia, privilégios, regras e tabus.<sup>194</sup>

Por ocuparem lugar de destaque no cotidiano da época, os festejos carnavalescos autorizavam uma série de ritos cômicos, possuidores de uma diferença fundamental em relação às modalidades festivas oficiais da Igreja e do poder feudal: eles arquitetavam, de acordo com Bakhtin, uma espécie de *segundo mundo* ou *segunda vida*, permitida somente em

<sup>190</sup>“Because Modern Art Week was taunting, carnivalesque and outrageously vanguard, the sessions provoked catcalls, even fistfights”. In: MORSE, Richard. *The Multiverse of Latin American Identity*, c. 1920-c. 1970. *Ibidem*, p.18.

<sup>191</sup> MIRANDA, Dilmar. Carnavalização e multidentidade cultural: antropofagia e tropicalismo. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 9(2): 125-154, outubro de 1997.

<sup>192</sup> JOZEF. *Ibidem*, p. 154.

<sup>193</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: HUCITEC, 1996.

<sup>194</sup> BAKHTIN. *Idem*, p. 8-9.

certas ocasiões especiais, que por ser oposta à oficialidade e ainda assim existir paralelamente à ela, dividia a realidade, dualizando o mundo.

Não obstante a semelhança com o teatro, as festividades na Idade Média situavam-se na fronteira entre o artístico e o cotidiano. De acordo com Bakhtin, há uma distinção basilar entre as formas teatrais e o carnaval medieval: neste último não há a interpretação teatral, tampouco qualquer diferenciação entre ator e espectador. O folião não observa passivamente o carnaval. Pelo contrário, compartilha-o, vive-o, uma vez que a festa é coletiva, universal. A lei da liberdade é o que dá o tom ao carnaval. “É a própria vida que é representada”<sup>195</sup>. De modo que já não há mais representação, senão vivência em si, fundada no princípio da ambiguidade e da festa.

As festas oficiais da Igreja e do poder feudal negavam a possibilidade desta segunda vida ao povo. Reiteravam o existente, o presente, pela celebração e exaltação do passado, pela reprodução ritualística do mesmo. O riso era, portanto, um corpo estranho para este contexto. Em contrapartida, a festa carnavalesca é o momento da total inversão dos poderes estabelecidos e dominantes. A forma simbólica da linguagem carnavalesca caracteriza-se principalmente pela lógica “ao avesso”, da dualidade. O riso carnavalesco medieval é “*ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente”<sup>196</sup>.

O que melhor justifica a utilização das teses bakhtinianas no corpo deste trabalho é a ampliação de sua abordagem sobre o fenômeno da carnavalização para além das práticas populares, isto é, para as narrativas que se utilizaram da linguagem carnavalesca, para a literatura que se desenvolveu prenhe daquela concepção carnavalizada do mundo. Entre as inovações linguísticas engendradas pelo fenômeno da carnavalização, Bakhtin destaca a incorporação do vocabulário familiar e vulgar das praças públicas, que privilegia o uso corrente de grosserias e expressões jocosas e ultrajantes que, em última instância, garantiam à festividade carnavalesca, o que Dilmar Miranda classificou como, um clima de “liberdade lúdica”.<sup>197</sup>

É também característica deste período surgimento das convencionais paródias sacras, expressas através de uma variada liturgia (liturgia dos beberrões, liturgia do porco), paródias

---

<sup>195</sup> MIRANDA. Ibidem.

<sup>196</sup> BAKHTIN. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Ibidem, p. 9.

<sup>197</sup> MIRANDA. Ibidem.

dos salmos, evangelhos e orações, inclusive das mais tradicionais, como o credo e a salve-Maria. O riso, a festa e o escárnio são transladados, portanto, para o contexto sagrado da fé.

Segundo Mircea Eliade, historicamente a oposição entre o sagrado e o profano “traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real”<sup>198</sup>. No entanto, de acordo com a lógica carnavalesca esses elementos se fundem, e desta fusão é que surge o sentimento de pertencimento à realidade, uma realidade nova, erigida pelo próprio Carnaval.

O antropólogo brasileiro Roberto Damatta, ao analisar o Carnaval no contexto brasileiro também aponta para as dicotomias celebradas durante a festa que é, segundo ele, “dominada pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora”, daí a constante necessidade da inversão e da aproximação dos opostos.<sup>199</sup>

De igual maneira, Bakhtin reconhece no processo de carnavalização ritos de inversões e violações simbólicas, nos quais outros pares ambivalentes – alto/ baixo, erudito/ popular, clássico/ grotesco – são também destruídos e reedificados, obedecendo à lógica, já citada, de “um universo às avessas”. Neste sentido, encontramos no sistema de imagens da cultura popular cômica a exaltação do “corpo grotesco”, do “baixo corporal”, vistos como princípios positivos e universais. Assim, há a valorização do corpo inferior, rebaixado, da impureza, da desproporção, dos orifícios. Em suma, nas palavras do mestre russo:

No *realismo grotesco*, a degradação do sublime não tem um caráter formal ou relativo. O "alto" e o "baixo" possuem aí um sentido absoluta e rigorosamente topográfico. O "alto" é o céu; o "baixo" é a terra (...) o alto é representado pelo rosto (cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro (...) Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento (...) E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: ambivalente.<sup>200</sup>

O que o autor conceitua como realismo grotesco seria, destarte, o conjunto de imagens tributárias da comicidade popular carnavalesca, da qual Rabelais, ao invocar em seus textos "o corpo, a bebida, a comida, a satisfação de necessidades naturais e a vida sexual", se constituiu enquanto paradigma universal, tornando-se, segundo Bakhtin, o grande poeta do "corpo" e do "ventre". Neste cenário, o riso apresenta-se sempre de maneira regeneradora, de

<sup>198</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Ibidem, p. 14.

<sup>199</sup> DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 49.

<sup>200</sup> BAKHTIN. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Ibidem, p. 17-18.

modo a assimilar tanto a morte quanto a vida, possuindo deste modo um valor negativo e outro positivo ao mesmo tempo.<sup>201</sup>

No entanto, Bakhtin aponta para o fato de que, a partir do século XVII, o riso começaria a perder sua vitalidade enquanto expressão da cultura popular. A estabilização dos novos regimes absolutistas teria impulsionado um novo tipo de postura cultural, alinhada ao unilateralismo e à oficialidade. Todavia, ainda que a ambivalência característica do grotesco não encontrasse mais lugar nesta nova cultura inaugurada pelos Seiscentos, ela não desapareceria, pelo contrário, continuaria a viver e a lutar por seu direito à existência. O grotesco ressurgiria, novamente, no Romantismo do século seguinte, de certa maneira como uma resposta contra os cânones do período, porém dotado de uma nova configuração e de uma visão de mundo mais subjetiva e individual, perdendo a influência direta do carnaval e das festividades populares. O riso assumiria, por fim, a forma de simples ironia ou sarcasmo, perdendo seu aspecto de jocosidade e alegria e seu potencial regenerador reduzir-se-ia drasticamente.

De acordo com Bakhtin, o Modernismo europeu do século XX trouxe consigo um novo ressurgimento do grotesco que se estenderia até a atualidade. No entanto, assim como o grotesco romântico, este “novo grotesco” se manteve afastado das fontes populares carnavalescas, atingindo o auge da negatividade ao negar o aspecto regenerador do conceito.

202

Aqui cabe frisar que o histórico do grotesco apresentado por Bakhtin diz respeito, sobretudo, ao contexto europeu desde a Antiguidade até os dias de hoje. Isto poderia levar o leitor a questionar-se sobre a plausibilidade de minha proposta de localizar em uma obra do século XX escrita por um peruano e que versa sobre um episódio da história brasileira aspectos da cultura carnavalesca descrita pelo crítico literário russo. Porém, ao descrever os carnavais da Idade Média e do Renascimento, Bakhtin descortinou também um método linguístico que, não raro, é expandido para além do mundo Rabelaisiano, podendo ser identificado em diversas obras não-européias. Este, acredito, é o caso da literatura aqui abordada.

---

<sup>201</sup> Abundam estudos recentes acerca do papel do riso como elemento importante para a compreensão do mundo, algo largamente defendido por Bakhtin e absorvido em muitas interpretações sobre a América Latina, sobretudo, as literárias. Destaco as obras: ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002; MINOIS, Georges. História do riso e do Escárnio. São Paulo: Editora UNESP, 2003; MORREALL, John. **Taking laughter seriously**. Albany, State University of New York Press, 1983.

<sup>202</sup> BAKHTIN. Ibidem.

Parto do pressuposto que as considerações de Robert Stam sobre a propriedade das categorias bakhtinianas de carnavalização para o estudo de filmes brasileiros são extensíveis à literatura, mas especificamente para a singular produção de nosso continente.<sup>203</sup> Em texto, ainda sem tradução para o português, Stam classifica a carnavalização descrita por Bakhtin como a “ação de forças descentralizantes que militam contra o poder e a ideologia oficial”. Porém, ademais desta oposição entre carnaval e festa oficial “no interior” de uma cultura, Bakhtin assinalara uma oposição “entre” culturas: culturas de tipo fechada (auto-suficientes, “mortas”) e culturas de tipo aberta (permeáveis, ouvintes do outro).

Robert Stam identifica a América Latina enquanto continente possuidor de culturas abertas o que, entre outras coisas, possibilitou o traslado e a adaptação de elementos carnavalescos e da teoria bakhtiniana. Segundo ele, existem semelhanças entre as condições de produção intelectual na América Latina e na Rússia, terra natal de Bakhtin e, portanto, reduto de experiências para este autor. Ambos os ambientes estariam em condições de marginalidade, seus artistas seriam altamente politizados e, sobretudo durante o século XX, teriam sofrido com ações de censura e repressão.<sup>204</sup> Tais características comuns teriam contribuído para desencadear estratégias metafóricas, paródicas e alegóricas que, em última instância, demonstrariam certa familiaridade dos intelectuais com essas categorias. De modo que, embora Bakhtin não tenha se referido diretamente à América Latina, sua noção de carnavalização também faria muito sentido para o continente, uma vez que a paródia e o carnaval seriam “soluções ambivalentes” em face de uma situação social igualmente ambivalente, assimétrica e multicultural.

Recordemos que alguns dos predicados fundamentais da concepção carnalizada do mundo são a ambivalência e a ambiguidade. Portanto, apropriar-se deste conceito e reconstruí-lo como categoria implica necessariamente ressignificá-lo<sup>205</sup>, exigindo flexibilidade metodológica ao confrontá-lo empiricamente com novos contextos.

A nível de exemplo Stam desenvolve uma longa aproximação entre a antropofagia modernista e o carnaval bakhtiniano, comparação que dá título ao seu artigo, “Of Cannibals and Carnivals”. Segundo o brasilianista, a concepção de Bakhtin para o princípio da regeneração, através da valorização do grotesco e do baixo corporal, se aproxima da noção oswaldiana de deglutição, digestão do outro, a fim de também regenerar-se pela assimilação

---

<sup>203</sup>STAM, Robert. **Subversive Pleasures: Bakhtin, Cultural Criticism, and Film** (Parallax: Re-visions of Culture and Society). Baltimore: John Hopkins Press, 1989. (Tradução livre)

<sup>204</sup> Vale lembrar que se trata de um texto de 1989, momento bastante particular da história russa.

<sup>205</sup> Procuo aproximar-me aqui do conceito de apropriação de CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

do elemento estrangeiro. Ambos evocariam a dissolução de limites entre aquilo que é orgânico e o que é espiritual, bem como rejeitariam o ideal de beleza canônica, apresentando contra ele a beleza natural, que por ser natural, pode, por vezes, ser feia, deformada, brutal, enfim, grotesca.

Além de Stam, existem outros autores que consideram apropriada a aplicação das teorias bakhtinianas sobre o Carnaval ao contexto cultural latino-americano.<sup>206</sup> Segundo Angélica Corvetto-Fernández:

Aunque Bajtin parte de las investigaciones llevadas a cabo por los formalistas rusos, pretende quebrar el estrecho marco lingüístico-morfológico que limitaba a aquellas, desplegándolas hacia una dimensión antropológica y social.<sup>207</sup>

Seymour Menton, por sua vez, dedicou-se em *Historia verdadera del Realismo Mágico*, a definir as origens e principais características deste fenômeno em sua faceta latino-americana.<sup>208</sup> Ao delimitar seus aspectos mais marcantes, Menton chama atenção para a assimilação de categorias bakhtinianas, comparando a segunda vida proposta pelas festividades carnavalescas à relação dialógica existente nos romances latinoamericanos contemporâneos que sobrepõem dois mundos, o real e o sobrenatural.

É impossível tratar da literatura produzida na América Latina como um bloco único, afinal corre-se sempre o risco de cairmos nas armadilhas classificatórias. No entanto, busquei aqui delinear alguns traços em comum que podem dar a entender certos aspectos destas obras. Fato é que, esta literatura está constantemente se complexibilizando, traçando novos objetivos e propondo novos tipos de diálogos. O que me interessa em especial é aquele com a História, sobretudo na segunda metade do século XX. Obras como a de Mario Vargas Llosa, objeto

---

<sup>206</sup> Podemos citar: CORVETTO-FERNANDEZ, Angélica. El espacio-tiempo carnavalesco en dos momentos de la narrativa latinoamericana. **Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2000; FIGUEIREDO, Adriana Apararecida de. La fiesta del chivo ou a carnavalização de um ditador. **Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2005; GHIOLDI, Ernesto Martín. Situaciones de Transculturación a través de expresiones artísticas en Concierto Barroco de Alejo Carpentier. **Antropología Social**, nº9, Jan-Dez 2007, págs. 105-119; NATH, Silvana. Macunaíma: entre a carnavalização e o fantástico. **Anais do Colóquio Internacional de Estudos linguísticos e Literários**. Maringá-PR, junho, 2010; SERPA, Marcelo Helvecio Navarro. Alegorias políticas: da carnavalização à espetacularização da política da propaganda político-eleitoral e da eleição contemporâneas. **XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009**. SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

<sup>207</sup> CORVETTO-FERNANDEZ. Ibidem.

<sup>208</sup> MENTON, Seymour. **Historia verdadera del realismo mágico**. México: Tierra Firme, 2003.

desta pesquisa, corroboram a fala de Reinhart Koselleck segundo a qual, “história e romances podem ser equiparadas a dois vasos comunicantes”<sup>209</sup>.

Combinando a pesquisa histórica rigorosa e o talento narrativo de um dos maiores escritores da contemporaneidade, *A Guerra do Fim do Mundo* transporta o leitor de volta aos últimos anos do século XIX, apresentando-lhes uma versão singular para os acontecimentos que caracterizaram o conflito de Canudos, um dos episódios mais sangrentos da História do Brasil. Canibalizando diferentes teorias e interpretações e, sobretudo, desenvolvendo uma rica apreensão das tendências literárias de sua época, Mario Vargas Llosa “vestiu o chapéu do bufão carnavalesco” e deu novas roupagens a uma temática que parecia já levemente esgotada tanto pela historiografia quanto pela literatura. Daí a proposta de estudar sua obra amparada pelas categorias de Bakhtin, já transladadas ao nosso continente pelos autores acima mencionados.

Deste modo, as principais referências à carnavalização, repensada a partir das proposições bakhtinianas que, segundo acredito, podemos rastrear no interior de *A Guerra do Fim do Mundo*, dizem respeito, sobretudo, a: noção carnavalesca do mundo dualizado, apresentado na obra pela oposição entre o “universo da (pretensa) civilização” e o lógica erigida no interior do arraial de Canudos, que garantia significância à existência de cada um dos sertanejos e derrubava as fronteiras entre o oficial e o não-oficial; a *segunda vida* amparada pelo princípio da festa e da inversão, que se faz presente também na representação vargallosiana de Belo Monte; a recorrência ao sistema de imagens do chamado *Realismo Grotesco*, que no interior da trama chamam a atenção para a força instintiva do homem, geralmente associada somente aqueles indivíduos incultos formados pela aridez do sertão, mas que na trama de Llosa se estende aos mais diversos personagens, inclusive à elite intelectual; e, finalmente, a ambivalência e ambiguidade que aparecem como elementos fundamentais para a construção e caracterização dos personagens centrais da trama.

---

<sup>209</sup> KOSELLECK, Reinhart. *historia/ Historia*. Madrid: Minima Trota, 2004. *Apud*: SILVA, Daniel E. **O vermelho e o negro, crônica e romance**: uma leitura dos aspectos grotescos em Stendal. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

### 3.2 “AO AVESSO” SE CONSTRÓI A LÓGICA DE CANUDOS: o Carnaval em *A Guerra do Fim do Mundo*

*(...) Respondeu Jesus: “em verdade vos declaro: no dia da renovação do mundo (...) todo aquele que por minha causa deixar irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos, terras ou casa, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna. Muitos dos primeiros serão os últimos e muitos dos últimos serão os primeiros”.*

**Mateus 19, 28-30.**

Em artigo intitulado *A Ereção permanente* publicado pelo jornal *O Estado de São Paulo* em 1999, Mario Vargas Llosa demonstrou total conhecimento a respeito da obra bakhtiniana evocada neste trabalho. Ao dissertar sobre as peculiaridades do Carnaval de rua brasileiro, o literato peruano deixou transparecer sua admiração por essa categoria da manifestação popular. Segundo ele, se toda a humanidade tivesse a oportunidade de festejar os ritmos carnavalescos o mundo ganharia novas cores e, talvez, um pouco mais de paz e alegria. Todavia, o mesmo Vargas Llosa apresenta o contra ponto desse aparente transe coletivo no qual os foliões parecem mergulhar durante a festa, para o autor a vivência contínua do Carnaval traria “provavelmente, mais fome, desigualdades, loucura” a terra.<sup>210</sup>

O peruano se pergunta ainda, se não seria contrário a qualquer sensatez ou racionalidade tamanho esbanjamento verificado nos desfiles e fantasias que dão cor e brilho à festividade carnavalesca, sobretudo se levada em conta a época na qual o artigo fora produzido, qual seja, uma crise financeira que obrigou o então presidente Fernando Henrique Cardoso a comprometer a si e à nação com um empréstimo de mais de 40 bilhões de dólares. Vargas Llosa responde à questão positivamente: usar o dinheiro público para financiar festejos populares em meio a uma crise financeira parece, de fato, um absurdo. No entanto, suas opiniões soam inconstantes, pois ao mesmo tempo, o literato apela para a autenticidade e a validade do Carnaval no Brasil, contraditório por essência, e que nem grandes antropólogos, como seu amigo Roberto Damatta, haviam conseguido explicar a contento.<sup>211</sup>

Segundo Vargas Llosa, a teoria que melhor dá a entender o que ele próprio observou nas ruas do Rio de Janeiro, como um micro cosmos do que ocorria no restante do país, viria do outro lado do Atlântico. Sem nunca ter voltado os olhos para a realidade brasileira Mikhail Bakhtin foi quem propôs uma crítica acerca do que é o Carnaval, obviamente em observação a um contexto particular, que conseguiu dialogar de maneira generalizada com os mais

<sup>210</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **A Ereção Permanente**. O Estado de São Paulo. 28 de fevereiro de 1999.

<sup>211</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **A Ereção Permanente**. Idem.



diversos tipos de manifestações populares mundiais. Em suas palavras: “Tudo o que vi e ouvi nessa fulgurante semana carioca parece uma ilustração animada da tese de Bakhtin sobre a cultura popular, que ele desenvolveu em seu deslumbrante livro sobre Rabelais”<sup>212</sup>. Aliás, o próprio Rabelais já fora citado por Vargas Llosa como uma dos mestres da literatura mundial, o qual influenciou sobremaneira o seu ofício, ajudando-o a compreender aspectos essenciais da condição humana, ao lado de outros grandes nomes como Cervantes e Kafka.<sup>213</sup> Nota-se, portanto, que a obra de Bakhtin, sobretudo em suas concepções a respeito das formas carnavalescas de manifestação popular, figura entre o panteão das muitas influências sobre o pensamento vargallosiano e por que não dizer, por consequência, sobre sua literatura.

É nesse sentido, que Mario Vargas Llosa afirma que o Brasil é espaço privilegiado para a explosão do Carnaval à maneira de Bakhtin:

Irreverente, ferozmente sarcástico, aos padrões estabelecidos da moral e da beleza (...) negação vociferante das categorias sociais e das fronteiras que tendem a separar e a hierarquizar as raças, as classes e os indivíduos, uma festa que tudo iguala e confunde, o rico e o pobre, o branco e o negro, (...) que fulmina temporariamente os preconceitos e as distâncias e estabelece, num parêntese de ilusão, aquele mundo às avessas (...) no qual o "de baixo" triunfa sobre o "de cima" humano e impõe sua duvidosa liberdade.<sup>214</sup>

Certa feita, Roger Chartier, sobre seu conceito de apropriação, afirmaria que são as diferentes leituras de uma obra que conservam sua longevidade<sup>215</sup>. É nesse sentido que, tendo conhecimento do interesse e da ciência de Mario Vargas Llosa a respeito das teorias bakhtinianas sobre o Carnaval, sobretudo em sua aplicabilidade à realidade brasileira, bem como sabendo que a única obra de Vargas Llosa na qual o autor se debruça especificamente sobre um episódio da história brasileira é *A Guerra do Fim do Mundo*<sup>216</sup> não seria insensato supor, principalmente após uma leitura desta obra em questão, certos diálogos entre o romance de 1981 e as teorias do crítico literário russo.

Embora as obras de maior expressão de autoria de Bakhtin tenham sido produzidas entre as décadas de 1940 e 1950, o conturbado contexto europeu, no qual seu país de origem ocupava papel de destaque, contribuiu para que suas ideias demorassem a ganhar efetivamente o ocidente. Na década de 60 sua tese sobre Rabelais, bem como seu livro a

<sup>212</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **A Ereção Permanente**. Ibidem.

<sup>213</sup> VARGAS LLOSA, Mario. Em defesa do Romance. **Revista Piauí**, nº 37, outubro de 2009

<sup>214</sup> VARGAS LLOSA, Mario. **A Ereção Permanente**. Ibidem.

<sup>215</sup> Ver: CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro. Ibidem.

<sup>216</sup> Tradicionalmente o autor preferiu temas que tocassem a realidade de seu próprio país. *A Guerra do Fim do Mundo* (1981) e recentemente *O Sonho do Celta* (2010) rompem com essa constante.

respeito da poética de Dostoievski foram traduzidos para o inglês, alçando o nome do estudioso russo às salas de aulas de todas as universidades europeias e norte-americanas. Essas e outras obras somente ganhariam tradução para as línguas ibéricas a partir de finais de 1970. No entanto, de acordo com Clara Ávila Ornellas, muito antes destas primeiras traduções, antes mesmo de adentrar-se a década de 70 as teses bakhtinianas já eram debatidas e tematizadas por pós-graduandos de toda a América Latina:

Assim, se antes de se editar uma tradução brasileira Bakhtin era tomado como precursor de concepções inovadoras para os estudos discursivos, depois das primeiras traduções (1979/1981) foi grande o impulso que tomou o pensamento bakhtiniano no meio acadêmico.<sup>217</sup>

Nesse sentido, podemos afirmar que as décadas de 1970 e 1980 assistiram a um verdadeiro *boom* das teorias bakhtinianas de maneira generalizada. Conclusão esta que contribui para tornar ainda mais plausível a hipótese da presença de elementos carnavalizados, na acepção de Bakhtin, no interior de *A Guerra do Fim do Mundo*, haja vista que a obra foi produzida, entre pesquisa e redação, justamente neste intervalo de tempo, no qual as teses do mestre russo alcançavam sua maior consagração. Tendo em vista a declarada admiração de Vargas Llosa por tais teorias, essas suposições só tendem a aumentar.

Amparada, pois, nesta constatação, minha antropofagia da obra vargallosiana em questão assinalou para a utilização de, pelo menos, alguns elementos da visão carnavalesca de mundo. Tara Collington já apontou para o fato de que toda adaptação e/ou apropriação implica invariavelmente em uma deformação do texto-fonte, de modo que afirmar que Mario Vargas recorre a certos postulados bakhtinianos não quer dizer, de forma alguma, que iremos encontrar em seu romance referências explícitas e literais ao crítico literário russo, senão uma seleção de elementos que remetem à carnavalização proposta por Bakhtin, que neste caso apresenta-se como uma lente possível da qual o autor se vale para dar a entender a sua própria interpretação dos eventos narrados.<sup>218</sup>

Perguntado, certa vez, a respeito dos motivos que o fizeram apaixonar-se pelos eventos que se desenrolaram durante a Guerra de Canudos, Vargas Llosa esclareceu que desde o início de sua empreitada literária uma dúvida o perseguira, e a necessidade de saná-la o impulsionava, qual seja, o que teria concedido Antonio Conselheiro a seu séquito de

---

<sup>217</sup> ORNELLAS, Clara Ávila. Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões. **Espéculo. Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2010.

<sup>218</sup> COLLINGTON, Tara. Uma abordagem bakhtiniana para os estudos da adaptação. **Revista ECO-Pós**, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p. 132-142.

sertanejos que lhe garantiu tamanha adesão e fidelidade por parte destes últimos? A resposta para essa inquietação do autor viria a se apresentar durante seus muitos meses de pesquisa, sobretudo nas conversas com uma população campesina, “vaqueiros, párocos, cantadores ambulantes, agricultores”, na qual se mantinha não apenas viva, mas naturalmente magnificada a memória dos contos, mitos e peculiaridades de uma guerra considerada por eles o fato mais importante da história da região, amplamente contado, cantado e amplificado por um sem número de herdeiros desse passado.<sup>219</sup>

O literato peruano se dera conta de que a força do apelo conselherista evidentemente não contava com nenhum compromisso com a materialidade, uma vez que não havia qualquer possibilidade de alçar esses fiéis a um universo econômico ou político diferente daquele de extremo pauperismo e miséria à que já estavam lançados. O maior mérito do beato, segundo Vargas Llosa, fora transmutar essa condição subumana, segregada e humilhante a qual as massas sertanejas estavam submetidas em algo que, ao invés de rebaixá-los no sentido mais cruel do termo, era motivo de enobrecimento e dignificação. Ele “dizia coisas que podiam entender, palavras em que podiam acreditar”<sup>220</sup>. Assim, graças à prédica do Conselheiro o pobre convertia-se em eleito, e além da fé e da disciplina religiosa, o místico imputara no seio de cada um de seus seguidores o orgulho por ocuparem tal condição na terra, uma vez que era o sofrimento e a privação terrena que lhes garantiriam um lugar privilegiado nos jardins da vida eterna.<sup>221</sup>

É justamente nesse ponto que a interpretação vargallosiana começa a se diferenciar de tantas outras anteriores a ela, sobretudo aquelas produzidas poucas décadas depois do fim do conflito preocupadas em identificar em Antônio Conselheiro um mero manipular da ignorância coletiva. Mario Vargas Llosa mostra que o Conselheiro não apenas prometeu uma nova realidade aos seus fiéis, mas concretizou-a em Canudos, dualizando o mundo e promovendo no interior do arraial uma nova vida, diferente de tudo já experimentado pelos mandonismos do sertão.

De acordo com Bakhtin, o exercício de dualizar o mundo entre o popular e o circunspecto é uma prática existente desde as civilizações mais primitivas, mas que por não serem sociedades classistas e, portanto, não possuírem um Estado altamente regulador, ambos os segmentos da vida cotidiana eram considerados sagrados ou, simplesmente, oficiais. A evolução das relações humanas iria, posteriormente, impor uma esfera organizadora da

<sup>219</sup> SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. Ibidem, p.46-47.

<sup>220</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. Ibidem, p. 29.

<sup>221</sup> SETTI. **Conversas com Vargas Llosa**. Ibidem, p. 47.

sociedade, considerada superior às práticas estritamente populares, subjugando-as à marginalidade. Este processo iria, por conseguinte, complexibilizar gradativamente estas práticas, garantindo-lhes força também por terem de se expressar sempre à borda da oficialidade e por fim convertendo-as em formas fundamentais da sensação popular no mundo, o próprio Carnaval, sensação esta que parece inundar as páginas do romance vargallosiano.<sup>222</sup>

A narrativa de *A Guerra do Fim do Mundo* começa pelo relato das primeiras andanças de Antonio Conselheiro pelo sertão nordestino, já caracterizado com os trajes e postura pelos quais se tornaria conhecido. Desde o início Vargas Llosa enfatiza o conteúdo norteador do seu discurso, que fala do presente, do agora, “coisas práticas, cotidianas, familiares, como a morte, que conduz à felicidade se entrar nela com a alma limpa, como a uma festa”.<sup>223</sup> Uma festa que viria a se iniciar antes mesmo dos fins dos tempos, em terra, quando reunidos pela fé no Bom Jesus, os escolhidos encontrariam paz, abundância e alegria na *segunda vida*, festiva e livre que o arraial criado por ele iria inaugurar. Em todas as fases da história, o Carnaval narrado por Bakhtin, se manifestou em momentos de crise, de transtorno na vida, na sociedade e no homem. Daí a necessidade de uma liberação temporária, das verdades dominantes e opressoras do mundo oficial e do regime vigente.<sup>224</sup> Na esteira desta tendência, dada a crise que se instaurava no Brasil em finais do século XIX, potencializada pelas condições de abandono do sertão, no qual chegavam poucas notícias a respeito de um novo regime político que colocava em cheque as crenças mais primitivas de uma sociedade de moldes patriarcais, como a sertaneja, foi que Mario Vargas Llosa optou por buscar entender a formação de uma alternativa consciente a essa realidade que se impunha violentamente, uma alternativa que manteve-se viva, atuante e, acima de tudo, coerente, por quase meia década.

Nas palavras do literato peruano, “escrever um romance é como segurar um espelho que parece refletir a vida real, mas na verdade deforma a vida real, acrescenta toques frescos, reformula-a”.<sup>225</sup> De fato, embora tenha se empenhado em buscar um aporte teórico considerável que lhe concedesse bases sólidas para uma narrativa de fundo histórico, não foi intenção de Vargas Llosa construir em *A Guerra do Fim do Mundo* um relato menos ficcional que os seus romances anteriores. O autor reinterpretou a guerra e, valendo-me de suas próprias palavras, acrescentou algo novo às diversas vozes que já haviam se debruçado sobre

<sup>222</sup> BAKHTIN. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o Contexto de François Rabelais. Ibidem, pág. 05.

<sup>223</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. Ibidem, p. 17.

<sup>224</sup> BAKHTIN. Ibidem, p. 08.

<sup>225</sup> VARGAS LLOSA. *Apud*: GODSOE, Travis. **Mario Vargas Llosa's Carnival**: Caricature in The War of the End of the World. MFA Sarah Lawrence College, s.d. (tradução livre)

ela. O primeiro indício dessa reformulação do “real” operada por Vargas Llosa está na maneira como o Arraial de Canudos é retratado em suas linhas.

Por diversas vezes ao longo do romance, diferentes personagens se referem a Canudos e aos sertanejos que lá habitam recorrendo ao absurdo, ao inexplicável e à ausência de lógica para caracterizar aquilo que observam no seu cotidiano, nas relações que estabelecem com seu líder e mentor e na ideologia aparentemente retrógrada que propagam. Todavia, essas manifestações de incredulidade são engendradas invariavelmente por observadores distantes do arraial, que obtêm notícias a respeito do mesmo sempre por meio de terceiros, e que tampouco estiveram, de fato, na presença real dos canudenses e apenas reproduziam o discurso da maioria. É o caso do anarquista Galileo Gall que, perdido nos rincões sertanejos, “voltou a sentir essa sensação de pesadelo, de fantasia, de absurdo”<sup>226</sup>, perdendo seus referenciais como se tivesse sido abduzido a uma realidade até então incógnita:

Descobriu, assombrado, que não tinha idéia da data: nem dia nem mês. O ano só podia continuar 1897. Era como se nesta região que percorria incessantemente, ricocheteando de um lado a outro, o tempo fosse abolido, ou fosse um tempo distinto, com seu próprio ritmo.<sup>227</sup>

O mesmo acontece com o lendário Coronel Moreira César que, durante os combates da 3ª expedição contra Canudos, observando a garra e a fúria com que os guerreiros canudenses entregavam suas próprias vidas em campo, “sente-se estranho, hipnotizado e lhe passa pela cabeça a absurda idéia de que não está vendo aquilo que vê”.<sup>228</sup> Ainda mais revelador é o depoimento do Jornalista Míope, quando já completamente envolto nos meandros da guerra, desamparado de seus óculos, encontra abrigo em um dos casebres do arraial. Saudoso da tranquilidade da redação do *Jornal de Notícias*, onde produzia matérias que, ainda que não correspondessem *stricto sensu* à realidade, encontravam sua lógica no discurso ideológico propagado pelo editorial, o correspondente se lamenta das condições do refúgio que o destino o reservara: “aqui, algo distinto à razão ordena as coisas, os homens, o tempo, a morte, algo que seria injusto chamar loucura e, geralmente, chamar fé, superstição”.<sup>229</sup> Estes personagens podem ser considerados intérpretes da própria condição de estrangeirismo do autor<sup>230</sup>, distante de Canudos não só no espaço, mas também no tempo. No entanto, Vargas Llosa mostrou-se capaz de superar este estranhamento inicial, buscando

<sup>226</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 294.

<sup>227</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Idem, p. 260.

<sup>228</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Idem, p. 311.

<sup>229</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Idem, p. 365.

<sup>230</sup> GUTIEÉRREZ, Angela. *Vargas Llosa e o Romance Possível da América Latina*. Ibidem, p. 182.

soluções para compreender a realidade que os documentos, os recortes, as imagens e os depoimentos do passado lhe apontavam.

De fato, quando tratamos a *Canudos* elaborada pela pena de Mario Vargas Llosa não há como negar a razoabilidade da fala do Jornalista Míope, “lá, nada era normal”, uma vez que aparentemente a intenção do autor foi construí-lo às avessas. A oficialidade do mundo não cruzava os portões do Arraial de Canudos, ali o universo era regido por regras próprias, alheias ao exterior. De modo que, como nos carnavais caracterizados por Bakhtin, um “segundo mundo” era inaugurado, não de maneira mecânica ou artificialmente manipulada, senão como percepção real de quem, de fato, vive o estado carnavalesco do mundo.

Ao optar por narrar para além da história dos vencedores e, pelo contrário, localizar nos vencidos o grande centro norteador de sua escrita<sup>231</sup>, Vargas Llosa descortinou aos seus leitores a racionalidade contida no discurso e na vivência de *Canudos*. Por viverem tão intensamente o Carnaval, os canudenses prescindiram da lógica natural do mundo dito oficial, civilizado. Em contraste com a extrema segregação social que norteia as relações humanas, característica não só do Brasil, senão de toda a América Latina, a *Canudos* de *A Guerra do Fim do Mundo* propõe a abolição de todas as relações de hierarquia, planificando a sociedade.

Não obstante a patente constatação historiográfica de que o arraial canudense jamais se caracterizou enquanto uma sociedade absolutamente igualitária, “havendo distinção até visível entre mais ricos e mais pobres, como a aparência das casas”<sup>232</sup>, em sua recriação literária Vargas Llosa optou por hiperbolizar a ausência de contrastes sociais, apontando sempre, para o ideal de fraternidade coletiva que, de fato, norteava as relações entre os sertanejos. Fora de *Canudos*, o que se observava eram “povoados fantasmas, fazendas desertas, caravanas de esqueletos que ficaram à deriva”<sup>233</sup>. No entanto, adentrando o vilarejo religioso o panorama se transformava, a alienação do mundo desaparecia provisoriamente e, tal qual teorizou Bakhtin, “o homem tornava-se a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes”<sup>234</sup>. Na descrição de Vargas Llosa isso se traduzia em um espaço/tempo diferenciado, no qual “a diversidade humana coexistia (...) sem violência, em meio de uma

<sup>231</sup> Os termos vencedor e vencido são usados somente a nível de praticidade interpretativa, uma vez que no entender do próprio Vargas Llosa, o qual compartilho, a Guerra de *Canudos* causou destruição, morte e instabilidade em ambos os lados, motivados pela incompreensão mútua do outro, não deixando espaço para qualquer tipo de vitória, nem mesmo a política.

<sup>232</sup> GALVÃO. *O Império de Belo Monte*. Ibidem, p. 47.

<sup>233</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 88.

<sup>234</sup> BAKHTIN. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. Ibidem, p.8.

solidariedade fraterna e um clima de exaltação que os escolhidos jamais tinham conhecido (...) um mundo de uma liberdade muito particular”<sup>235</sup>.

No interior de Canudos a ordem natural se invertia. Aos olhos dos sertanejos a irracionalidade se encontrava não na adoração de um Messias terreno, tampouco no desprendimento do mundo material em prol da espera vigilante do fim dos tempos, mas na resignação a um regime político, ou àquilo que entendiam como uma forma opressora de liderança social, que ao invés de ampará-los e protegê-los, sufocava-os com a cobrança de impostos desproporcionais à sua realidade, ademais de questionar e pretensamente usurpar o poder e as competências daquilo que desde os tempos mais imemoriais havia guiado sua forma de vivência, isto é, a Igreja e a explicação religiosa do mundo. Assim, reunidos sob uma mesma perspectiva cosmológica, os canudenses pareciam ter encontrado de fato o sentido e a razão de suas existências, aplacando as incertezas que outrora os afligiram. É o que resume o relato do comerciante de Canudos, Antonio VilaNova:

E aqui, em Canudos, como lhe recordava o Conselheiro, tinha aprendido a somar, a encontrar sentido às coisas, uma razão última para tudo o que fazia e isso o tinha liberado desse temor que, antes, em certas noites de insônia, enchia suas costas de suor gelado.<sup>236</sup>

A inversão carnavalesca promovida por Mario Vargas Llosa na caracterização do universo de Canudos vai ainda mais além. Se a frase do frenólogo Galileo Gall, “a Idade Média está viva aqui” possui algum sentido, este se encontra na forma como o autor propõe um arraial que não é apenas regido pela religião, fraternidade e espírito comunitário, mas um arraial que tem como um dos seus artifícios mais contundentes, o elemento festivo, ligado ao que Bakhtin classificou como “princípio de renovação”, isto é, a ideia da morte, invariavelmente associada à noção de ressurreição e por isso, de um novo começo<sup>237</sup>. Mario Vargas Llosa ressuscitou as *Velhas Grávidas* do Museu l’Ermitage de Leningrado, inserindo na racionalidade de Canudos a lógica da regeneração, “a morte estava prenhe”<sup>238</sup>. A reflexão do Jornalista Míope novamente nos revela este aspecto da interpretação vargallosiana a respeito de Canudos. Segundo o correspondente da guerra, os sertanejos davam mais importância à morte que à vida, uma vez que esta era para eles “única esperança de

<sup>235</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 97 e 310.

<sup>236</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 326.

<sup>237</sup> BAKHTIN. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto François Rabelais. Ibidem, p. 25.

<sup>238</sup> Idem.

compensação, uma festa, como dizia o Conselheiro”.<sup>239</sup> Festa esta que se apresentava mesmo nos momentos mais críticos do conflito, como comprova a narração do autor a cerca da preparação dos guerreiros em dia de batalha:

Não tinham plano de batalha. Os estranhos viajantes se assombravam de saber que iam à guerra. Pareciam uma multidão festiva; alguns puseram seus trajes de feira. Tinham armas e lançavam morram ao Diabo e à República, mas até nesses momentos o regozijo de suas caras amortecia o ódio de seus gritos.<sup>240</sup>

As antíteses morte/vida, guerra/festa se ramificam durante o romance em outros pares que dão o tom da composição humana do arraial. Dor e contentamento talvez seja a contradição que melhor explica a lógica de Canudos, segundo a concepção proposta por Vargas Llosa. Inúmeras são as ocasiões nas quais o sofrimento aparece indissociável do júbilo e da satisfação, o que, em última instância, libertava os sertanejos das convenções dominantes da vida oficial, que associa felicidade à realização material e afetiva, garantindo a estes homens o direito de olhar e compreender o universo com novos olhos, carnavalizando-o, de modo a edificar “uma ordem totalmente diferente do mundo”<sup>241</sup>. É o que expressa a constatação de Antonio Conselheiro quando, em um de seus sermões, reflete sobre a condição daqueles que se converteram de uma vida de pecado, “sofreu da alma e do corpo. E o sofrimento da alma, sobretudo, é o que faz bons aos bons.”<sup>242</sup>

Este é, obviamente, um exemplo da lógica da “inversão do ônus” proposta pela Igreja Católica, bem como por outras doutrinas, e expressa, sobretudo, no sacramento da penitência e na noção de sacrifício, ou paixão, que de acordo com Maurice Blondel “implica a ideia de um bem sensível que é oferecido ou destruído em honra de um ser superior, a fim de atestar a sua soberania e, subsidiariamente, para obter proteção, perdão, ou graça.”<sup>243</sup>. Esta troca simbólica, geralmente consiste em oferecer à divindade da qual se pretende alcançar algum benefício uma imolação tal como o comprometimento em realizar um tipo específico de reza, novenas ou rosários, também em privar-se de prazeres cotidianos e ainda, em casos extremos, promover castigos corporais que possam expressar a contento, segundo a crença do fiel, o arrependimento e o desejo de conversão. Nas páginas de *A Guerra do Fim Mundo* este

<sup>239</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 473.

<sup>240</sup> VARGAS LLOSA. Idem, p. 79.

<sup>241</sup> BAKHTIN. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto François Rabelais. Ibidem, p. 30.

<sup>242</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 159.

<sup>243</sup> BLONDEL, Maurice. Apud: PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. *Revista de Estudos da Religião*, nº 3, 2003, p. 67-98.



preceito é carnavalizado através da recorrência à “violação das proporções”<sup>244</sup>, isto é, à hipérbole e ao exagero que permitem que os sertanejos de Canudos ofereçam não apenas sacrifícios em nome do Bom Jesus Conselheiro, mas as próprias vidas e, para além disso, acreditam ser justo arrancar a vida do inimigo, apresentando-a como prova de devoção. O líder de Canudos ao iniciar o apóstolo João Grande, outrora sanguinário assassino, na Guarda Católica revela essa faceta de sua crença:

Você formará a Guarda Católica — repôs o Conselheiro —. Mandará. Sofreu muito, está sofrendo agora. Por isso é digno. O Pai disse que o justo lavará as mãos no sangue do pecador. Agora é um justo, João Grande.<sup>245</sup>

Deste modo, apesar da morte, da dor e da guerra serem temas recorrentes na representação que o literato peruano engendrou para vilarejo canudense, é fato que estes tópicos, invariavelmente, não se traduziram em tristeza ou consternação para os sertanejos. O mais próximo disso que podemos observar é, talvez, uma mescla de ansiedade e nervosismo frente à eminência dos conflitos. No entanto, sempre confortados pela certeza da vitória. Neste ponto, me arrisco a supor que Vargas Llosa tenha se amparado ou simplesmente encontrado inspiração na tradição ensejada desde os primeiros relatos sobre a organização do Arraial de Canudos em finais do século XIX, e já debatida em nosso primeiro capítulo, de buscar no humor e no risível chaves para a representação dos episódios da guerra, tendência catalisada, sobretudo, nas páginas dos diversos folhetins produzidos pela imprensa da época. O próprio autor afirma “ter lido praticamente tudo o que se escreveu até então sobre a Guerra de Canudos”<sup>246</sup>. Sem dúvida as paródias, deboches, escárnios e piadas impressos pelos jornais brasileiros não passariam despercebidos aos olhos atentos do escritor peruano. Percebendo essa carnavalização natural na representação dos eventos, Mario Vargas Llosa parece ter também se apropriado do potencial cômico destes relatos e, na esteira desta tendência que sempre norteou Canudos, acentuado nas linhas de seu romance algo deste humor que Walnice Nogueira Galvão chegou a classificar como “sinistro”, dadas as circunstâncias do conflito<sup>247</sup>, mas que em todo caso não é o elemento mais pujante da carnavalização promovida pelo autor.

Um dos principais personagens da obra, o Jornalista Míope, que teoricamente deveria representar um foco de civilidade e erudição no interior de um conflito movido pelo

<sup>244</sup> BAKHTIN. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto François Rabelais. Ibidem.

<sup>245</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 208.

<sup>246</sup> SETTI. *Conversas com Vargas Llosa*. Ibidem, p. 39.

<sup>247</sup> GALVÃO. *No Calor da Hora*. Ibidem, p. 33.

determinismo ideológico, é também uma das figuras mais risíveis da trama. Claramente desajeitado e pouco dado às relações pessoais, o correspondente da guerra se via constantemente em apuros ao ser afligido sempre inesperadamente e em meio às situações menos convenientes, como em suas entrevistas particulares com o Coronel Moreira César, figura mais ilustre do exército, por ataques incontroláveis de espirros que pareciam lhe abduzir da realidade. A sequência transcrita abaixo é um exemplar hilário de uma destas situações:

Sacode-o uma rajada de espirros tão prolongada que, um momento, crê deprimir-se. Dobrado em dois, os olhos fechados, os óculos na mão, espirra e abre a boca e desesperadamente tenta levar ar a seus pulmões. Por fim pode endireitar-se, respirar, e se dá conta que lhe golpeiam as costas. Coloca os óculos e vê o Coronel.<sup>248</sup>

Todavia, em outros momentos em que se observam referências ao riso no interior da obra vargallosiana não é possível afirmar que este cumpra integralmente as mesmas funções que o riso carnavalesco medieval descrito por Bakhtin, isto é, um riso festivo, alegre, universal e burlador. Esta referência só parece válida quando o cenário em que se desenrola o episódio é o próprio arraial, mostrando mais uma vez a aparente intenção do autor de localizar em Canudos um espaço de liberdade lúdica.

Temos, por outro lado, o riso de deboche de Epaminondas Gonçalves, proprietário do republicano *Jornal de Notícias*, diante do fanatismo revolucionário de Galileo Gall, bem como o riso irônico do Barão de Canabrava em um de seus debates políticos contra o mesmo Epaminondas e ainda o riso desgostoso do próprio Barão frente à inevitabilidade da guerra que viria a lhe tomar boa parte de suas propriedades e a sanidade de sua esposa. Bem diferente é o panorama em Canudos, no qual o riso aparece quase sempre de maneira coletiva, como “patrimônio do povo”<sup>249</sup>, durante e após as prédicas do Conselheiro que enchiam de esperança e certeza os corações sertanejos ou simplesmente o riso do pequeno Leão de Natuba ao ter a sua larga cabeleira acariciada pelas mãos calejadas do Conselheiro e também o riso satisfeito do jagunço Pajeú ao constatar que os soldados republicanos haviam caído em mais uma de suas armadilhas. Desnecessário multiplicar os exemplos.

Há ainda na narrativa de Vargas Llosa um grupo que se propõe unicamente a fazer rir e que raramente encontra lugar nos estudos acadêmicos que já se debruçaram sobre a obra: é o chamado “Circo do Cigano”. Segundo Angélica Corvetto-Fernández, os circenses que perambulam em comitiva pelo sertão do nordeste são a metáfora perfeita da concentração

<sup>248</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 312.

<sup>249</sup> BAKHTIN. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto François Rabelais. Ibidem.

visual do elemento carnavalesco. Isto porque é no Circo do Cigano que encontramos a ponte que liga a narrativa vargallosiana a outro elemento importantíssimo da concepção carnavalesca de mundo, o Realismo Grotesco. Composto por cerca de vinte seres bizarros, o circo atingiu seu ápice antes das secas do final do século XIX: “Nunca tiveram uma lona. As funções eram realizadas nas praças, nos dias de feira, ou na festa do santo padroeiro”.<sup>250</sup> Destacam-se entre seus integrantes a Mulher Barbuda, o Homem-Aranha, O Gigante, o Julião – tragador de sapos - o Bobo e, por fim, o mais célebre de todos, o Anão contador de histórias milenares capazes de entreter multidões. Note-se que todos estes personagens têm em comum o fato de possuírem deformidades físicas muito aparentes, refletindo o que, na lógica do sistema de imagens do grotesco, poderíamos traduzir como um inacabamento que representa um dos traços carnavalescos mais presentes na obra de Vargas Llosa, a ambivalência, uma vez que as distorções ou aberrações corporais que segregavam estes seres na sociedade cotidiana eram também o que lhes garantiam seu sucesso no mundo lúdico do circo, levando alegria e descontração aos mais distantes rincões dos sertões, onde não só eram aceitos como também aclamados por essa “anormalidade que os fazia sentir-se normais”<sup>251</sup>. A estética do belo forjada na época moderna não encontrava, destarte, lugar junto ao grotesco grupo comandado pelo Cigano, cujos artistas eram “la metáfora viviente del poder redentor del espacio carnavalesco”.<sup>252</sup>

Quando os espetáculos entram em decadência, seus integrantes se separam e um grupo ganha especial destaque, a saber: a Mulher Barbuda, o Anão e o Bobo. A Barbuda era uma espécie de liderança, o Anão um ser indefeso que necessitava constantemente estar conectado a alguém que lhe garantisse segurança, e o Bobo, portador de deficiência cognitiva, explodia em intermináveis ataques de risos nos momentos mais improváveis e inoportunos. Por ação do acaso, estes personagens acabam por se juntar a outros dois, igualmente emblemáticos, e que tornam o grupo ainda mais curioso: a sertaneja Jurema e Galileo Gall.

Os cinco andarilhos estabeleceram uma lógica de ajuda mútua. Assumindo a ambição de Gall de chegar até Canudos perambularam pelo sertão em busca de comida. Numa dessas andanças, exaustos pela caminhada, encontraram um pequeno povoado marcado pela miséria. Os circenses imediatamente iniciaram seu espetáculo, na esperança de conseguirem alguma esmola. Nesta ação, Mario Vargas Llosa consegue sintetizar o espírito do carnaval que permeia a integralidade de sua obra. Enquanto o Anão contava suas histórias, entretendo os

<sup>250</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 154.

<sup>251</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem.

<sup>252</sup> CORVETTO-FERNANDEZ, Angélica. El espacio-tiempo carnavalesco en dos momentos de la narrativa latinoamericana. Ibidem.

sertanejos, Galileo Gall inicia um discurso ideológico em um português quase ininteligível. A reação foi imediata, os homens começaram a se entristecer. A fala da Barbuda é reveladora:

- Burro! Burro! Ninguém entende você! Estão ficando tristes, aborrecidos, não vão nos dar nada pra comer! Toque na cabeça deles, conte o seu futuro, alguma coisa que os alegre!<sup>253</sup>

Somente o riso poderia transportá-los a uma realidade diferente da miséria em que se encontravam. Somente o riso seria capaz de inaugurar uma segunda vida para aqueles sertanejos. Entretanto em seu mundo particular, o Bobo foi quem melhor entendeu as palavras indignadas da Barbuda.

Angela Gutiérrez, debruçando-se sobre o significado do grupo circense no interior da obra vargallosiana, sem citar as proposições de Bakhtin, também se aproxima da noção da dualidade do mundo, que venho debatendo nestas linhas. Para a pesquisadora, o mundo ambulante do Circo do Cigano é o espaço do diferente, seja pelo grotesco de seus componentes, seja pela festa que propõe em oposição à desolação habitual dos vilarejos abandonados dos sertões do país. Nesse sentido, este espaço construído por Vargas Llosa se assemelharia ao próprio arraial de Canudos, porém este último iria um pouco mais além por ter conseguido materializar, de fato, uma realidade alternativa. Segundo Gutiérrez:

De alguma forma, [o circo é] metáfora de Belo Monte, mundo também povoado por seres marginais, sem lugar na sociedade, bandidos, assassinos, despossuídos (...) Em Belo Monte, porém, se todos são transportados para outro mundo pelas palavras do Conselheiro, são também instados à ação pela mesma palavra. Ao deixar a peregrinação pelo sertão, o Conselheiro vargallosiano tenta construir sua Jerusalém em vez de apenas vislumbrá-la pela palavra.<sup>254</sup>

A referência à deformação grotesca em *A Guerra do Fim do Mundo* não poderia deixar de tocar um dos personagens que melhor expressa essa categoria, o escriba de Canudos, nascido com o nome de Felício Pardina, mas que devido à sua aparência incomum ganhou a incômoda alcunha de Leão de Natuba. O personagem é a perfeita representação do monstro grotesco:

Nasceu com as pernas muito curtas e a cabeça enorme, de modo que os habitantes de Natuba pensaram que seria melhor para ele e seus pais que o Bom Jesus o levasse logo, pois no caso de sobreviver, seria entrevado e retardado.

<sup>253</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 233.

<sup>254</sup> GUTIÉRREZ, Angela. *Euclides segundo Vargas Llosa*. Revista Tensões Mundiais, s.d.

(...)Tudo foi nele raridade: que nascesse disforme em uma família tão normal como a dos Pardinias; em que pese a ser um despropósito adoentado, não morresse, nem padecesse enfermidades; que em vez de andar em dois pés como os humanos, fizesse-o de quatro patas; e que sua cabeça crescesse de tal maneira que parecia milagre que seu corpo miúdo pudesse sustentá-la.<sup>255</sup>

A despeito do humor que acompanha a caracterização do Leão, a ambivalência do grotesco se completa neste personagem quando constatamos que ele não apresenta pura e simplesmente deformações. Desde o início da caracterização do personagem Vargas Llosa optou por frisar sua condição de diferente, não apenas pela aparência física, mas, sobretudo, porque o Leão de Natuba é uma espécie de intelectual do sertão, “teve uma inteligência penetrante, uma mente ávida”.<sup>256</sup> Quando se converte e passa a compor o séquito de Antonio Conselheiro, o Leão é alçado socialmente e torna-se elemento indispensável para a vida diária do arraial. Um dos poucos sertanejos capazes de ler e escrever com maestria, o personagem ganha a função de escriba de Canudos, responsável por anotar todas as falas e “profecias” de Antônio Conselheiro. Na paródia promovida por Vargas Llosa, dali a alguns anos o Leão seria incumbido de escrever e editar o Evangelho do “Bom Jesus Conselheiro”, que deveria, em seguida, ser anexado à Bíblia Sagrada.

O Leão de Natuba permanecia acororado, a pena na mão e o papel no banquinho que lhe servia de mesa, os inteligentes olhos (...) fixos na boca do Conselheiro (...) O Beatinho instruíra-o para que permanecesse alerta, porque alguma das orações do santo podia ser uma “revelação”.<sup>257</sup>

Temos, destarte, na escrita do Leão o equivalente ao testamento paródico característico da paródia sacra carnavalesca do Renascimento<sup>258</sup>. Ao invés da *Liturgia dos Beberões* ou do *Testamento do Porco*, Mario Vargas Llosa nos apresenta o Evangelho segundo Antônio Conselheiro.

O pequeno monstro, que sempre fora motivo de medo e chacota em sua cidade natal, certa feita, tendo sido inclusive acusado de ser o responsável pela morte de um jovem, pela qual nutria sentimentos, por ser filho do Diabo, no Arraial de Canudos transformara-se no protegido do “Messias” e orgulhava-se imensamente por isso: “Como mudaram as coisas! Pensou em quão milhares o invejavam por estar dia e noite junto ao santo.”<sup>259</sup>.

<sup>255</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 103.

<sup>256</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem.

<sup>257</sup> VARGAS LLOSA. Idem, pág. 157.

<sup>258</sup> BAKHTIN. Ibidem p. 13.

<sup>259</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 266.

Neste ponto, é importante destacar que, segundo matéria citada no início deste capítulo, de autoria do próprio Vargas Llosa, o Carnaval em sua essência seria responsável por fazer existir “menos guerras, preconceitos, racismo, fealdade e tristeza no mundo”<sup>260</sup>. Ora, essa posição do autor está absolutamente expressa em sua caracterização do Leão de Natuba. Aliás, o escritor usa praticamente as mesmas palavras em sua obra quando descreve o ambiente de Canudos: “ocorreriam os milagres tão esperados: desapareceriam a miséria, a enfermidade, a fealdade.”<sup>261</sup>. De fato, Vargas Llosa apresenta Canudos como lócus de redenção, reino de maravilhas de abundância e da fertilidade, tal qual os banquetes festivos descritos por Bakhtin, como imagens do corpo coletivo e popular do realismo grotesco.<sup>262</sup> Assim descreve o autor:

Nunca tiveram que se preocupar com o alimento, pois eram frugais e recebiam dádivas por onde passavam. Dos humildes, que corriam a levar ao Conselheiro uma galinha, ou um saco de milho, ou queijos recém feitos, e também dos proprietários que, quando a corte esfarrapada pernoitava nas granjas e, por iniciativa própria e sem cobrar um centavo, limpava e varria as capelas das fazendas, mandavam-lhes com seus serventes leite fresco, mantimentos e, às vezes, uma cabrita ou um cabrito.<sup>263</sup>

A recorrência do autor às imagens grotescas atinge seu ápice pela frequente e claríssima presença da lógica da degradação e do rebaixamento. Não há qualquer pudor em sua obra em mostrar o homem reduzido ao próprio corpo, ainda quando essas imagens chocam o leitor, como na descrição dos corpos putrefeitos que são aos poucos absorvidos pela terra, como adubo para a vida ou ainda quando servem de alimento para o próprio homem, destituído de orgulho pela fome e pela miséria: “cadáveres corruptos e comidos pelas bestas e até por humanos”<sup>264</sup>. Todavia, é nas relações humanas que estes elementos do grotesco se apresentam com maior nitidez.

É interessante observar que boa parte da narrativa de *A Guerra do Fim do Mundo* é construída pelo relato da vivência, da experiência e das crenças de inúmeros e contraditórios personagens, de modo que o romance, como apontou Rinaldo Nunes Fernandes, seja na verdade um “mundo múltiplo”, no qual diversos pontos de vista se cruzam e entram em choque constantemente.<sup>265</sup> No entanto, embora estes atores emitam suas opiniões e atuem de

<sup>260</sup> VARGAS LLOSA. **A Ereção Permanente**. Ibidem.

<sup>261</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. Ibidem, p. 228.

<sup>262</sup> BAKHTIN. Ibidem, p. 18.

<sup>263</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. Ibidem.

<sup>264</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. Ibidem, p. 30.

<sup>265</sup> FERNANDES. Rinaldo N. **Mundo múltiplo**: uma análise do romance histórico “La guerra del fin del mundo”, de Mario Vargas Llosa. Ibidem.

acordo com elas, muito raramente eles dialogam entre si de maneira profunda ou se comunicam de modo a intercambiar vivências. Angélica Corvetto-Fernández observou muito bem que os contatos humanos no interior da obra são quase sempre brutais, a maior parte das vezes não se realizam através da linguagem, mas por meio do corpo: morte, violação e sexo.<sup>266</sup>

Ainda no início do romance vargallosiano temos a descrição chocante de uma cena na qual o jagunço João Abade, quando ainda era conhecido pela apodo de João Satã e terrificava os pequenos vilarejos do interior do nordeste, apresentando-se como filho do Anticristo, foi a Quixeramobim em busca de vingança contra uma mulher que outrora o havia traído. O homem não só a torturou e mutilou como autorizou o estupro coletivo de sua irmã de apenas 13 anos. Dias depois a menina reapareceria no povoado com o rosto marcado com as iniciais J.S (João Satã), carregando no ventre um filho e nas mãos “um cartaz explicando que todos os homens do bando eram, juntos, o pai da criatura”<sup>267</sup>. Em passagem semelhante, outro jagunço ainda não convertido, o ex-escravo João Grande assassina brutalmente a senhora que o havia acolhido desde criança, demonstrando intenso prazer na sessão macabra que realiza:

Despiu-a e ria dela, que, tremendo, cobria-se com uma mão os peitos e com a outra o sexo, e a tinha feito brincar de correr de um lado a outro, tratando de esquivar suas pedradas, ao mesmo tempo que a insultava com os insultos mais abomináveis que o Meninho tinha ouvido. Subitamente, cravou-lhe uma adaga no estômago e, já morta, encarniçou-se com ela lhe cortando os peitos e a cabeça. Logo, incitado, empapado de suor, dormiu junto à sangria.<sup>268</sup>

Em ambos os casos a satisfação e o prazer só puderam ser alcançados pela exploração do corpo em sua condição mais genuína e orgânica.

O sexo, no entanto, marca intensa presença na ficção vargallosiana desde suas mais antigas publicações, o bordel de *Pantaleón y las visitadoras* é exemplo decisivo desta opção do autor. Todavia, em *A Guerra do Fim do Mundo* este recurso aparece de maneira explicitamente exagerada, carnavalizada. As cenas do romance não são propriamente eróticas ou sensuais, poderiam ser classificadas como quase nauseantes. Como afirma Francisco C. Campos não seria equivocado classificar este erotismo de rabelaisiano, hiperbólico, animalesco, “mas por mais estranho que pareça, esse afloramento de sexo brutal e instintivo, é

---

<sup>266</sup> CORVETTO-FERNANDEZ, Angélica. El espacio-tiempo carnavalesco en dos momentos de la narrativa latinoamericana. Ibidem. (tradução livre)

<sup>267</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 71.

<sup>268</sup> VARGAS LLOSA. Idem, p. 40.

a representação metafórica do poder e da liberdade sobre as forças opressoras.”<sup>269</sup>, ou seja, está também em consonância com a concepção carnalizada do mundo, que desafia todas as convenções estabelecidas, neste caso inclusive as sexuais.

Segundo Angela Gutierrez, os romances de Vargas Llosa, sobretudo *A Guerra do Fim do Mundo*, expressam “uma alegoria da luta entre forças internas do homem: a que lhe é natural, instintiva e sexual (...) e a que lhe foi imposta pela necessidade de sobrevivência”<sup>270</sup> e é daí que explodem constantemente as cenas estranhamente eróticas nas obras do autor. De acordo com o próprio Mario Vargas Llosa:

el sexo es el territorio privilegiado en el que comparecen, desde las catacumbas de la personalidad, esos demonios ávidos de transgresión y de ruptura a los que en ciertas circunstancias, es imposible rechazar pues ellos también forman parte de la realidad humana.<sup>271</sup>

Assim, conforme o raciocínio do peruano, embora estas formas espontâneas, instintivas e incontrolláveis que habitam subterraneamente o espírito humano sejam potencialmente perigosas, pela violência com a qual podem aflorar, elas também não devem ser constantemente reprimidas, uma vez que, deste modo, corre-se o risco de empobrecer a vida terrena, sempre “ávida pela transgressão”.

De fato, transgressão, violação ou ruptura são bons adjetivos para definir a referência sexual de alguns dos personagens da trama vargallosiana, para os quais ocorre o “rebaixamento literal de tudo que é elevado”<sup>272</sup>, e não há mais ideologia, crença, erudição, apenas os elementos materiais e corporais. É este o caso da relação entre o anarquista Galileo Gall e a sertaneja Jurema.

O revolucionário Gall havia passado mais de dez anos de sua vida em total abstinência sexual, “o sexo tinha sido para ele , assim como o alimento, algo que aplacava uma necessidade primária e logo produzia tédio (...) Não podiam as necessidades sexuais desviá-lo do ideal?”<sup>273</sup>. O propósito de chegar a Canudos, local que acreditava aglutinar todos os elementos de uma comunidade aos moldes do comunismo, fez seu destino cruzar com o de Jurema, esposa de Rufino, guia que Galileo Gall pretendia contratar para conduzi-lo ao

<sup>269</sup> CAMPOS, Francisco C. *A gazeta de notícias do Rio de Janeiro (1896-7) e La guerra del fin del mundo (1981) de Mario Vargas Llosa*. Ibidem, p. 59.

<sup>270</sup> GUTIÉRREZ. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Ibidem, p. 181.

<sup>271</sup> VARGAS LLOSA. Apud: GUTIÉRREZ. Idem, p. 91.

<sup>272</sup> BAKHTIN. Ibidem, p. 18.

<sup>273</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 110.



arraial. No entanto, após escapar de uma tentativa de assassinato, o escocês se vê sozinho num cômodo com a sertaneja. Tomado pela adrenalina e a emoção do momento

corre atrás dela pela habitação, alcança-a, captura-a e, depois de tropeçar com o velho baú, cai com ela ao chão. Jurema esperneia, luta com todas suas forças, mas sem gritar. Só se escuta o ofego entrecortado de ambos, o rumor da resistência, o cacarejar das galinhas, o latido do cão, o tinido dos guizos.<sup>274</sup>

Interessante são as reflexões do anarquista escocês após ter realizado o ato de violência contra Jurema: “de algum modo, esta violência animal o liberava do desespero e dava um momentâneo sentido a sua vida”<sup>275</sup>. Não se arrependeu, pelo contrário, o que chamou de “estranha relação feita de susto e sêmen” serviu para que Gall compreendesse que o sexo, opostamente ao que ele acreditava, não atrapalhava seus ideais, de modo que doravante não teria mais que envergonhar-se de seu próprio corpo.

Esta sequência de *A Guerra do Fim do Mundo* representa um corte brusco no perfil que até ali vinha sendo construído a respeito do personagem Galileo Gall, um “idealista, desprezado, uma espécie rara de ser humano de sobrevivência impossível fora da literatura, um ‘Dom Quixote’ do século XIX”<sup>276</sup>, que de repente abandona provisoriamente suas crenças, rendendo-se irreversivelmente aos apelos do baixo ventre, ao mesmo tempo em que contradiz, pela violência de seu ato, a doutrina igualitária e libertária que sempre pregou.

Outras cenas de estupro preenchem as páginas do romance vargallosiano. A própria Jurema é novamente vítima do ataque de dois soldados que chegam a derrubá-la com intenções sexuais, mas não conseguem realizar o ato, pois são impedidos por Pajeú, um dos jagunços de Canudos, que posteriormente viria a se apaixonar pela moça, porém sem ser correspondido. Nem mesmo o interior dos regimentos do exército escapa aos episódios de violação. Em determinado momento nos é narrado o interrogatório do soldado Queluz, acusado de abusar sexualmente de outro oficial de apenas 15 anos. O mesmo soldado aparece em outra ocasião em uma cena de masturbação, motivada pela lembrança de “um soldado pálido e jovenzinho ao que ronda faz tempo e ao que esta manhã viu cagando, agachado detrás de um montículo de pedras, junto às aguadas”<sup>277</sup>. As cenas servem também para, de alguma maneira, insinuar a dessacralização da instituição do exército, que perde parte de sua compostura e identidade nas páginas da obra.

<sup>274</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Idem, p. 103.

<sup>275</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 293.

<sup>276</sup> CAMPOS. Ibidem, p. 58-59.

<sup>277</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 514

Não obstante a importância dos episódios acima narrados é indubitável que o estupro da mucama Sebastiana é, de fato, a cena do tipo que detém maior representatividade dentro do romance. Isto porque o autor da violência é o sábio e sensato Barão de Canabrava.

De acordo com Rinaldo Nunes Fernandes, o Barão é um personagem que conhece a história de todos os ângulos. Sabe ler o passado (“O Barão imaginou como as cóleras do velho deviam ter sido terríveis” – p. 306). Sabe ler o presente, haja vista que detém as opiniões mais acertadas sobre Canudos, os republicanos e sobre seu próprio partido. E sabe ler o futuro (“Todas as armas valem (...) É a definição desta época, do século vinte que chega senhor Gall” – p. 260).<sup>278</sup> Ao longo do romance, o personagem é, portanto, descrito como a encarnação da lucidez em meio a um ambiente de paixões desesperadas e parcialidade. Identificado nas últimas páginas com um camaleão, o Barão parece reunir todas as habilidades deste animal, invariavelmente adaptando-se ao jogo político que norteia a Guerra de Canudos, a fim de manter o *status quo*, que lhe garante sua posição dentro da elite do nordeste brasileiro. Deste modo, o Barão de Canabrava aparece na trama como uma pessoa que, sendo também vítima do caos, haja vista que perde boa parte de sua fortuna com a destruição causada pela guerra, está acima dele por seu equilíbrio e capacidade de percepção da realidade. Um resumo de sua condição pode ser captado pelas palavras do próprio personagem:

Muitos já se arruinaram, lá no interior—disse—. Eu perdi duas fazendas. Esta guerra civil vai afundar e matar muita gente. Se nós seguimos nos destruindo, qual será o resultado? Perderemos tudo. Aumentará o êxodo para o Sul e para o Maranhão. No que ficará convertida Bahia?(...) Evitemos que a República se converta aqui, como em tantos países latino-americanos, em um grotesco aquelarre onde tudo é caos, quartelada, corrupção, demagogia...<sup>279</sup>

A exaltação de sua intelectualidade somada às demais características positivas delegadas ao fictício Barão de Canabrava, a despeito de sua condição de rico fazendeiro do nordeste brasileiro e, portanto, alinhado aos “mandonismos” locais, levaram muitos estudiosos a associá-lo à atual posição política de Mario Vargas Llosa, ferrenho defensor do sistema capitalista.<sup>280</sup> Embora considere que em vários momentos da trama Vargas Llosa parece, de fato, falar pela boca do Barão, não é sensato afirmar que este último represente um alter-ego do autor no interior da obra, sobretudo porque nas palavras do Barão também podemos encontrar referências que em nada podem ser associadas ao pensamento intelectual

<sup>278</sup> FERNANDES. **Mundo Múltiplo**. Ibidem, p. 135.

<sup>279</sup> VARGAS LLOSA. **A Guerra do Fim do Mundo**. Ibidem, p. 344.

<sup>280</sup> Esta interpretação é potencializada pelo fato de Vargas Llosa, em entrevista concedida a Ricardo Setti, indicar o Barão de Canabrava como seu personagem preferido de *A Guerra do Fim do Mundo*. Ver: SETTI, Ibidem.

vargallosiano. Por exemplo, terminada a Guerra de Canudos eis a opinião do Barão acerca do que deveria ser feito com as memórias do episódio:

Esqueçamo-la, é o melhor. É um episódio desgraçado, turvo, confuso. Não serve. A história deve ser instrutiva, exemplar. Nessa guerra ninguém se cobriu de glória. E ninguém entende o que aconteceu. As pessoas decidiram baixar uma cortina. É sábio, é saudável.<sup>281</sup>

Ora, esquecer a Guerra foi exatamente a operação contrária realizada por Mario Vargas Llosa que mesmo depois de quase um século optou por ressuscitá-la através de sua pena, não deixando que seus episódios quedassem perdidos pelas sinuosidades do passado. E mesmo envolto em toda sua lucidez e equilíbrio, edificadas ao longo das quase 600 páginas de *A Guerra do Fim do Mundo*, também o Barão não escapou à carnavalização promovida pelo escritor e que, de alguma maneira toca também todos os personagens.

Mesmo a figura mais esclarecida de toda a trama foi também acometida por um momento de aparente insanidade. Nos desenlaces finais da obra, o Barão de Canabrava é tomado pela angústia de ter sua mulher, a Baronesa Estela, gravemente enferma. Pela descrição do autor, provavelmente em uma depressão profunda desencadeada pela invasão, depredação e incêndio de sua casa pelos revoltosos de Canudos. O Barão então, completamente alheio ao que se passava ao seu redor, como que abduzido pelos apelos do baixo corporal, invade o cômodo no qual estão dormindo sua mulher e a ex-escrava Sebastiana, e sem pensar em mais nada atira-se sobre a mucama, violando-a mesmo ao se dar conta que sua esposa, já acordada, o observava. Deste modo, o homem deixava de lado toda a sensatez que o acompanhara até ali e transmutava-se. Naquele momento “ele só era esse corpo esquentado, esse sexo agora sim acordado de tudo ao que sentia erguido, duro, úmido, expulsando contra seu ventre”<sup>282</sup>. Novamente Vargas Llosa faz uso do sexo como arma libertadora de tensões e opera quase que literalmente o rebaixamento grotesco teorizado por Bakhtin: o alto, a cabeça, a intelectualidade são trazidos abaixo para entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, possibilitando uma espécie de renascimento, expresso pelos sentimentos que o Barão descreveu horas depois do acontecido, “ternura e agradecimento”.

O grotesco atinge também o interior da própria religião parodiada por Vargas Llosa. Nos momentos derradeiros de Antonio Conselheiro, nos quais o beato já não consegue sequer levantar-se, permanecendo deitado e enfermo rodeado de seus fiéis discípulos, o escritor

<sup>281</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 353.

<sup>282</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 525.

peruano atinge “su mayor exaltación y estructura tipicamente carnavalesca”<sup>283</sup> ao promover uma alegoria do sacramento eucarístico, na cena na qual o Beatinho improvisa uma comunhão grotesca com os dejetos orgânicos expelidos pelo corpo moribundo do Conselheiro.

Ficaremos órfãos”, pensa uma vez mais. Então, o barulhinho que se desprende do catre, que escapa debaixo do Conselheiro o distrai (...) correm à sua volta, para levantar seu hábito, limpá-lo recolher humildemente isso que – pensa- não é excremento, porque o excremento é sujo e impuro e nada que provenha dele pode ser nem sujo nem impuro (...) Com feliz inspiração ele se adiantou, estendeu a mão entre as beatas, molhou seus dedos na aguinha e os levou à boca, salmodiando: “É assim que quer que o teu servo comungue, Pai? Não é isto para mim orvalho?” Todas as beatas do Coro comungaram também, como ele.<sup>284</sup>

A cena serve também para abrandar, e inclusive causar certa repulsa, à imagem doce, romântica e mítica que ao longo da trama temos a respeito do Conselheiro, que em certos momentos da narrativa também demonstra outras facetas de sua personalidade. Como por exemplo, quando obriga o Beatinho a levar amarrada à cintura uma cinta de penitência que rasga-lhe a pele ou ainda quando autoriza a expulsão do arraial de um grupo de mulheres, algumas grávidas, que haviam prestado serviços aos soldados do governo. Esta é, aliás, uma opção de Vargas Llosa para todos os seus atores, não há equilíbrio, nem tampouco regularidade na construção de seus perfis, “cada qual à sua maneira possui uma deformidade, se não física, moral”.<sup>285</sup> De modo que a ambiguidade é o referencial que dá o tom a caracterização de todos os personagens.

Já falamos aqui sobre a ambiguidade presente na representação do Leão de Natuba, dos integrantes do Circo do Cigano, do revolucionário Galileo Gall, do potentado Barão de Canabrava e do beato Antônio Conselheiro. Todavia, esta é uma constante que se estende a inúmeros outros contextos dentro da trama. Os discípulos de Canudos que têm suas histórias esmiuçadas pelo autor, quase que invariavelmente apresentam a dinâmica da conversão, discutida brevemente no capítulo anterior, na qual aparecem inicialmente em sequências nas quais demonstram suas rotinas de pecadores, até que encontram o perdão pela via do alistamento ao exército de fiéis de Antônio Conselheiro. Assim ocorre com os já citados João Grande e João Abade, bem como com a importante figura de Maria Quadrado, que anteriormente atormentada pelo infanticídio cometido contra o próprio filho em um arrebatamento de loucura, percebe na filosofia do Conselheiro a oportunidade de limpar-se de

<sup>283</sup> CORVETTO-FERNANDEZ, Angélica. *Ibidem*.

<sup>284</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. *Ibidem*, p. 498.

<sup>285</sup> CAMPOS. *Ibidem*, p. 141.

seus pecados. Posteriormente, a mulher ganha dentro do arraial status de santa, passando ironicamente a ser conhecida pelos sertanejos como “Mãe dos homens”.

Interessante é também o caso de Dom Joaquim, padre oficial da região, visto por muitos membros da Igreja como bêbado e promíscuo, dado seu fascínio pelo sexo feminino. O religioso havia inclusive estabelecido uma relação amorosa estável com Alexandrinha Correa, com qual mantivera um lar e filhos. Com o desenvolver do arraial de Canudos e a conversão de sua amante, o padre passa a aproximar-se dos devotos de Belo Monte. De modo aos poucos passa a frequentar e conhecer melhor o discurso religioso de Antônio Conselheiro, até que finalmente se rende a marginalidade de Canudos, abrindo mão de boa parte de suas crenças institucionais para frequentar, pregar e ministrar missas no arraial. No entanto, a nova fé professada pelo Padre Joaquim vai mais além, pois mesmo depois de capturado e torturado pelas forças do exército o homem não volta atrás em suas opções religiosas, bem como não delata nenhum de seus novos companheiros. Assim, Vargas Llosa inverte a ordem natural da hierarquia religiosa, e o carnaval de Canudos subverte a oficialidade da Igreja.

Por fim, após esta explanação, me parece mais que plausível afirmar a utilização de elementos carnavalizados por Mario Vargas Llosa na construção de *A Guerra de Fim Mundo*, apresentando a Guerra de Canudos como o embate entre dois mundos que se odiaram antes mesmo de se conhecerem. A ambiguidade presente no romance, bem como a recorrência a imagens distorcidas e deformadas é também metáfora coerente com muitas das representações que tiveram Canudos como mote. Afinal a visão que se tinha, no momento dos conflitos, em ambos os lados esteve também descomedida e deformada.

A cena final do romance catalisa muito que foi exposto neste capítulo. Em meio ao caos da destruição de Canudos, num entra e sai de soldados ensandecidos pela sede de vingança, um Coronel de nome Macedo sente-se inconformado por ter de deixar o arraial sem antes ter podido matar João Abade, jagunço contra o qual nutria especial repúdio. O episódio é bastante rápido. Ao caminhar em meio aos “andrajosos esqueletos” dos canudenses, o Coronel sente em seu calcanhar os dedos cadavéricos de uma sobrevivente “uma velhinha sem cabelos, miúda como uma menina, que o olhava através de suas remelas”<sup>286</sup>. O diálogo entre os dois é revelador:

---

<sup>286</sup> VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem, p. 553.

- Quer saber de João Abade? – balbucia sua boca sem dentes.
- Quero – confirma o Coronel Macedo. – Você o viu morrer?  
A velhinha nega e faz estalar a língua, como se chupasse alguma coisa.
- Fugiu, então?  
A velhinha volta a negar, cercada pelos olhos das prisioneiras.
- Uns arcanjos o subiram pro céu – diz, estalando a língua. – Eu vi.<sup>287</sup>

A cena faz lembrar o episódio de *Macunaíma* de Mario de Andrade, no qual Ci, a Mãe do Mato, optando por deixar este mundo após perder o filho, “subiu pro céu por um cipó”, passando a viver por lá “enfeitada de luz”<sup>288</sup>. Não se sabe se o destino do João Abade vargallosiano foi também o de virar estrela e iluminar do céu os destroços de Belo Monte. Importa, no entanto, observar a maneira como a velha canudense atesta este fato. Não há dúvida ou hesitação em suas palavras, ela havia visto. O que aos olhos desencantados do Coronel Macedo poderia soar como sandice, àquela mulher era nada mais que uma manifestação natural de seu próprio mundo, no qual o maravilhoso estava incorporado, de modo que nem mesmo nos instantes derradeiros de sua existência seu universo deixava de ter sentido.

---

<sup>287</sup>VARGAS LLOSA. *A Guerra do Fim do Mundo*. Ibidem.

<sup>288</sup>ANDRADE, Mario. *Macunaíma*. Versão digital: Arca Literária, p. 17-18.

## CONCLUSÃO

Zeitgeist. Palavra complexa e de muitas consoantes. De origem alemã foi introduzida por Herder no século XVIII, mas acabou ganhando os círculos acadêmicos por meio de Hegel e de sua *Filosofia da História*. Significa basicamente o “espírito de uma época”,

é o momento, o contexto em que o espírito está inserido (...) o espírito que paira sobre determinada época; é como um espectro que se sustenta em determinado período. Hegel, julgando ser impossível o homem delimitar o conhecimento em verdades eternas, defendia que inexistem verdades que não estejam diretamente vinculadas ao tempo, ao momento, ao contexto histórico de dada época.<sup>289</sup>

É certo que as duas principais interpretações literárias a respeito de Canudos, ou pelo menos as mais aclamadas, foram pensadas e executadas por seus criadores sob o efeito do Zeitgeist. O Positivismo, o cientificismo, os determinismos geográfico e biológico altamente difundidos e benquistos durante o século XIX brasileiro podem ser facilmente rastreados nas páginas de *Os Sertões*. No entanto, a obra de Euclides da Cunha logrou ultrapassar esses elementos e através de uma percepção aguçada acerca das mazelas sociais de nosso país transformou-se em um paradigma explicativo de nossa formação enquanto nação. É, portanto, uma obra ainda muito atual, de modo que jamais poderá ser definida e engessada pelo espírito de sua época.

*A Guerra do Fim do Mundo*, por sua vez, é também um exemplar privilegiado da nova narrativa hispano-americana desenvolvida, sobretudo durante a segunda metade do século XX, e que apresenta como uma de suas características mais evidentes o privilégio das temáticas de cunho social. Mario Vargas Llosa apreendeu boa parte das tendências literárias de sua época e, como procurei demonstrar em meu último capítulo, entre elas estava a noção de carnavalização literária elaborada por Mikhail Bakhtin tendo como paradigma o contexto europeu, mas que em pouco tempo converteu-se em uma categoria chave para o entendimento de outras realidades.

Tentei ao longo deste trabalho, principalmente evidenciar a recorrência de Mario Vargas Llosa a alguns dos elementos qualificadores da teoria bakhtiniana a respeito do carnaval, tais como, a ambiguidade dos personagens, as imagens grotescas e a exaltação de uma *segunda vida* erigida às margens da oficialidade. Acredito que estes recursos tenham garantido a *A Guerra do Fim do Mundo* a capacidade de apresentar ao leitor uma versão

<sup>289</sup> SOUZA, André Peixoto de. **Para Ler Hegel**: aspectos introdutórios à Fenomenologia do Espírito e à teoria do reconhecimento. “Leitura dos Clássicos”, FCJ/UTP, 2010.

absolutamente diferenciada acerca dos episódios da Guerra de Canudos, ainda que ficcional, haja vista que localizou nos pobres, nos fanáticos religiosos, nos esquecidos um dos motes principais de sua trama. Esses atores têm, portanto, seus discursos e ideologias explorados e interpretados, de modo a conferir sentido às suas crenças e, por conseguinte às suas ações.

As postulações bakhtinianas me abriram novos horizontes para explorar a obra de Vargas Llosa em meio a um universo de outras interpretações que já haviam sido elaboradas. No entanto, afirmar que em *A Guerra do Fim do Mundo* é possível encontrar elementos que nos remetem ao carnaval conceituado por Bakhtin não quer dizer, de maneira alguma, que esta é a análise definitiva para esta obra, afinal nas palavras de Hans Robert Jauss:

[A literatura] só logra seguir produzindo seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras, ou seja, por elas retomada — na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la. A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra.<sup>290</sup>

Nesse sentido, seria um equívoco restringir a obra vargallosiana à apenas uma ou duas interpretações. Classificá-la significa limitar seu horizonte de expectativas. Muitos ainda irão experimentar essa obra, sua riqueza é inesgotável, e desses leitores podemos esperar novos pontos de vista, novas considerações elaboradas quem sabe, sob a luz de um novo *Zeitgeist*.

---

<sup>290</sup> JAUSS, Hans Robert. A História da Literatura como provocação à Teoria Literária. *Apud*: GUEDES, Rebeca. **Os Sertões e A Guerra do Fim do Mundo**: a reescritura a serviço da memória. *Ibidem*.



## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ALVES, Lizir Arcanjo. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1997.

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**. Versão digital: Arca Literária. Disponível em: <<http://arcaliteraria.org/category/biblioteca>>. Acesso em: 13/01/2012.

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982.

ARAÚJO SÁ, Antonio Fernando. O cangaço entre a história e a memória. **Revista Canindé**, Xingó, nº 3, Dezembro de 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Brasília: HUCITEC, 1996.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**. São Paulo: Alfa-ômega, 1997.

BRAGA, Gabriel Ferreira. **Entre o Fanatismo e a Utopia**: A trajetória de Antonio Conselheiro e do Beato Zé Lourenço na Literatura de Cordel, 2011. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em História) – UFMG, Belo Horizonte, 2011.

BRANDÃO, Adelino. Os Sertões, uma revolução literária. Prólogo. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CALASANS, José. Canudos: Origem e desenvolvimento de um arraial Messiânico. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, nº 34, Salvador, Janeiro de 1987.

\_\_\_\_\_. O Coronel César. In: (Prefácio) FONTES, Oleone Coelho. **O Tremete-Terra**: Moreira César, a República e Canudos. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAMPOS, Francisco C. **A gazeta de notícias do Rio de Janeiro (1896-7) e La guerra del fin del mundo (1981) de Mario Vargas Llosa: uma análise comparativa entre o discurso republicano e a (re) criação literária**, 2007. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) – UNESP, Assis, 2007.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. **Barroco e Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COLLINGTON, Tara. Uma abordagem bakhtiniana para os estudos da adaptação. **Revista ECO-Pós**, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p. 132-142.

CORVETTO-FERNANDEZ, Angélica. El espacio-tiempo carnavalesco en dos momentos de la narrativa latinoamericana. **Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800. In: GONÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo maçônico, política e opinião pública na Corte Imperial**. Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH- Rio, 2010.

DOBROUKA, Vicente. Antonio Conselheiro, profeta do sertão? In: **História e Milenarismo**: ensaios sobre tempo, história e o milênio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Rinaldo N. **Canudos sob a ótica de Mario Vargas Llosa**. Entrevista, por Carolina Bessa. Disponível em <<http://multirio.rio.rj.gov.br/educador/canudos-sob-a-%C3%B3tica-de-mario-vargas-llosa>>. Acesso em: 20/09/2011.

\_\_\_\_\_. **Mundo múltiplo**: uma análise do romance histórico “*La guerra del fin del mundo*”, de Mario Vargas Llosa, 2002. Tese de doutorado (Estudos da Linguagem) – UNICAMP, Campinas, 2002.

FIGUEIREDO, Adriana Apararecida de. La fiesta del chivo ou a carnavalização de um ditador. **Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2005.

FIUZA, Adriana Ap. Figueiredo. A História na ficção de José Saramago e Mario Vargas Llosa: Confluências e Divergências. **Revistas Línguas e Letras**: Estudos literários, v. 6, nº10, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Entrevista. **Revista E**. nº 154. São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **No Calor da Hora**: A Guerra de Canudos nos Jornais – 4ª Expedição. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Império de Belo Monte: vida e morte de Canudos.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GARCIA, Flávio & BATISTA, Angélica Maria Santana. Do Fantástico ao Realismo Maravilhoso: outras estéticas, outros sentidos. **Caderno Seminal Digital** – Vol. 4 – Nº 4 – (Jul/Dez-2005). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005, p. 165-174.

GHIOLDI, Ernesto Martín. Situaciones de Transculturación a través de expresiones artísticas en Concierto Barroco de Alejo Carpentier. **Antropologia Social**, nº9, Jan-Dez 2007, p. 105-119.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GODSOE, Travis. **Mario Vargas Llosa's Carnival: Caricature in The War of the End of the World.** MFA Sarah Lawrence College, s.d.

GUEDES, Rebeca. **Os Sertões e A Guerra do Fim do Mundo: a reescritura a serviço da memória.** Universidade Federal de Pernambuco, s.d.

GUTIÉRREZ, Angela. Euclides segundo Vargas Llosa. **Revista Tensões Mundiais**, s.d.

\_\_\_\_\_. **Vargas Llosa e o Romance possível da América Latina.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

JOZEF, Bella. Em busca de um realismo rebelde. Jornal “**O Globo**”, 09 de outubro de 2010. Prosa e verso, p. 03.

\_\_\_\_\_. **Romance Hispano-Americano.** Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1986.

KOBYTECKA, Ewa. Mario Vargas Llosa: una realidad desdoblada o el procedimiento de los vasos comunicantes. **Revista Hipertexto**, Valladolid, 2006, pp. 50-64.

KOSELLECK, Reinhart. *historia/ Historia.* Madrid: Minima Trota, 2004. *Apud:* SILVA, Daniel E. O vermelho e o negro, crônica e romance: uma leitura dos aspectos grotescos em Stendal. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

KRAUZE, Enrique. Mario Vargas Llosa: vida y libertad. **Letras Libres**, nov. 2010.

KRISTAL, Efraín. **Tempetation of the Word: The Novels of Mario Vargas Llosa.** Nashville: Vanderbilt University Press, 1998.

LABRIOLA, Rodrigo. Neobarroco na América Latina, teoria literária e incômodo epistemológico. **Revista Eutomia**. Ano I – nº2, s.d. p. 162-173.

MADERUELO, Rafael Díaz. Algunos caracteres de la literatura de cordel en Brasil. **Revista Española de Antropología Americana**, nº XIX. Ed. Univ. Compl. Madrid, 1989.

MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da História: Hayden White e seus críticos**. Dissertação de Mestrado - UNB, Brasília, 2008.

MENTON, Seymour. **Historia verdadera del realismo mágico**. México: Tierra Firme, 2003.

MINOIS, Georges. **História do riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MIRANDA, Dilmar. Carnavalização e multidimensionalidade cultural: antropofagia e tropicalismo. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 9(2): 125-154, outubro de 1997.

MOREL, Marco. Em nome da Opinião Pública: a gênese de uma nação. In: **As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades a Cidade Imperial (1820-1840)**. São Paulo: Hucitec, 2005.

MORREALL, John. **Taking laughter seriously**. Albany, State University of New York Press, 1983.

MORSE, Richard M. The Multiverse of Latin American Identity (1920-1970). In: BETHELL, L. (ed.). **Ideas and ideologies in twentieth century Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NATH, Silvana. Macunaíma: entre a carnavalização e o fantástico. **Anais do Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários**. Maringá-PR, junho, 2010.

NITSCHACK, Horst. Mario Vargas Llosa: La Ficcionalización de la historia en La Guerra del Fin del Mundo. **Revista Chilena de Literatura**. Nov. 2011, Nº 80, p. 117-133.

OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 511-537, 2002.

ORNELLAS, Clara Ávila. Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões. **Espéculo. Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2010.

OVIEDO, José Miguel. Vargas Llosa en Canudos: versión clásica de un clásico. Prólogo. In: VARGAS LLOSA, Mario. **La Guerra del Fin Del Mundo**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1991.

PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, nº 3, 2003, p. 67-98.

Portal Portifolium: Laboratório de imagens. Disponível em: <<http://www.portfolium.com.br>>. Acesso em: 19/08/2011.

RAMA, Ángel. **La guerra del fin del mundo**: una obra maestra del fanatismo artístico. Crítica literaria y utopía en América Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, pp. 335-63.

REGO. Tarcísio G. **Vargas Llosa Reescreve Euclides**: Uma proposta de Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas, Estudos Literários, opção Literaturas Hispânicas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2010.

RODRIGUES. Raimundo Nina. A Loucura Epidêmica de Canudos (1897). **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**. Edição “Clássicos da Psicopatologia”, vol. III, n. 2, 2000, p. 145-157.

\_\_\_\_\_. **As coletividades anormais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p.131-133. *Apud*: HERMANN, Jacqueline. destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

ROMERO, Sílvio. *Apud*: CALASANS, José. **Canudos na Literatura de Cordel**. São Paulo: Ática, 1984.

SANTOS, Carlos. Território e Territorialidade. **Revista Zona de Impacto**, vol. 13, Setembro/Dezembro, ano 11, 2009.

SARDUY, Severo. **Ensayos Generales Sobre el Barroco**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1987

SERPA, Marcelo Helvecio Navarro. Alegorias políticas: da carnavalização à espetacularização da política da propaganda político-eleitoral e da eleição contemporâneas. **XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Machado de Assis: O cronista e a crítica da imprensa em Canudos. **Revista Armazém Literário**, ano 15, nº 345 – ago. 2005.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 129. *Apud*: EL YOUSSEF, Alain. Opinião pública e escravidão. Imprensa e política no Império do Brasil durante a vigência do tráfico negreiro transatlântico (1820-1853). **Almanack braziliense**, nº09, maio 2009.

SOUZA, André Peixoto de. **Para Ler Hegel**: aspectos introdutórios à Fenomenologia do Espírito e à teoria do reconhecimento. “Leitura dos Clássicos”, FCJ/UTP, 2010.

STAM, Robert. **Subversive Pleasures**: Bakhtin, Cultural Criticism, and Film (Parallax: Revisions of Culture and Society). Baltimore: John Hopkins Press, 1989.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

**Vargas Llosa e o indigenismo**. Disponível em: <<http://puertoelhueco.blogspot.com/2006/05/vargas-llosa-y-el-indigenismo.html>>. Acesso em 13 de agosto de 2010.

VARGAS LLOSA, Mario. A Ereção Permanente. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 28 de fev, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Guerra do Fim do Mundo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

\_\_\_\_\_. **Batismo de fogo**. Coleção Mestres da Literatura Contemporânea. Rio de Janeiro: Record/ Altaya, 1995.

\_\_\_\_\_. **Conversa na Catedral**. 2ed. São Paulo: ARX, 2004.

\_\_\_\_\_. Em defesa do Romance. **Revista Piauí**, nº 37, outubro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Historia secreta de una novela**. Editora Fabula Tusquet, 1971.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **História e Literatura**: Questões interdisciplinares. Universidade Federal do Paraná, s.d.